

O projeto de intervenção “Promoção da cultura Terras de
Miranda”: uma análise dos grupos de música no combate
ao insucesso e à desmotivação escolares

Mestrado em Medição Intercultural e Intervenção Social

Dissertação de Mestrado

Ana Patrícia Dias

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Ricardo Vieira

e

Professor Doutor Fernando Magalhães

Leiria, 29 setembro de 2025

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Mestrado em Medição Intercultural e Intervenção Social

Dissertação de Mestrado

O projeto de intervenção “Promoção da cultura Terras de Miranda”: uma
análise dos grupos de música no combate ao insucesso e à desmotivação
escolares

Ana Patrícia Dias

Com a orientação de

Professor Doutor Ricardo Vieira

e

Professor Doutor Fernando Magalhães

Leiria, 29 de setembro de 2025

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação acontece no meio de um turbilhão de emoções, com apoio fundamental, da família e amigos que tantas vezes me diziam que sou capaz.

Ao professor Ricardo Vieira, devo estar grata, pela orientação, pela paciência, pelo encorajamento que recebi, pelo seu saber, por tanto que nem haverá palavras que cheguem, já que poderia facilmente deixar de lado, ou para uma próxima oportunidade, esta estudante que quase desistiu do mestrado.

Ao professor Fernando Magalhães agradeço o empenho na coorientação deste trabalho.

Agradeço à minha irmã, que acreditou nas minhas capacidades, que me incentivou para um esforço contínuo, apesar de tantas vezes demonstrar cansaço e quase desistir.

Agradeço também, à minha querida amiga Daniela, por acreditar na minha capacidade, apoiar e incentivar à conclusão deste percurso e estar sempre disponível para me ajudar nas minhas dificuldades informáticas.

Ao meu namorado, à minha enteada, e também à minha filha que espero que possa um dia ler e orgulhar-se do que fiz. Que possa sentir e acreditar que somos capazes de fazer tudo aquilo que muito quisermos e por que muito lutarmos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo compreender a eficácia do projeto de intervenção PIICIE na ação - “Promoção da Cultura Terras de Miranda”, desenvolvido nas escolas de Miranda do Douro, concretamente com alunos que no ano letivo de 2020/21, frequentaram o 6º ano da EB de Sendim e o 11º ano do ensino profissional de turismo na EBS de Miranda do Douro, de modo a avaliar as transformações e motivações que a música tradicional pôde induzir nos alunos e comunidade educativa em geral.

Neste estudo avalia-se os efeitos desse projeto de intervenção socioeducativa, com a participação de alunos do ensino básico e secundário em grupos musicais, e de outros atores locais, nas transformações ocorridas, na motivação e envolvimento com a escola. Poderá a música local ser um elemento não só de união da comunidade, mas também de articulação intergeracional e contribuir para a motivação dos alunos e seu maior sucesso educativo? Essa era uma das intenções das medidas colaborativas entre a CIM-TTM (Comunidade Intermunicipal – Terras de Trás-os-Montes), Municípios e Agrupamentos de escolas – com Implementação do PIICIE (Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar).

O projeto de intervenção, integrado no Plano (PIICIE), tinha como propósito chegar às famílias e comunidade escolar com intenção de melhorar os resultados no que diz respeito ao insucesso e abandono escolar. A dissertação agora apresentada, corresponde, de algum modo, ao que Peres Serrano (2008) define como etapa de avaliação dum projeto de intervenção social, projeto que adiante apresentarei.

Palavras-chave

Mediação Intercultural, Mediação Sociopedagógica, O professor e a escola, Integração Social e Mediação Intercultural em contexto escolar, Música e Instrumentos musicais tradicionais, Animação e Desenvolvimento Local.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the effectiveness of the PIICIE intervention project in the action, “Promotion of Terras de Miranda Culture,” developed in schools in Miranda do Douro. With a focus specifically with students who, in the 2020/21 school year, attended the 6th grade at EB de Sendim and students who attended the 11th grade of vocational tourism education at EBS de Miranda do Douro. The aim of this study is to assess the transformations and motivations that traditional music could induce in students and the educational community in general.

This study evaluates the effects of this socio-educational intervention project. With the aid and the participation of primary and secondary school students in musical groups, and other local actors, to understand what changes occurred in terms of motivation and involvement with the school. Can local music be an element not only of community unity, but also of intergenerational interaction, contributing to student motivation and greater educational success? This was one of the intentions of the collaborative measures between CIM- TTM (Inter-municipal Community – Terras de Trás-os-Montes), municipalities, and school groups – with the implementation of PIICIE (Integrated and Innovative Plan to Combat School Failure).

The intervention project, integrated into the Plan (PIICIE), aimed to reach out to families and the school community with the intention of improving results in terms of school failure and dropout. The dissertation now being presented corresponds in some way to what Peres Serrano (2008) defines as the evaluation stage of a social intervention project, a project which I will present below.

Keywords

Intercultural mediation, Socio-pedagogical mediation, The teacher and the school, social integration and intercultural mediation in the school context, Music and traditional musical instruments, Animation and local development.

Portugal

*“Avivo no teu rosto o rosto que me deste,
E torno mais real o rosto que te dou.
Mostro aos olhos que não te desfigura
Quem te desfigurou.
Criatura da tua criatura,
Serás sempre o que sou.*

*E eu sou a liberdade dum perfil
Desenhado no mar.
Ondulo e permaneço.
Cavo, remo, imagino,
E descubro na bruma o meu destino
Que de antemão conheço:*

*Teimoso aventureiro da ilusão,
Surdo às razões do tempo e da fortuna,
Achar sem nunca achar o que procuro,
Exilado
Na gávea do futuro,
Mais alta ainda do que no passado.”*

Miguel Torga

ÍNDICE

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Introdução	8
Capítulo 1 - Miranda do Douro – Língua e tradições, região e sua história.....	12
Capítulo 2 - Revisão da literatura: da mediação intercultural à animação e desenvolvimento local	16
2.1. <i>Da mediação intercultural à mediação sociopedagógica</i>	16
2.2. <i>O professor e a escola</i>	19
2.3. <i>A integração social e a mediação intercultural em contexto escolar</i>	21
2.4. <i> Animação e desenvolvimento local</i>	30
2.5. <i>Música e instrumentos musicais tradicionais como ferramentas pedagógicas de motivação</i>	33
Capítulo 3 - Metodologia.....	37
Capítulo 4 - PIICIE – Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar ..	40
4.1. <i>Projetos municipais: Equipa Multidisciplinar Miranda + Integrar/Inovar Promoção da Cultura “Terras de Miranda”</i>	40
Capítulo 5 - O projeto “Promoção da cultura Terras de Miranda”: Escuta ativa dos intervenientes.....	47
5.1. <i>“A importância da música na escola”</i>	47
5.2. <i>A música como ferramenta mediadora e construtora do sucesso educativo</i> ..	54
Considerações finais	57

Bibliografia.....	59
Apêndices	63
Apêndice A – Questionário aos alunos sobre a importância da música tradicional na escola	64
Apêndice B - Guião de entrevista aos alunos e professor.....	69
Apêndice C – Transcrição da entrevista grupal realizada aos alunos da turma de Sendim	71
Apêndice D - Transcrição de conversa aberta com a diretora de turma	74
Apêndice E – Transcrição da entrevista a um aluno de 11ºano de escolaridade	75
Apêndice F – Transcrição da entrevista ao professor de história, da turma de 11ºano	77
Anexos.....	80
Anexo I – Memória descritiva PIICIE	81
Anexo 2 - Revista PIICIE	113

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Alunos por ano letivo.....	49
Gráfico 2 - Grau de concordância em relação às tradições musicais no planalto e ambiente escolar	49
Gráfico 3 - Preferência de tipo de instrumentos por aluno.....	50
Gráfico 4 - Instrumentos com os quais alunos já tiveram contacto.....	51
Gráfico 5 - Concordância em relação ao impacto da música em relações com o outro e si próprio	52

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende avaliar a eficácia do projeto de intervenção socioeducativa, intitulado como Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar (PIICIE), mais concretamente ao segundo projeto dentro do plano (PIICIE) - “Promoção da Cultura Terras de Miranda”, do qual fiz parte enquanto animadora cultural nas escolas do agrupamento de Miranda do Douro, e que decorreu entre outubro de 2018 e outubro de 2021.

Ainda durante o primeiro ano do mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, tentei estabelecer o que poderia apresentar no segundo ano como projeto de dissertação a desenvolver. Comecei por fazer a revisão bibliográfica dos principais conceitos ligados à intervenção social num projeto pedagógico lançado nas escolas de Miranda do Douro onde fui profissional integrante do projeto, como animadora cultural, designadamente os conceitos de combate ao insucesso escolar: integração; motivação, animação com recurso à música tradicional de Miranda do Douro como ferramenta educativa e de valorização cultural.

Nem sempre conseguimos materializar tudo o que projetamos. O futuro traz-nos sempre oportunidades e encruzilhadas várias, o presente reconstrói-se e o futuro redesenha-se (Vieira, 1999). Foi isso que aconteceu com o percurso do meu mestrado que foi interrompido na dimensão ligada à investigação final, no segundo ano do curso, em consequência do nascimento de um filho, ainda durante o primeiro ano.

O nascimento de um filho é, certamente, um desses grandes momentos pessoais e familiares que podem transformar um projeto de vida, um projeto pessoal e familiar e, até, profissional.

Fui mãe durante a frequência do 1.º ano do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, e isso fez de mim uma mulher diferente, com outras responsabilidades, outras realizações, mas, também, várias dificuldades em conciliar a vida familiar com a vida

académica. Espero contar um dia à minha filha e que possa recordar com orgulho este processo que passou de individual a familiar.

Como mãe, claramente nasce a preocupação com o futuro escolar, com o bem-estar principalmente em locais onde se deixa a criança ao cuidado de outros, ouvida além das suas necessidades básicas e compreendida em momentos difíceis. Ou seja, trata-se aqui de territórios educativos em que pode parecer a instituição escolar a responsável pela “educação”, “instrução” da criança. Por vezes pode acontecer famílias demitirem-se, da responsabilidade pelo sucesso escolar dos alunos, ficando exclusivamente à responsabilidade da instituição escolar. A família pode sempre contribuir para a construção de uma sociedade saudável e não cair na ideia de que estas fazem um tipo de “trabalho” e a escola, separadamente, faz outro. Será muito mais gratificante o trabalho conjunto com os alunos de modo a existir uma construção conjunta do sucesso escolar. Talvez seja mais importante colocar as pessoas à frente das estatísticas, no entanto deve-se compreender que “todos” possuem histórias de vida diferentes umas das outras, traumas, recordações, características identitárias, e que são capazes de realizar várias atividades e descobrir, tantas potencialidades que podem estar ainda no desconhecido.

Após o término do PIICIE, no agrupamento de escolas de Miranda do Douro, foi possível observar a importância do papel da música com que a maior parte dos alunos intervenientes veio a ter contacto durante o PIICIE na ação de intervenção “Promoção da Cultura «Terras de Miranda» - ação “Constituição de grupos com enfoque na cultura local”. Durante a construção destes grupos os alunos tiveram oportunidade de experimentar, explorar vários instrumentos de cordas e percussão dentro do espaço escolar. Os alunos da escola de Sendim durante a interrupção letiva para almoço e os alunos da Escola básica 2,3 e secundária de Miranda do Douro durante período letivo em colaboração com os professores. Sozinhos não somos nada. Mas, se trabalharmos juntos, alcançaremos melhores resultados. É exatamente isso que esta parceria demonstra: escolas e município de mãos dadas pelo melhor dos nossos alunos, pelo futuro das próximas gerações. Que sintam vontade de propagar conhecimento e história, que não deixem morrer as tradições e que encontrem a motivação necessária para o futuro.

Motivação pode ser a palavra de ordem do dia quando, além do currículo considerado normal, nada mais é apresentado na sala de aula e mais nenhuma atividade é feita ou possível nas suas vidas, seja dentro ou fora da comunidade escolar. Em Terras de Miranda existem várias associações de portas abertas a quem deseja participar ou integrar as tradições locais. No entanto, nem todos dispõem de meios financeiros ou de transporte para se deslocar até às sedes

dessas associações. Embora quase todas as aldeias tenham uma associação, muitas delas formam os seus grupos de acordo com as disponibilidades pessoais e profissionais dos seus integrantes. Isso não implica que a frequência dessas associações seja impossível, mas a oportunidade de experimentar e partilhar tradições no ambiente escolar torna o dia mais dinâmico e animado, como acontece com a turma do curso profissional de turismo da Escola Básica e Secundária de Miranda do Douro. Cada aula é calendarizada dentro do tempo letivo, conforme a disponibilidade de cada professor. Assim, pode surgir um momento oportuno em que os professores ouçam os seus alunos e lhes deem espaço para explorarem os seus interesses.

Quanto aos alunos de Sendim, para eles tornou-se claro que a hora de almoço das sextas-feiras poderia ser aproveitada de melhor forma. Treinaram melodias em caixa e bombo, partilharam histórias, ajudaram-se entre si para que ninguém ficasse para trás, subsistiu companheirismo e esforço para que todos aqueles que quiseram fazer parte do grupo entrassem em sintonia de grupo, mesmo aqueles sinalizados com “comportamento desadequado” foram bem recebidos e acarinhados por todos.

Esta dissertação corresponde a um projeto de avaliação desse projeto de intervenção sociocultural e socioeducativa e assentou fundamentalmente na escuta ativa dos alunos e professores envolvidos no projeto de intervenção PIICIE (Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar), com o intuito de perceber o impacto e transformações que o conhecimento e envolvimento com a música tradicional popular de Miranda do Douro produziu nas suas representações sociais e práticas culturais.

Esta dissertação está dividida em 5 capítulos. No primeiro capítulo é apresentado um historial e caracterização sociocultural de Miranda do Douro.

No segundo capítulo reflete-se sobre os conceitos usados ao longo do trabalho, em particular, mediação, desenvolvimento local, intervenção socioeducativa, animação social e cultural... que eram fundamentais no projeto PIICIE, que buscava a identificação e transformação dos jovens com a cultura e tradição musical local. Ao longo deste capítulo é assim feita a revisão da literatura, com apoio de vários autores abordados durante o primeiro ano deste mestrado e pesquisados para esta investigação.

No terceiro capítulo descreve-se detalhadamente a metodologia de investigação usada, assente numa presença regular junto dos grupos de música criados no decorrer do projeto.

No quarto capítulo apresento o projeto de intervenção PIICIE, desde o seu diagnóstico até às etapas de implementação, passando pelos objetivos que nesta dissertação pretendo perceber se foram alcançados e como.

No quinto capítulo, dou conta da escuta ativa aos intervenientes na ação “Promoção da cultura Terras de Miranda”, não só através de entrevistas que permitiram compreender o ponto de vista dos implicados neste projeto, mas também de inquéritos por questionário, para conseguir chegar a um público mais alargado.

Segue-se a conclusão, que apresenta uma síntese da eficácia do PIICIE, com destaque para os efeitos do projeto de intervenção “Promoção da Cultura Terras de Miranda”. Por último, surgem a bibliografia, os apêndices e os anexos, que encerram este trabalho de investigação.

CAPÍTULO 1 - MIRANDA DO DOURO – LÍNGUA E TRADIÇÕES, REGIÃO E SUA HISTÓRIA

Falar de Miranda do Douro é falar de pauliteiros, da língua mirandesa, de muitas tradições ligadas à língua e à música. Na dança que aqui se mantém como tradição (pauliteiros) junta-se a música para os bailadores poderem mostrar sua arte e também a letra, apesar de não ser cantada nas demonstrações públicas, é seguida e cantada algumas vezes como marcação de ritmo nos ensaios dos pauliteiros, todas elas contam uma história em mirandês como não poderia deixar de ser. A língua é mais falada pelas aldeias de Miranda do Douro, não tanto na cidade, mas ainda hoje tentasse combater essa ausência através do ensino nas escolas.

O canto de Portugal: o território nordeste transmontano, a primeira margem a ter contacto com o rio Douro que servirá também de linha condutora e divisória de terras lusas e espanholas – Miranda do Douro, é aqui que há o privilégio de ver mais cedo o nascer do dia.

Segundo Ernesto Albino Vaz (2009), a primeira documentação histórica remonta a 1145, em que o arcebispo D. João Peculiar que lhe atribui denominação territorial – Terras de Miranda. É um território com privilegiada posição militar, podendo *mirar* a estremadura, mas nem a tão boa posição territorial impediu de ser tomada pelo exército de D. Carlos III, de Espanha em 1762, levando ao declínio de Miranda do Douro (Vaz, E. A., 2009, p. 40), quando participou na Guerra dos Sete Anos.

Séculos mais tarde, anos 60, a construção da barragem, vem ajudar a erguer o comércio, como é citado por Ernesto Albino Vaz, o Dr. António Maria Mourinho refere que é uma grande ironia, já que foram os espanhóis que destruíram Miranda do Douro em finais do século XVIII, mas também são eles que vêm contribuir para o desenvolvimento do comércio local. A barragem, a ponte e a moeda vieram contribuir para o crescimento económico já que a moeda diferente era mais “pesada” que então o escudo português. (Vaz, 2009, p. 42)

A língua é também outra característica diferenciadora da região, não se sabe ao certo datas do seu surgimento, há referências que surgiu no espaço território asturo-leonês. Um espaço que ia desde as Astúrias, Guarda, parte de Trás-os-Montes e até terras espanholas de Salamanca.

Miranda foi palco de muitas lutas entre diversos povos; alguns permaneciam, outros apenas passavam, mas ainda assim permitiam a convivência de gentes diferentes. Segundo Ernesto Albino Vaz (2009), a partir desse vai e vem de povos distintos começam a surgir, já no século XII, formas que deram origem ao que hoje chamamos de língua mirandesa.

Atualmente a língua mirandesa é falada em “Terras de Miranda”, que não se restringe apenas a Miranda do Douro, mas abrangem também outros municípios do Nordeste transmontano, incluindo concelhos de Miranda do Douro, Vimioso, também parte de Mogadouro, Macedo de Cavaleiro e até Bragança. Maioritariamente falada em aldeias, no entanto, há tendência à migração das aldeias para a cidade trazendo com elas alguns hábitos linguísticos. Apesar do ensino da língua Mirandesa nas escolas de Miranda do Douro existir desde 1987, só em 1999 há reconhecimento político através da Lei 7/99 com a Convenção Ortográfica. (Vaz, 2009, p. 45).

Outros símbolos de Miranda do Douro são a posta mirandesa e os Pauliteiros, comida e um bom espetáculo de dança deixa apaixonado quem passa. A posta conquista pela sua qualidade, pelo sabor, a quem aprecia gastronomia regional, tratando-se de uma raça bovina autóctone de Terras de Miranda. Após a posta, pode-se assistir a um espetáculo de dança: os **Pauliteiros**, um grupo de oito dançadores (com origem pírrica e guerreira), também conhecida como **dança dos paus**, pois os dançadores utilizam dois paus, um em cada mão. Originalmente dançado por homens, embora ao longo dos tempos as mulheres foram vincando a sua vontade de representar a sua aldeia e nascem grupos mistos e femininos. A dança representa as guerras através dos *lhaços* (termo em mirandês que se refere a cada um dos números de dança dos pauliteiros, com a respetiva música e letra). O vestuário utilizado pelos dançadores evoca fardas militares antigas romanas, onde o chapéu simboliza o capacete militar, o **colete** representa o escudo, e a saia, com lenços em tiras pendurados, simboliza o sangue (Correia, M., 2018, p. 92). A dança é acompanhada por três instrumentos: caixa, gaita de foles e bombo. Acrescenta-se ainda que esta dança, presente em quase todas as aldeias de Miranda do Douro, apresenta algumas variações — tanto no vestuário quanto na forma de execução — que diferem de aldeia para aldeia. Terra de onde muitos “fogem” em busca de oportunidades de trabalho, mas também levam a tradição

e história, levando o nome de Miranda do Douro a ser conhecido por terras nacionais e até internacionais.

Ainda bem que assim é, o transmontano pode sair de terras de Trás-os-Montes, mas Trás-os-Montes não sai dos transmontanos, somos, portanto, portadores de partilha de património móvel, aquele que vai de boca em boca e esteja onde estiver é lembrado e partilhado com as gerações mais novas, dando continuidade à história de quem investe no que é nosso. Como refere Fernando Magalhães (p. 22, 2005):

“As nossas sociedades investem, portanto, muitos recursos na conservação e divulgação do património, pois ele tornou-se fundamental na definição da identidade de uma determinada comunidade. O conceito de património remete, por outro lado, para a questão da memória, âncora que dá substância ao sentimento subjectivo de pertença. A memória do passado permite a consciência do presente e projecta o futuro de uma determinada sociedade. Assim, o património tornou-se, ao longo de uma modernidade caracterizada pelo efêmero, pela produção e destruição acelerada de bens de consumo (cf. Casal, 1999), num veículo de transmissão, conservação e reprodução da memória social, considerada fundamental para legitimar a ordem social presente. Neste sentido, por intermédio dos artefactos, em geral, e dos patrimonializados em particular, podemos observar como uma sociedade, num determinado espaço e tempo constrói e reconstrói a sua memória cultural (cf. Branco e Oliveira, 1993; Branco, 2003). O património cultural, enquanto testemunho do nosso passado, tem assumido uma importância cada vez maior no seio das sociedades, primeiro, modernas, depois, pós-modernas. Um conjunto de factores, iniciados com as revoluções inerentes à fundação da sociedade moderna, conjugados com outros que marcaram esse mesmo período, como as duas guerras mundiais, conduziu à exaltação do património como objectivador das identidades nacionais.”

Fernando Magalhães (2005) refere que a memória pode funcionar como uma âncora, estabelecendo um sentido de pertença. É isso que observamos em diferentes partes do mundo, do país e da região — neste caso, em Miranda do Douro. A memória das histórias locais contribui para a construção de uma sociedade com características próprias, identificativas do espaço em que se insere, seja ele qual for, como já foi mencionado. É o património cultural que faz dos transmontanos do nordeste pessoas de Terras de Miranda, ou alentejanos de terras do Alentejo. A cultura dá aos povos, recursos para criar identificações (Magalhães, 2005; Vieira e Magalhães, 2009; Magalhães, 2012). E o património fornece esses recursos, pelo que, sem

património não há história para contar e/ou conhecer. É por isso que faz sentido a criação de associações, manter as que já existem com “longa idade”, e levar os jovens a fazer parte da história, das tradições e levar esse legado do presente para o futuro e assim ir perpetuando a riqueza da partilha do que é “nosso”, do que é importante permanecer nas características da região, neste caso, de Miranda do Douro.

Magalhães (2005, p. 24) menciona que “na convenção aprovada pela UNESCO em Outubro de 2003, estas definições são incluídas na noção de Património Cultural Imaterial da Humanidade 7. A memória do passado, enquanto substrato do presente ultrapassa, portanto, os elementos físicos, e, neste sentido, um poema, uma estória ou uma música, são testemunhos de passados mais ou menos distantes contribuindo, dessa forma, para o permanente refazer-se de uma cultura (cf. Branco, 2003), mas indo mais longe do que isso.” Refere assim, noutro ponto de vista que o património é o retrato do passado que pode informar o futuro da história que temos, que vivemos, que experienciamos. Património fundamental das gentes de Miranda do Douro, é também a sua língua local, o *mirandês*, embora mais falado nas aldeias do que na cidade. No entanto, é ensinado nas escolas do município. Os *pauliteiros* (dança típica de Terras de Miranda) também recomeçaram a ser presença mais ativa nas escolas, depois de lançada a ação “*Promoção da cultura Terras de Miranda*”: *constituição de grupos com enfoque na cultura local*. Os alunos passaram a aproveitar os intervalos de maior duração para dar continuidade às tradições que tanto caracterizam Miranda do Douro, isto segundo o professor Fernando Pereira¹ na entrevista que permitiu partilhar a sua opinião no que concerne à formação dos grupos de música (cf. apêndice F).

¹ Inicialmente o projeto começou por reunir alunos para formar grupos de pauliteiros, através do mesmo projeto foi cedido material à escola – vestuário, chapéus, paus. Mas, tudo isso ficou em pausa quando foram tomadas medidas de combate à epidemia Covid-19, fechando as escolas, e no seu regresso foi pedido o máximo afastamento possível entre pessoas. Nesta altura foi tomada a decisão de substituição das atividades iniciais para a formação de grupos de música.

CAPÍTULO 2 - REVISÃO DA LITERATURA: DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL À ANIMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

2.1. Da mediação intercultural à mediação sociopedagógica

Segundo Jares (2002), nos últimos anos — ou décadas — temos assistido ao aumento da mediação, nomeadamente nas esferas familiar, laboral e internacional, incluindo a educação, embora o autor afirme que essa evolução seja mais lenta e aplicada com maior dificuldade. Apesar de já passarem mais de vinte anos sobre esta análise de Xesús R. Jares, talvez ainda possa ser uma verdade quando o autor refere que o poder nas escolas e as pedagogias conservadoras travam a tentativa de existência de mediação educativa no nosso país já que o desenvolvimento do ser humano, atualmente, começa maioritariamente nas escolas. Vai crescendo num espaço comum de vários seres em desenvolvimento, onde existirá certamente relações de conflito, assim a mediação educativa pode existir como apoio fundamental na criação de hábitos democráticos, começando pelo respeito. Em termos clássicos a mediação é vista como

[...] um procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação ao conflito, aceite pelos litigantes e sem poder de decisão sobre eles, com objetivo de facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação. (...)” O facto de não impor qualquer solução confere-lhe “carácter educativo, dado que as partes mantêm a sua capacidade de actuação e aprendizagem, com vista à obtenção de um acordo (Jares, 2002, p.153)

Dentro do paradigma da mediação intercultural, que bebe influências da mediação clássica, mas muitas mais da pedagogia social, a mediação é vista como um processo ativo, onde o mediador intervém na construção de pontes conseguindo “estar dentro, e estar fora” (Vieira, Marques, Silva, Vieira & Margarido, 2018).

«Estar dentro e estar fora» surge associado a duas possíveis ações: a mediar e a de intervir; por outro lado, o «estar dentro» e o «estar fora» surgem associados por um «e» que assume um valor copulativo, de interligação (...) implica o mediador estar com um pé dentro e outro fora; ser um «nós» e ser um «outros»; reconhecer-se simultaneamente como *insider* e *outsider*, numa perspetiva hermenêutica diatópica (Boaventura de Sousa Santos), mas também de hermenêutica multitópica (Vieira & Vieira, 2018, p. 9).

Conseguirá a escola estar “dentro e fora” dos sistemas socioculturais dos alunos, no apoio incondicional aos mesmos? Ou limita-se a ver de fora, avaliar de fora, quantificar, instruir e apenas carimbar o processo do aluno com notas quantitativas? Cremos que a escola deverá respeitar as diferenças que chegam à escola através de cada aluno: crenças, culturas diversas, práticas culturais, práticas religiosas, diferenças de género, etc., e educar o aluno com base nas suas competências e saberes locais (Vieira, Vieira & Marques, 2020), de forma a potenciar o desenvolvimento psicossociocultural de todos e de todas e construir o sucesso educativo para todos e para todas.

Patrícia Simões e Ana Maria Vieira (2018) referem que é expetável uma escola que acolhe os alunos tal como são, com motivações e experiências diferentes que lhes possa proporcionar opções de escolha no sentido de empoderamento e transformativo. Assim, “a escola pode e deve ser, sempre, um espaço de hospitalidade, criando condições para que a diversidade possa ser transformada em oportunidade. Por sua vez, interessa à comunidade receber o retorno dessa transformação, num processo de inclusão integral (...)” (Simões e Vieira, 2018, p. 55). A comunidade escolar é, portanto, um espaço essencial ao desenvolvimento da mediação comunitária, integrando o trabalho da mediação intercultural realizada pelo mediador. A escola desempenha um papel preponderante na mediação coletiva. E quando entendemos que o espaço escolar é de todos porque vivemos em sociedade, também é nela que vamos crescer, construir caminhos de aprendizagem que podem ser transformativos, vão naturalmente fazer parte do desenvolvimento individual e construtivo na comunidade no futuro.

Ainda sobre o espaço comunitário, num país com tendências à emigração, mesmo após a Revolução de 25 de Abril, a realidade que a comunidade escolar conhecia era marcada pela distinção entre o “rico e o pobre”: aqueles que vestiam bem e eram considerados inteligentes e aqueles que vestiam o que podiam e eram rotulados como pobres e pouco inteligentes. O ciclo da sociedade continua e é facto que Portugal foi e é um país que recebe famílias dos países PALOP, entre outros, ora esta situação reflete-se numa sociedade, numa escola com culturas diversas, é impossível rejeitar a heterogeneidade das escolas com línguas diferentes, e tantos costumes diversos, ainda assim a instituição escolar tende a insistir na programação de currículo igual para todos os alunos, no mesmo tempo “porque há sempre um programa a cumprir”. Quer dizer que assim, sobra pouco tempo para além do programa para os professores e alunos conseguirem criar laços, estreitarem relações, terem uma comunicação mais próxima já que falamos de espaços escolares demasiado “industrializados”.

Amado (2001) refere que o aluno procura no professor mais do que um simples “ensinar a matéria que vem no livro”, espera dele momentos de confiança, espera encontrar um ombro amigo e que seja capaz de o ouvir, seja de problemas escolares ou não, sugerindo assim que o professor deve ter outras competências além do ensino curricular. Na verdade, o sistema escolar conforme está e continua a ser pensado na maioria dos agrupamentos escolares, não permite que os docentes tenham lugar nas suas agendas para ouvir os alunos além das ditas questões sobre a matéria, que os obrigam a entupir o horário escolar.

Na realidade, o espaço escolar é onde os alunos passam grande parte do seu tempo. Para além das disciplinas curriculares, nele desenvolvem-se processos de aprendizagem social e de exploração das questões emocionais. Todas estas experiências vividas no contexto escolar são observadas e partilhadas por outros: por vezes no “seio dos amigos” e, noutras, por colegas com histórias de vida diferentes. Alguns destes alunos, que não encontram espaço para serem ouvidos, acabam por descarregar as suas frustrações sobre os mais vulneráveis. Quer sejam bons ou maus alunos nas disciplinas curriculares, todos necessitam de ser ouvidos. No entanto, muitas vezes não se aprende a ouvir o outro, uma vez que, até então, não houve treino ou aprendizagem acerca do respeito pelos limites e pela individualidade do próximo. Neste sentido, não se pode esperar que a escola seja a entidade responsável por todo o percurso de um aluno, que tem família, dilemas e crises existenciais próprias.

Com isto, devo dizer que somos todos responsáveis e o que muitas vezes acontece é um desvio de responsabilidades parentais, emocionais, sociais. A sociedade patenteia a ideia de que o

conflito é um mal do mundo, mas sabemos hoje que ele é inevitável, normal a sua existência, essencial diria para a aprendizagem do ser humano. Cada indivíduo é único; mesmo aqueles que nascem com semelhanças físicas não são iguais enquanto seres humanos. Somos iguais na humanidade, mas diferentes nas culturas, ideais, valores e opiniões. Torremorell reforça que,

“a presença natural e inevitável de conflitos no nosso meio costuma gerar um profundo mal-estar, cirandeiando o nosso modo de vida habitual e cria a sensação de impotência e fracasso, aprender a transformar os conflitos em oportunidades deveria constituir um contributo realmente valioso, especialmente quando implica a superação de visões catastrofistas e deterministas, as quais, com demasiada frequência, justificam tanto a inação como o abuso de poder.” (2008, p.9)

2.2. O professor e a escola

A escola mostra-se hoje com maior diversidade multicultural. Não é que não existisse anteriormente, mas, ao longo da história das migrações, foi sendo cada vez mais acentuada e notória. A necessidade de responder à inclusão social, como por exemplo com o fenómeno migratório, como já referido, principalmente no que refere a minorias que anseiam pelo direito a igualdade de oportunidades tornou mais premente a questão da mediação nas escolas². O docente que não foi preparado para lidar com problemáticas ou que não esteja disposto a aceitar a mudança no mundo escolar além do que a sociedade já mostra poderá ver as suas “tarefas” diárias com os alunos transformadas num sacrifício sem valor acrescentado para ambos os lados das margens. Será então benéfico em vários sentidos a aceitação de mudanças podendo assim estimular a promoção da proximidade entre escola, família e suas culturas diversas.

Ricardo Vieira (2011, p.180) elucida-nos que

“A escola sempre foi um lugar de encontros e desencontros de pessoas, de diferentes culturas, de diferentes pontos de vista, de vários saberes, de continuidades e discontinuidades entre a escola e o lar. Contudo, a «escola para todos» trouxe mais gente para dentro do mesmo espaço, das mesmas regras, da mesma cultura hegemónica do Estado-Nação. Por isso a educação,

² Como pode se constatar no Decreto-Lei n.º 32-A/2023 de 8 de maio, que permite às escolas contratar profissionais de mediação.

mesmo a educação escolar, para ser performativa, não pode ser senão um processo de mediação entre sujeitos, mundos de e saberes. E não será o professor, qualquer que ele seja, por definição um mediador? Mas é-o na prática? Todos o são? O professor é um mediador de aprendizagens ou, também, de tensões sociais, de conflitos, de culturas, um mediador intercultural, portanto, e um mediador sociopedagógico? O Professor pode ser isto tudo?”

Ao longo da história da docência, podemos encontrar professores treinados para ensinar a ler e escrever, a comunicar com a família de cada aluno, a estabelecer uma proximidade com a família e ao mesmo tempo disponibilizar os conteúdos básicos aos alunos, já que há cerca de trinta ou quarenta anos tínhamos uma realidade escolar mais próxima fisicamente das pessoas, podendo assemelhar-se a uma comunidade em torno da aprendizagem do aluno e cultivo de laços entre família e professor (mais dedicado ao professor primário e educadores de infância).

Vale a pena referir que o sistema continua a atribuir excesso de tarefas burocráticas ao professor (Tardif e Lessard, 2005, p. 150). Neste sentido, “é imperioso repensar o papel da sociedade, do Estado e das instituições educativas e a ação dos educadores e dos professores em contexto económico, social e político mais complexo, trespassado por desigualdades e exclusões dos mais variados tipos, nomeadamente as que se relaciona com a identidade e a diversidade” (Peres, 2002, p. 4 citado em Vieira, A. 2013 p. 37 e 38).

É urgente compreender, aceitar e escutar o aluno, bem como empoderá-lo a tomar decisões. Considerando que é na escola que passam a maior parte do dia e do seu tempo útil, torna-se indispensável conhecer o seu contexto social e cultural. Este conhecimento não deve restringir-se à comunidade escolar, mas transbordar para alternativas dinâmicas, evitando a mentalidade de “chip” que se muda ao entrar e sair da escola. Fugindo também à ideia de “estacionamento de crianças”, mencionada no documentário “A educação proibida” (2012), a escola poderá assumir-se como a entidade mais indicada para proporcionar essa ponte.

Segundo Jares (2002) há três modelos do conflito, e no que confere à – Visão hermenêutico-interpretativa do conflito, este não é recusado, negado e até se “considera indispensável e até positivo para estimular a criatividade do grupo” (Jares, 2002, p.68). É um pouco disso que se pode assistir no documentário “A educação proibida” (2012), a luta dos alunos pela voz ativa, pela existência de conflito, que, como sabemos, é inevitável, a sua negação só gera mais conflito e falta de comunicação para os gerir suscita maior amplitude de mal-entendidos.

Os alunos não são ouvidos, são “depositados” num espaço a que no documentário refere como “estacionamento de crianças”, já que as escolas não têm capacidade de dar resposta a necessidades individuais pois estão mais preocupados com os resultados de grupo, os rankings, os números que levam a um caminho de desmotivação em que o aluno é “obrigado” a fazer o que lhe dizem que é o certo fazer, sem cuidado quanto ao interesse, à curiosidade que o aluno tem para aprender por si só.

A escola insiste em colocar os alunos em constante competição entre eles, enquanto os ensina a estar longe uns dos outros e ninguém ouve ninguém, nem escola, nem professores, nem pais. Sem comunicação entre os vários atores como podem os alunos estar interessados pelo que a escola “ensina” quando não há espaço para a realidade que o aluno sente, para expor as emoções tantas vezes camufladas por comportamentos que não entendem (já que ninguém os ouve, para quê falar, poderão muitos questionar-se...). Como refere Ana Vieira (2013, p. 38), “urge construir pontes e ligar a educação à sociedade e vice-versa”, já que a escola faz parte da sociedade, já que alunos aprendem através de brincadeiras, vivendo em sociedade, de interação com outros e não apenas através de um programa curricular que lhes é imposto e algumas vezes de pouco serve para suas vidas quotidianas.

Há também ainda uma lacuna no que respeita ao caminho do autoconhecimento, da exploração quanto às competências que cada aluno tem e por vezes ficam esquecidas pela falta da sua promoção, ou seja, há uma insistência na “aprendizagem” do programa, ficando de lado o facto de que os grupos não são homogêneos. Qualquer aluno que saia do padrão imposto pela entidade escolar acaba por ser rotulado, por exemplo como acontece a alunos que não conseguem controlar a energia que necessitam de gastar, partilhar, mostrar – levam um carimbo de hiperatividade, espelhando por vezes contínua apatia, porque se quer alunos quietos e sossegados a receber o que o professor debita, tudo o que fuja desta “norma” será considerado pela maioria das instituições escolares alunos irreverentes, insolentes ou apenas maus alunos.

Mas, se não há questionamento à criança, ao aluno de como se sente, de qual a sua opinião e apenas se anseia que escrevam o que a escola dita que é o certo... como poderá ser esperado que os alunos se sintam motivados?

2.3. A integração social e a mediação intercultural em contexto escolar

Para o sucesso de integração, poderá ser mais fácil quando orientamos alunos à emancipação, à autonomia em que pensam por si mesmos com valores culturais diversos, mas com princípios

claros como o respeito por si mesmo e pelo próximo. Se não se respeitam enquanto pessoas singulares, muito mais difícil será a compreensão do outro, das suas crenças, cultura, costumes e assim aceitá-los, não com a necessidade de os viver, mas sim de aceitar e respeitar para que se reflita em sinónimo de uma sociedade repleta de grupos sociais distintos, mas que coabitam no mesmo planeta, no mesmo país, na mesma rua...

O espaço escolar é a continuação da diversidade que já existe na sociedade como já referido, embora, talvez numa escala menor, mas com proximidade maior entre várias culturas, vários grupos e também com maior possibilidade de aprendizagem e conhecimento quanto aos costumes de todos os grupos sociais que possam estar presentes naquele espaço. Poderá ser, portanto, função da escola criar pontes entre os alunos, valorizando as competências que estes possuem, apresentam ou desejam desenvolver, assim como promover a ligação entre alunos e famílias, e entre a escola e a comunidade para além do espaço escolar.

É na escola que os jovens até à maioridade passam grande parte do seu dia, poderá ser o professor, o funcionário, o auxiliar que acompanha alunos no recreio da escola que contribuirá para o empoderamento dos alunos e assim ser possível proporcionar a aprendizagem com o outro. E como refere Ricardo Vieira (2011, p. 181) “Se a educação deverá ser um instrumento de promoção de igualdade de oportunidades e um instrumento para favorecer a justiça social, a escola deverá assumir-se como espaço fundamental de legitimação e de reforço dos valores (...) cada vez mais cultural”. Ora, se a escola deverá ser promotora de igualdade, também ela deverá alimentar a inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem, com culturas conservadoras (ou não), com todas as características que possamos encontrar, todas essas diferenças ao mesmo tempo nos tornam iguais, são crianças num espaço onde querem aprender, seja a brincar no recreio, seja no desenho que fazem na sala de aula que conta uma história, seja nas letras que aprende a desenhar ou qualquer outra forma que até possa parecer absurda aos olhos de “vanguardistas conservadores” que esperam lecionar o programa igual para todos, ideia que terá de cair na urgência de dar lugar a real escola para todos, tornando a escola “permeável aos problemas sociais. A escola tornou-se, prioritariamente, uma questão social e não apenas pedagógica.” (Vieira, 2011, p. 182) permitindo a inclusão e ao contrário da sugestão de criação de currículo para cada grupo diferente, a integração permitirá adaptar programas em vez de criar à medida de cada aluno.

Grande parte do trabalho em relação à inclusão social cabe a nós adultos promover na criança que nasce livre de conceitos e/ou preconceitos, nasce aberta a tudo o que possa absorver do

mundo em seu redor, a continua aprendizagem de diversidade de culturas e aceitar as margens de cada um. Aprende por si só a recolher a informação que lhe interessa e a vivenciar o que mais gosta em momentos de prazer, porque ainda está vazia de histórias, de preconceitos, rótulos que tanto o ser humano enquanto individual como em instituições insistem em “carimbar” os alunos, alimentar pontos de vista que não a inclusão dos que “fogem” às regras da sociedade. No momento de socializar e da convivência com o outro, geralmente iniciadas através de brincadeiras, não quer dizer que não possa brincar sozinha, aliás, a imaginação da criança é livre de voar e criar, reproduzir jogos que bem entenda. No entanto, na brincadeira em grupo exige cedências de partes quando facilmente não há sintonia dentro do grupo quanto ao que querem brincar, mas isso não os impede de entrar no processo constante de aprendizagem ao brincar com o outro, pode demonstrar interesse ou não em permanecer no momento ou iniciar-se ali um conflito de ideias e desejos, e como já vimos durante este mestrado, tanto em textos de vários autores como através dos professores que o conflito não tem de ser resolutivo mas sim gerido já que é inevitável, é através dele que a criança aprende a gerir frustrações, emoções, sentimentos (...). A intervenção de um mediador, talvez na pessoa profissional que acompanha durante mais tempo o grupo em causa (seja educadora, auxiliar, professora...), já que geralmente como refere Rui Matos (2018, p. 21), há falta de empatia durante o processo, o mediador será um elemento fundamental, para compreender as perspetivas de cada parte e em conjunto conseguirem autorregular e atingir o entendimento na medida em que não há vencedores e vencidos, assim se trata a mediação, por mais que as escolas tendam a passar essa mensagem, o mediador estará presente para relembrar a importância de olhar para si mesmo e poder compreender o outro, promover a comunicação assertiva e ainda atingir a aprendizagem com o outro, ou com o grupo.

O mediador deve ser imune a estereótipos, a histórias “pré-definidas” e saber ouvir o outro, ter a escuta-ativa como ferramenta de compreensão (Vieira e Vieira, 2014, Vieira e Vieira, 2016). O mediador que pode ser visto como remediador de conflitos, também pode ser visto como preventor de conflitos (Romero, 2010, Torremorell, 2008, Vieira e Vieira, 2017), implica assim que os profissionais atuem com base na antecipação do conflito que possa surgir e prever ação reflexiva sobre o contexto social em causa, já que se fala de resolução de conflitos no âmbito social.

No entanto, mais do que ajudar a resolver ou prever conflitos, a mediação também auxilia e encaminha ao empoderamento e assim autonomizar os atores que estejam envolvidos num conflito ou os que o solicitem, mais importante do que dar o “peixe pronto a comer”, mais será

a promoção do interesse do indivíduo em querer aprender a pescar para si e para os seus, poder traçar o seu caminho sem bengalas de ninguém. Certamente, não será um resultado que se consiga com todos aqueles que necessitam de apoio, muitos indivíduos não desejam aprender, não querem, não conseguem ou tantas outras razões poderão ser válidas quando não se conhece o historial de cada indivíduo.

Outra autora, Maria José Casa Nova (2009) também escreve sobre o trabalho da mediação: “conhecer para compreender, compreender para mediar, mediar para tornar possível a construção de diálogos ou de uma vivência não conflitual na perspetiva dos sujeitos-actores.” Conflitos são inevitáveis, mas a sua resolução ou gestão dependerá da disponibilidade em compreender o seu próprio contexto cultural e o do outro para conseguir um diálogo em que as partes se ouçam.

Não obstante quanto às culturas de cada um, exemplo disso são as escolas, cada vez mais diversificadas, cada família com a sua cultura diferente, quer seja nos costumes, tradições ou até religiosos. Tudo isso é transportado para a escola, um espaço que recebe alunos provenientes de vários espaços culturais, no entanto, como refere Pedro Silva (2003, p. 357) através de trabalhos de João Formosinho (1991), Stephen Stoer (1993) e Raúl Iturra (1990a, b):

“a escola não valoriza igualmente as diversas culturas, nem os conteúdos culturais socialmente mais úteis. Ela valoriza, privilegia e, simultaneamente, legitima a cultura socialmente dominante, que impõe como sendo a Cultura (...), quiçá a cultura nacional. Na prática ela coloca em situação desigual os alunos provenientes dos vários meios socioculturais.”

Ora, se a instituição onde as famílias deixam seus filhos durante mais tempo num dia, não valoriza suas culturas como poderá existir crescimento e construção de diálogos? onde sejam capazes de compreender o outro, de gerir conflitos que facilmente surgem, choques culturais e, ao mesmo tempo, um espaço de aprendizagem e socialização com o outro? É impossível negar a existência de uma cultura dominante. No entanto, se a instituição escolar continuar a planear como outrora, isso não facilitará a comunicação, o entendimento e a compreensão entre escola e família. Pelo contrário, resultará numa hierarquia de poder, em que cada instituição (família e escola) representa o seu poder sem permitir a mistura ou trabalho em conjunto, “(...) as famílias «aprendem» com a escola que a sua cultura não vale, não presta, não serve. Não serve o modo como falam, como se vestem, como gesticulam, como convivem, como se relacionam com a escola e outras instituições dominantes. (...)” (Silva, 2003, p. 358), “quem” é a escola

para exercer o poder de que as famílias estão erradas na forma como educam seus filhos? Será que haverá uma fórmula correta? A instituição que tende em não aceitar a diversidade da sociedade, tão presente no espaço escolar, torna-se inevitável a sua presença, mas enquanto isso não acontece, as desigualdades culturais vão ser notórias aos “olhos” das famílias de outras etnias ou não, que continuarão a sentir-se discriminadas em deterioramento das manifestas diferenças sociais, ou seja, continua-se a insistir numa escola monocultural e cai por terra a frase da gíria “todos diferentes, todos iguais”, ou talvez essa seja lida conforme convém à instituição.

Embora, ao longo de décadas, a insistência numa só cultura se vá tornando numa luta vã, especialmente depois de Portugal deixar de ser claramente um país com tendências emigratórias, mas sim, vir a ser cada vez mais um país onde chegam estrangeiros oriundos de vários cantos no mundo, sejam eles oriundos dos países PALOP, brasileiros, ucranianos e mais tarde de outros países. O multiculturalismo, cada vez mais evidente, já existe há muito tempo, mas parece que ainda se insiste na negação quando se faz referência à comunidade cigana como um grupo étnico. Esquecem-se, assim, os meios culturais rurais e urbanos nos quais as classes sociais eram acentuadas e se destacam tanto desigualdades sociais bem como culturais. Ainda que o autor Pedro Silva (2003, p. 362) defenda que se cruzam dois tipos de diversidade cultural: o grupo endógeno – Lusos, aqueles que fazem parte dos tempos da fundação da Nação e outro grupo – o das minorias étnicas e/ou estrangeiras que representam uma cultura exógena, que vem de fora através da imigração, justifica-se, assim, o termo multiculturalismo, que descreve a diversidade cultural presente, não só nas escolas, mas também na sociedade em geral.

Facto é que continua a existir tensão entre diversidade endógena e diversidade exógena, por vezes negada, mas talvez apenas adiada a sua mistura. Cada vez mais urgente é a expansão e adaptação da multiculturalidade pelos vários ciclos de ensino, e que possam facilmente ser transportados para a sociedade fora das escolas.

Tal como já foi referido, a escola continua a ser um espaço onde a “distância cultural é bastante grande, a entrada de um aluno para a escola (...) pode significar um choque cultural” (Cortesão et al., 1995; Silva, 2003, p. 415 citado em Silva, P., 2014), Mais uma vez, este é o resultado da monocultura que contribui para a criação do choque cultural, já que, na escola, todos os alunos devem ser tratados como iguais, o que na prática não acontece. Na realidade, não são todos iguais, cada um tem culturas, crenças, valores, dificuldades até de aprendizagem do curriculum que insistem em manter de forma igual para todos, resultante no insucesso escolar muitas vezes

também marcado pelo comportamento “desadequado” de alunos que não entendem ou compreendem a necessidade das aprendizagens curriculares para o seu quotidiano. No entanto, o decreto-lei 54/2018 da educação inclusiva, com as medidas universais, seletivas e adicionais vem revolucionar o sistema escolar. “(...) estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa.” Não quer dizer que seja fácil de fazer cumprir as medidas, mas pelo menos há a intenção de mudança na inclusão de todos e para todos.

A comunicação entre a escola e a família, muitas vezes, é feita apenas para relatar atos negativos dos alunos, como menciona Pedro Silva (2014, p. 418). Ora, se a instituição apenas comunica com as famílias para relatar acontecimentos negativos dos alunos, como poderão as famílias sentir entusiasmo em estar presentes, em participar, em se sentirem integrados e acolhidos pela instituição onde o seu educando passa mais tempo da sua vida? Torna assim infundável o trabalho de cada lado das margens para que possam ser compreendidas e alimentar a convivência saudável entre as várias margens.

Quando se fala em territórios educativos, parece que apenas a instituição escolar é a responsável pela “educação” e “instrução” das crianças. Mas será apenas a escola a responsável por sucessos e insucessos? Ou, na sociedade, rotulamos como “lógico” o fato de que a escola deve desempenhar esse papel? (mesmo que o lógico para uns não seja o lógico para outros). Nós, enquanto seres humanos, somos os responsáveis pela construção de uma sociedade saudável, e não devemos estar em modo standby. Pais e escola não devem ter "trabalhos" separados, sem considerar as expectativas de cada agregado familiar ou os rankings esperados, sem, sequer ouvir o outro e compreendê-lo.

No momento de socializar e conviver com o outro, geralmente iniciado através de atividades de animação social e cultural como “brincadeiras” de grupo, o que não quer dizer que não possa existir brincadeira de forma individual, aliás, a imaginação da criança é livre de voar e criar, reproduzir jogos que bem entenda. No entanto, a brincadeira em grupo já exige cedências de ambas as partes, embora possa haver falta de sintonia dentro do grupo quanto ao que querem brincar, mas isso não os impede de entrar no processo constante de aprendizagem e desenvolvimento de várias competências, tanto sociais como intelectuais ou até cognitivas ao brincar com o outro. A criança pode demonstrar interesse ou não em permanecer no momento

ou iniciar-se ali um conflito de ideias e desejos, e como já vimos durante este mestrado, tanto em textos de vários autores como através dos professores, o conflito não tem de ser resolutivo, mas sim gerido já que é inevitável, é através dele que a criança aprende a gerir frustrações, emoções, sentimentos (...). O que poderíamos considerar um processo de mediação intercultural bem sucedido, talvez pelo profissional que acompanha durante mais tempo o grupo em causa (seja educadora, auxiliar, professora...) poderá não ser assim tão óbvio, geralmente como menciona o autor Rui Matos (2018, p. 21), há falta de empatia durante o processo. O mediador desempenha um papel fundamental, pois compreende as perspetivas de cada parte e, em conjunto, ajuda a autorregular-se, alcançando um entendimento no qual não há vencedores nem vencidos. A mediação só é eficaz com a presença do mediador, que relembrará a importância de olhar para si mesmo, compreender o outro, promover a comunicação assertiva e, assim, facilitar a aprendizagem tanto com o outro quanto com o grupo.

“(...) a única forma de ser neutro é estar morto” (Torremorell, 2008, citado em Vieira e Vieira, 2016). O papel do mediador intercultural vai muito além da “receita ideal” para resolução de conflitos, pelo contrário, atua como prevenção sem evitar a neutralidade, não tem de tomar as “dores” dos outros, mas pode e deve ser empático com todas as partes envolvidas, facilitar a comunicação entre as partes (onde e qualquer que seja o âmbito), para que as partes cheguem a “soluções” entre si, e nunca ser o mediador intercultural a decidir.

“Muito do Serviço Social contemporâneo assenta, ainda, bastante, nestas premissas. O assistente social é visto e assume-se, ele próprio, tantas vezes, como um profissional ligado a funções resolutivas e paliativas, o designado final da linha.” (Fernandes, 2018 citado em Vieira e Vieira, 2019). Já “(...) a Pedagogia Social-Educação Social há muito que insiste no poder da intervenção preventiva, socioeducativa e, portanto, dinâmica e transformadora.” “(...) Por outro lado, o Educador social, apoiado em pedagogias sociais, aposta mais na prevenção, na intervenção socioeducativa e, portanto, na transformação, usando o paradigma da mediação intercultural em todo o trabalho social, isto é, assumindo-se como um profissional da relação e não como o terapeuta ou o médico.” (Vieira e Vieira, 2019). Ou seja, o mediador intercultural promove ou deve promover uma escuta ativa, pois ouvir o outro é tão ou mais importante do que a solução que os intervenientes possam encontrar, indo assim ao encontro da ideia da “multiparcialidade”. Isto é, o processo que o mediador percorre deve sempre proporcionar a autonomia dos envolvidos, do que tomar partes.

Segundo Torremorell (2008, p. 85), citada por Ana Vieira e Ricardo Vieira (2016), a mediação intercultural pode ser definida “(...) como uma tentativa de trabalhar com o outro e não contra o outro, procurando uma via pacífica para enfrentar os conflitos num ambiente de crescimento, aceitação, aprendizagem e respeito mútuo. (...) A mediação, além do mais, procura equidade e compromisso informado superando a violência, e a exclusão é integrada num amplo movimento personalizador de coesão social.”

Os indivíduos devem poder promover a capacidade de colocar ou ver a perspectiva do outro, de compreender limitações do outro, de aprender com o outro e consigo mesmo, não deixando que o mediador seja um árbitro ou juiz em que decide por si só. Poderá ser importante referir que segundo Maria Torremorell (2008), “na maior parte das comunidades, conhecem-se e reconhecem-se os membros capazes de interceder (...)” ou intervir com ponto de equilíbrio que envolvidos ainda não conseguiram alcançar. Enquanto recetora de crianças, outrora, em espaços de tempos livres, aconteceu com frequência a necessidade de não tomar partes, de gerir o conflito, sendo que muitas vezes essa tentativa tendia a falhar quando se liga o “*opinómetro*”, dando o poder da razão a uma das partes, caindo no erro de intervir tomando uma posição. No caso, inicia-se uma intervenção *com*, erradamente terminando com a intervenção *para* a facilitação da paz e harmonia, sem ter certeza da aprendizagem dos intervenientes. Ora, mais uma vez, o mediador não deve ser imparcial, mas também como interventor social dificilmente consegue tomar distanciamento da situação.

Deveríamos entender que, há algumas décadas, o profissional de mediação não seria “requisitado” a atuar, já que escolas estavam preparadas para que os professores conseguissem comunicar com os encarregados de educação/tutores de forma próxima, pessoal e ao mesmo tempo lecionar conteúdos básicos para um público homogéneo, não havia muita oposição quanto aos profissionais que estavam grande parte do dia com os educandos. No entanto, quando olhamos para a escola atualmente, que se apresenta com grande diversidade multicultural, e com grande necessidade de responder ao mesmo tempo à inclusão social, como por exemplo com o fenómeno migratório, principalmente no que afere a minorias estas anseiam pelo direito a igualdade de oportunidades. O docente, que não foi preparado para lidar com problemáticas além do currículo que lhe é imposto, fica esquecido ou para “depois” o tempo “destinado” à promoção da proximidade entre escola, família e suas culturas diversas.

Continuamos a ver um sistema a entupir o professor de burocracias e avaliações de números, no entanto “é imperioso repensar o papel da sociedade, do Estado e das instituições educativas e a ação dos educadores e dos professores em contexto económico, social e político mais complexo, trespassado por desigualdades e exclusões dos mais variados tipos, nomeadamente as que se relaciona com a identidade e a diversidade” (Peres, 2002: 4, citado em Vieira, 2013 p. 37 e 38).

É urgente compreender, aceitar, escutar o aluno, empoderá-lo a tomar decisões, já que é na escola que passam a maior parte do dia, e do seu tempo útil. Torna-se indispensável conhecer o seu contexto social e cultural, não só pela comunidade escolar, mas também ultrapassando esse espaço, buscando uma alternativa dinâmica, em que não se mude de “chip” ao entrar ou sair da escola, fugindo também ao termo “estacionamento de crianças”, mencionado no documentário “a educação proibida” de Germán Doin Campos e Verónica Guzzo, (2012).

Aqui está a importância da mediação através da animação seja ela social ou cultural, já que através dela pretende-se que haja transformação, mesmo que não haja uma solução (já que não é isso que se pretende ao usar mediação entre pares), que permita aos intervenientes sentirem algo transformador e evolutivo na sua aprendizagem, aquando de uma situação de conflito.

“O termo conflito é utilizado em contextos muito diversos, onde o escolar também se insere, no contexto educativo, subsiste a conceção normal do conflito, associado a algo negativo, não desejável, sinónimo de violência ou de disfunção e que como tal, é necessário evitar, corrigir ou resolver.” (Trindade; Conde; Pocinho & Margarido, 2020, p. 302). o Conflito é inevitável e até necessário, já que não deve ser visto como algo sempre negativo, mas sim positivo que permite às partes que têm diversas opiniões, formas de pensar, caracteres diferentes, conhecerem formas diversas de ver a situação em conflito. “A Mediação e a Animação Sociocultural são ferramentas essenciais na resolução e prevenção de conflitos, de forma ágil eficaz, confidencial e voluntária, onde se procuram soluções para as divergências e resolução de conflito, evitando a violência ou a falta de comunicação” (Trindade; Conde; Pocinho & Margarido, 2020, p. 302).

2.4. Animação e desenvolvimento local

Afirma Marcelino Lopes (2019) que “A Animação Sociocultural nasce nos finais dos anos cinquenta do século passado com o propósito de recrutar as pessoas para a procura de respostas sociais, culturais e educativas tornando-se assim uma pedagogia participativa e mobilizadora no sentido de tornar as pessoas protagonistas do seu próprio desenvolvimento.” Assim, sem interferência nas escolhas de cada um, deve-se ter em conta que historicamente, Portugal e toda a Europa estava a atravessar um período bastante conturbado, a viver sob regime de ditadura onde a animação sociocultural não era permitida na sociedade. Até partilhar afeto ou conversar com muitas pessoas podia ser “perigoso”, especialmente se envolvesse a prática de animação sociocultural. No entanto, isso não significa que, como tantas organizações clandestinas, não existisse alguma na área da animação. O autor (Lopes, 2019, p. 64) menciona isso no artigo, citando grupos como o movimento GRAAL, inspirado no método de Paulo Freire. Quase como se fosse impossível lutar contra a nossa natureza humana de tentar sobreviver a fazer algo essencial até à saúde mental, de forma clandestina, ou viver na hipocrisia, sorrir, dizer que está tudo bem e compactuar com o lema “orgulhosamente sós”, mas sempre bem, porque como sabemos era perigoso ser “demasiado animado”. Ou seja, praticar animação – dar ânimo era demasiado perigoso, poderia incentivar as pessoas a estarem mais alegres, mais entusiasmadas... Felizmente ultrapassada essa época eis que chegam os anos 80, trazem a emergência de mudança na perspectiva de como é vista a animação sociocultural, a necessidade de deixar de ter pessoas passivas, público que assiste e animadores socioculturais que fazem, que criam e passamos a ver pessoas a usufruírem dos métodos de animação sociocultural e a serem ao mesmo tempo protagonistas da ação (Lopes, 2019, p. 65). Pois, é isto mesmo que se pretendia com atividades do Plano (PIICIE) implementadas na comunidade escolar, que os alunos adquirissem competências para serem protagonistas do seu desenvolvimento, seja ele cognitivo, emocional, social ... Como afirma o Marcelino Lopes (2019, p. 65) “Adotar a Animação Sociocultural como uma metodologia de intervenção associada à superação de problemas que se ligam ao viver comum, seja na cidade ou meio rural, é exortar as pessoas à autonomia e a serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento.”

O autor acredita que, nos dias de hoje, a animação sociocultural é frequentemente vista como uma solução rápida, mas não é essa a função que ele lhe atribui, acredita que a partir de diagnósticos se pode intervir em diversas áreas como educação, na saúde entre outras áreas usando técnicas sociais, culturais e educativas. (Lopes, 2019, p 69 e 70). Insiste Marcelino que

a animação sociocultural tem como propósito que pessoas sejam protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Isso vai de encontro à missão da mediação, quando se afirma que mediar é permitir que todos os intervenientes tenham direito a ouvir e ser ouvidos e os próprios criarem as mudanças que acham ou pensam que sejam necessárias, o mediador é o terceiro sempre em escuta ativa, podendo fazer sentido usar técnicas de animação sociocultural.

Outro autor (Viveiros, A., 2008) enuncia que a “animação enquanto metodologia de intervenção social é uma prática inalienável do desenvolvimento comunitário. Um princípio basilar dos processos de animação e desenvolvimento com a comunidade é a participação dos coletivos.” Se temos coletivos ativos a animação e desenvolvimento comunitário pode ser desenvolvido onde faça mais sentido, onde as pessoas trabalham em conjunto para o mesmo fim, com o mesmo propósito, maior parte das vezes podemos observar isso mesmo através de associações, composto por voluntários na promoção de variadas atividades acompanhando os tempos modernos com atividades inovadoras ou perpetuando a tradição local através do vasto património local.

Albino Viveiros (2008) elucida que a “animação direccionada para os processos de desenvolvimento local deve privilegiar novas formas de olhar a realidade na perspectiva das gentes, suas raízes culturais, no sentido da valorização da auto-estima e da cultura, elemento central da ideia de comunidade”. Olhar de uma forma moderna, inovadora, mas sempre tendo em conta a cultura e património local, trabalhar com a história sem modificar o passado e rescrever o futuro com memórias do que foi. Sem pessoas, não há animação, ou sequer desenvolvimento quer seja individual ou comunitário ou como refere o autor (Viveiros, A., 2008):

“Animar o desenvolvimento comunitário é educar para os valores do “local”, sensibilizar para o papel que cada indivíduo pode cumprir para o bem comum. É sedimentar espaços de construção alternativos à realidade presente, enfim, é provocar a mudança social com a comunidade. As pessoas deverão assumir o protagonismo da acção comunitária, um processo difícil de se construir na sustentabilidade da participação, mas certamente, mais activo, consciente, democrático e libertador de preconceitos culturais e estigmas sociais associados ao território local. (...) A Animação Comunitária tem que sustentar a sua acção num projecto de educação para o desenvolvimento, esta entendida como forma de educar para o sentido cívico, para a formação de cidadãos conscientes e participantes no próprio processo de desenvolvimento. A educação para o desenvolvimento está direccionada para a provocação da

mudança de mentalidades, atitudes e comportamentos do indivíduo e do grupo. A Animação enquanto método educativo tem que educar para a solidariedade, para a responsabilidade colectiva, para a auto-estima e valorização da cultura do território.”

Quando usamos a animação em prol do desenvolvimento comunitário e participação ativa das pessoas que tanto desejam a continuidade do património local, torna-se mais fácil manter “viva” a tradição local e valorizar mais ainda uma cidadania que promove o bem-estar, autoestima e cultura e desenvolvimento local.

No caso, a música é pretendida como forma de animação e ao mesmo tempo comunicação mediadora, uma ferramenta que passa a estar sob controlo dos que constroem música, a trabalham e a exploram em conjunto. A música talvez possa ser vista pelos alunos com uma “linguagem universal”, quando “tudo lá fora parece estar fora do lugar”, a música equilibra mundos muito heterogéneos, junta mundos “sociais” diferentes, e talvez possa unir numa só luta pelas tradições locais. Individualmente no dia da ficha de avaliação da disciplina de matemática (por exemplo) será cada um por si, mas o grupo que toca aquela música típica da aldeia não atua de forma individual, nem para si próprio, mas em conjunto, com um propósito coletivo. Aqui poderá ser importante o papel do docente, que ao mesmo tempo como mediador, o terceiro interveniente, sem tomar posse de decisões, assumindo uma função de ponte, de ligação que alimenta o incentivo à transformação, ajuda o aluno a criar vínculos, caminhos de encontro e descoberta da sua identidade cultural e até social que permita mudanças nas relações com o outro. No fundo, pode ajudar a que se torne claro para o aluno a importância de ouvir o outro, mesmo que não se goste da mesma música, pode aceitar o “gosto musical” do outro, pode trabalhar com o outro.

Estando cada vez mais presente a multiculturalidade nas escolas, o papel de todos poderia passar por aceitação, adaptação ao mundo dentro doutro mundo (recinto escolar): heterógeno, espelho do mundo real, alunos que são lançados no “mundo dos adultos”, com competências ajustáveis à sociedade dita comum. Possivelmente, nem todos os espaços escolares estarão preparados para o aumento heterogéneo, para as diferenças culturais, sociais, já que poderá ao mesmo tempo existir ainda discriminação social, religiosa, física... No entanto, pensa-se que o projeto em causa possa ter sido um meio para minimizar certos comportamentos entendidos pelas entidades envolvidas como desviantes. No universo da música, idealmente, não há espaço para cores ou cheiros, mas sim para sons e ritmos e é aqui que a mediação começa a funcionar, amparando a comunicação “numa só voz”. Ao mesmo tempo, exerce o papel de “terceiro

interveniente”, de mediador sem julgar, sem cobrar, apenas uma atividade que possa ser usufruída, usada como auxiliar de regulação comportamental, alívio de stress, ou até de regulação emocional. Eis que vamos ao encontro da mediação no projeto, disponível aos alunos que possam continuar o processo de aprendizagem e desenvolvimento individual e coletivo. À medida que esses alunos transferem para fora do ambiente escolar as competências que adquiriram, sentem-se mais seguros para viver e desenvolvê-las. Antes de usarem a música como apoio para a regulação emocional, não conseguiam. No entanto, a música é importante para a descoberta de traços das suas personalidades, dos seus gostos, limites, limitações entre outros aspetos variados que os possam ajudar a saberem usar a mediação como técnica de controlo sobre si mesmos.

2.5. Música e instrumentos musicais tradicionais como ferramentas pedagógicas de motivação

A música é algo muito presente em Terras de Miranda, pelo planalto, de aldeia em aldeia será raro encontrar lugar que não tenha gaiteiros e/ou pauliteiros e até há espaço para quem tenha gosto em construir instrumentos musicais representativos da cultura local. E falamos sempre de pessoas comuns, com trabalhos diferenciados que em alguma parte de suas vidas em momentos livres escolhem continuar a alimentar e manter a cultura de Miranda ao falar Mirandês, tocar, dançar e cantar tudo o que foi deixado em herança de geração em geração. Para isso mesmo, a escola sendo o lugar-comum e onde alunos passam mais tempo de suas vidas até maioridade, faz sentido que lhes seja proporcionado uma educação ligada à tradição local.

Ricardo Vieira (2011, p. 181) refere que “... a educação deverá ser um instrumento de promoção da igualdade de oportunidades e um instrumento para favorecer a justiça social, a escola deverá assumir-se como espaço fundamental de legitimação e de reforço dos valores (...), cada vez mais multicultural”. Poderá ser vista a música como instrumento “mediador” entre alunos que não compreendem ou encontram o seu “espaço” na comunidade escolar? A música tem o poder de unir gerações, etnias diferenciadas, religiões... utilizando uma linguagem única, através da pauta musical ou não. Muitos músicos entendem e exploram a arte da música sem saberem ler uma nota musical, interessa mesmo é o ritmo, o som que une pessoas.

Miguel Oliveira e Sandrina Milhano (2010, p. 16) referem no seu trabalho que “os contextos de aprendizagem musical são considerados cada vez mais relevantes e diversos, sendo importante considerá-los quando se estuda o que deve ser ensinado e aprendido na escola, nomeadamente enquanto elemento ‘enriquecedor’ do currículo.” Continuam, os pais e professores cada vez mais cientes do poder que a música pode ter junto dos alunos, principalmente quando dada a “manusear” na primeira infância.

Alunos em contacto com música (Oliveira, M., Milhano, S. (2010, p. 16))

“(…) têm impactos na progressão futura ou na redução dos riscos de abandono escolar. Têm-se estabelecido várias conexões entre a participação activa das crianças e jovens em actividades musicais e o desenvolvimento do pensamento crítico, da resolução criativa de problemas, da comunicação, do trabalho colaborativo, da comunicação e da autoconfiança. Aprender a ‘ser musical’ inclusive desde cedo, valorizando também as primeiras experiências de aprendizagem, pode ser estruturante para o resto da vida”

Os autores mostram que há vantagens no uso da música na primeira infância com reflexo além da aprendizagem do currículo escolar. Ajuda a explorar a criatividade, a comunicação, autoestima, descoberta e desenvolvimento de competências sejam elas motoras, cognitivas, emocionais... Continua a ser facto que a introdução da música no currículo dos alunos é benéfica, conforme Sandrina Milhano (2007) destaca na sua participação no congresso – “Inovação e Oportunidades, Secção Sociedade, Cultura e Inovação”, vários países veem e implementam a música nas escolas como elemento importante na aprendizagem. Através da prática musical entende-se que podem ser desenvolvidas as competências sociais, cognitivas, intelectuais (...) A autora (Milhano, S., 2007) refere que os últimos estudos feitos revelam que crianças que têm contacto com instrumentos musicais desenvolvem competências “espácio temporais e de raciocínio – capacidades essenciais para a compreensão dos conceitos científicos e matemáticos. (...) facto explicado como sendo o resultado das relações espaciais entre a representação visual e linear e as alturas de som (frequências) presentes num instrumento.” Perante este estudo que a autora apresenta, não se pode deixar escapar a oportunidade de focar no poder que mostra ser a música na vida dos alunos, sendo que esta continua a sua demonstração, revelando que, quanto mais cedo as crianças participarem em actividades musicais, mais poderão desenvolver competências de pensamento crítico, comunicação, resolução de problemas, acrescenta também a autoconfiança.

Ainda de acordo com a autora, Sandrina Milhano (2007), é quase evidente o poder da música quando falamos de génios como Shakespeare, Beethoven, Einstein, entre tantos outros que partilharam suas obras e seus efeitos nas pessoas. De acordo com a autora, apesar de falarmos de um grande poder que é a música, ao mesmo tempo

“(...) tem sido muitas vezes pouco considerada, particularmente no contexto educativo. Alguns dos motivos prendem-se com considerações de ordem pragmática: de modo a colmatar défices de aprendizagem académica e possibilitar o acesso à competição global em termos empresariais e tecnológicos, os currículos escolares devem centrar-se obrigatoriamente nas competências básicas de leitura, escrita, de matemática e das ciências. A argumentação continua salientando que a música é de facto uma atividade agradável e interessante para as crianças aprenderem, no entanto é também muito onerosa.”

Um dos objetivos do programa, da criação dos grupos de música, era poder ajudar no combate ao insucesso escolar e às dificuldades que os alunos sentem na integração no “dito” currículo normal. E, tal como descrito por Sandrina Milhano (2007), estudos foram feitos que demonstram o poder

“que a música exerce no sucesso da vida dos cidadãos, na sua formação ao longo da vida, nas conexões entre a música e o desenvolvimento das potencialidades do cérebro, no seu bem-estar, nas questões de desempenho e sucesso escolares, de integração, pluralismo e inclusão sociais, no desenvolvimento da criatividade, transferência de capacidades, atitudes e conhecimentos (...)”

A autora mostra que é possível trabalhar vários temas através da música sem perdemos o que a comunidade escolar também anseia – o sucesso escolar dos alunos. No entanto, insiste-se num mundo escolar com um currículo apertado a cumprir, quando, como refere Amado (2001, p. 7), o aluno procura no professor mais do que aprender com a matéria exposta no manual, espera momentos de confiança, alguém que seja capaz de o ouvir. Seja sobre problemas escolares ou não, sugerindo assim que o professor deve ter outras competências além do ensino curricular.

Na verdade, o espaço escolar é onde alunos passam grande parte de seu tempo, onde além de matérias curriculares, há processos de aprendizagem social e exploração de questões emocionais. Todas essas questões exploradas no recinto escolar são vistas, partilhadas e observadas por outros dentro do que chamamos “seio de amigos”, outras vezes por colegas com histórias de vida diferentes, que necessitam de alguém que os ouça. Quando não há um meio de

escape o comportamento poderá alterar-se com a tensão acumulada, o que pode levar a uma “descarga emocional” nos mais frágeis. Bons ou maus alunos nas matérias curriculares, todos necessitam de ser ouvidos, no entanto, muitas vezes não se aprende a ouvir também o outro, porque, até então não existiu o treino ou aprendizagem quanto ao respeito pelos limites e espaço do outro. Quanto a isso, não pode ser a escola a entidade responsável por todo um percurso de um aluno que tem família, tem dilemas, crises existenciais (...). É importante que os encarregados de educação questionem os seus educandos, estejam atentos aos seus comportamentos, tentando fugir à culpabilização de outros por todos os males que lhes acontecem. Poderá ser um desvio de responsabilidades parentais, emocionais, sociais, ou estaremos poderão estar a ser confundidas tensões comuns e o conflito com algo que quando acontecem são denotadas como algo mau, e sem conflitos não há mudança, não há aprendizagem num caminho de possíveis transformações.

Como refere Ana Vieira (2016), a existência de tensões “não significa que não tenha de haver mediação preventiva para a aprendizagem da convivência e para a paz social”, tudo se constrói, apesar de exigir o esforço de ouvir, compreender o outro e aceitar a diferença, continuamos a presenciar dificuldades na aceitação do outro e falta de empatia de quem pode ser um terceiro envolvido e até mediar entre duas margens tão diferentes. No entanto, a sociedade está tão cheia de preconceitos, de conceitos formatados que não permite consenso das partes, assim sendo, faz sentido a mediação preventiva aliada à formação de docentes e não docentes, a revisão do sistema escolar.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Como referido na introdução, pretende-se compreender o impacto que a música teve no mundo dos alunos que fizeram parte de dois grupos de música criados nas escolas do agrupamento de Miranda do Douro. Um grupo na escola secundária de Miranda do Douro - uma turma de 10.º ano e outro grupo na escola básica de Sendim com alunos de várias turmas e anos, no entanto a maioria dos alunos do grupo frequentava o 5.º ano. Procura-se compreender de que forma possa ter sido transformativo para os alunos, que diferença possa ter feito nas suas vidas, entender a música como papel preponderante entre currículo atarefado dos alunos, e usada como motivação extra no seio da comunidade escolar.

Numa primeira instância, revivemos todo o projeto de intervenção, o PIICIE, que tinha como objetivos fundamentais: redução da taxa de retenção e abandono escolar e apresento-o no capítulo 4 com as ações nele incluídas e que foram implementadas entre os anos 2018 e 2021, abarcando cerca de 400 alunos do agrupamento, professores, técnicos da câmara municipal e a Associação local Lérias (anexo I memória descritiva PIICIE).

Descrever todo o projeto PIICIE, seria muito exaustivo e fatigante, tal não é necessário para a investigação que é feita de seguida sobre o impacto do mesmo na comunidade escolar. Mesmo o anexo 1 que apresento sobre o projeto de intervenção está sintetizado por forma a dar essencialmente visibilidade à ação Promoção da cultura Terras de Miranda. Assim, o capítulo 4, que se segue, depois de dar uma visão geral sobre o projeto PIICIE, descreve mais detalhadamente o que foi feito em termos da promoção da cultura “Terras de Miranda”.

Após o estudo detalhado do projeto integrado no plano PIICIE, procedo à análise da sua eficácia junto da comunidade escolar conforme é apresentado no capítulo 5. Para esta instância, foram realizadas entrevistas de grupo a alunos da escola básica de Sendim à turma (5.º ano) que tinha

maior representatividade no grupo, na tentativa de usar *Focus Group* que é uma “técnica de entrevista que reúne 6 a 12 participantes e um animador, no quadro de uma discussão estruturada sobre um assunto particular” (Geoffrion, 2001, p. 319); No entanto, aconteceu uma entrevista sim, mas de grupo, em que foram colocadas as mesmas questões aos alunos da turma, em que cada um teve espaço a falar sobre a sua experiência. Também foram realizadas entrevistas individuais com um aluno do grupo da escola secundária e com seu professor responsável e incentivador da criação do grupo durante as atividades letivas.

Será que o poder da música influenciará em decisões futuras dos nossos alunos? Poderão ajudar a melhorar a capacidade de aprendizagem?

A metodologia a utilizar para a concretização da dissertação, numa fase inicial foi marcada pela pesquisa e revisão bibliográfica, com propósito de fomentar resultados de pesquisa, em muito apoiada nos textos que os professores foram facultando e direcionando ao longo do primeiro ano.

A investigação incide nas escolas do agrupamento de Miranda do Douro, sob uma pequena amostra: dois grupos de música criados em contexto do Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar (PIICIE). O público-alvo foram duas turmas, alunos de 5ºano, inquiridos aquando do 6ºano da EB de Sendim e alunos de 11º, inquiridos aquando do término do 12º ano do curso de turismo do ensino profissional.

A importância das metodologias no processo de acesso à realidade é reconhecida pela generalidade dos investigadores. (...) No campo das ciências sociais, a maioria dos investigadores reconhece a importância da fertilização cruzada dos diferentes métodos e técnicas de investigação (frequentemente diferenciados através da dicotomia qualitativo/quantitativo), o que não tem obstado ao desenvolvimento de ‘querelas metodológicas’ entre os proponentes de diferentes abordagens e a sucessivas incomunicações entre os ‘defensores’ de uma abordagem qualitativa (...) e uma abordagem quantitativa (...). (Vieira, R., Marques, J., Vieira, A. M., Silva, P., & Margarido, C. 2016, p.125).

A pluralidade de abordagens metodológicas permite uma análise científica mais profunda, que foi o que buscamos. Isabel Guerra (2006, p. 28) defende que “tradicionalmente, as entrevistas eram concebidas essencialmente como estudos exploratórios e estruturadas em função do questionário – considerando o método todo por excelência (...) infelizmente, o uso seletivo da palavra das pessoas parecia frequentemente servir (e ainda hoje serve) para apoiar as

demonstrações do investigador, não se garantindo uma análise de conteúdo rigorosa.” É, contudo, fundamental, ouvir os alunos, que constituem os elementos fundamentais a serem escutados sobre o projeto em que estiveram inseridos.

O estudo privilegia a escuta ativa através de entrevistas, numa metodologia qualitativa (apêndices C, D, E, F) apoiada num paradigma interpretativo (Faria & Vieira, 2016), mas não descarta a recolha de informação quantitativa (cf. apêndice A), no desenvolvimento da dissertação há lugar, à apresentação dos métodos qualitativos e quantitativos, e que de alguma forma possam acrescentar valor a cada método.

Com o intuito de compreender o ponto de vista dos sujeitos que participaram no projeto de intervenção, como forma de avaliação da eficácia do mesmo, foram escutadas, através de entrevistas e inquérito por questionário, os diversos protagonistas envolvidos no mesmo, como damos conta de seguida, depois de ser apresentado o projeto de intervenção socioeducativa.

CAPÍTULO 4 - PIICIE – PLANO INTEGRADO E INOVADOR DE COMBATE AO INSUCESSO ESCOLAR

4.1. Projetos municipais: Equipa Multidisciplinar Miranda + Integrar/Inovar Promoção da Cultura “Terras de Miranda”

Desde há algumas décadas a população de Trás-os-Montes tem sentido uma evolução negativa da demografia, encontramos territórios mais despovoados, e quem ficou já pertence ao grupo das gentes envelhecidas que insistem, não desistem das terras, do seu *ninho*. Estudos que a CIM-TTM (Comunidade Inter Municipal – Terras de Trás-os-Montes), referem que em 5 dos 9 concelhos que fazem parte, há uma diminuição da população em cerca de 20%, colocando assim em causa a continuidade do futuro transmontano, pois se os jovens abandonam o território mais difícil será o desenvolvimento económico e social da região.

Constataram também que além da desertificação, o insucesso escolar de quem fica torna-se preocupante, apesar de investimentos em equipamentos nas escolas, a média de abandono e/ou insucesso continua a ser superior em relação à média no restante Continente. O mesmo se passa quando observados dados em relação à literacia de leitura, científica e matemática. Portanto, às competências básicas com que devemos viver o dia a dia enquanto futuro de uma sociedade. (anexo II)

Neste sentido, surge a necessidade de encontrar soluções, assim, nasce o Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar das Terras de Trás-os-Montes (PIICIE TTM), com propósito de transformar a realidade que se referiu anteriormente.

Em 9 Municípios com a atuação e presença de PIICIE, há um objetivo comum muito claro, em qualquer que seja o modo de operar: reduzir a taxa de insucesso e abandono escolar. Para isso acontecer, foi necessário desenhar e integrar equipas multidisciplinares, equipamentos e serviços que possam promover a aprendizagem primordialmente junto dos alunos que frequentavam os primeiros anos de escolaridade até à idade obrigatória. O PIICIE só poderia ter fundamento quando se trabalha em conjunto com todos os atores que estejam envolvidos na formação dos alunos, da geração adulta futura – a comunidade escolar, as associações de pais, entre outras associações... (anexo II)

O PIICIE nasce com o propósito de fazer mais e melhor para as gentes de terras de Trás-os-Montes, 9 concelhos que se aliam mesmo que com projetos diferentes – adequados às realidades das regiões concelhias.

Um plano que se divide em vários objetivos como: promover a elevação da autoestima dos alunos, divulgar a cultura mirandesa e ao mesmo tempo promover a descoberta de talentos locais, na comunidade escolar e igualmente importante reforçar o objetivo de evitar o abandono escolar.

O PIICIE foi desenvolvido entre o ano de 2018 e 2021³, dividido em dois projetos, no caso do município de Miranda do Douro: 1 - Equipa Multidisciplinar Miranda + Integrar/Inovar e 2 - Promoção da Cultura “Terras de Miranda”, desenvolvido com quatro técnicas superiores: uma psicóloga, uma educadora social, uma terapeuta da fala e uma animadora cultural, em parceria e colaboração do Agrupamento de Escola de Miranda do Douro (anexo I).

No entanto, descrever todas as ações que foram implementadas entre os anos 2018 e 2021 seria fastidioso e ocuparia imensas páginas. Por isso mesmo descrevo de seguida essencialmente o projeto Promoção da Cultura “Terras de Miranda”.

Tinha como ação nº1 (e única) - *Constituição de grupos com enfoque na cultura local*. Um projeto que se integrava na área “Oportunidades de aprendizagem - comunidade, cidadania e desenvolvimento integral”, projeto/ação que se identificava como conjunto de atividades extracurriculares com forte ligação com a cultura local, mostrando isso através do propósito de: Criação de grupos de teatro; Criação de grupos de Pauliteiros; Criação de grupos musicais/coro mirandês; Realização de workshops sobre “Artes Tradicionais Mirandesas”. (anexo II) Os

³ e no ano de 2022 foi dada continuidade, de forma voluntária

diferentes grupos funcionavam nas duas escolas: Escola básica de Sendim e Escola básica e secundária de Miranda do Douro. Sem a colaboração do Agrupamento, os objetivos não teriam sentido, já que a finalidade era, precisamente, chegar aos alunos e contribuir para o seu sucesso, seja pessoal, intelectual ou em qualquer outro âmbito que leve ao sucesso dos alunos. Além da cooperação já existente entre Câmara Municipal e Agrupamento de escolas de Miranda do Douro, estas atividades foram realizadas em parceria com a Associação Cultural – Lérias.

No entanto, com a pandemia de Covid-19, que restringiu ao máximo o contacto físico, algumas atividades foram suspensas, dando lugar a outras, nomeadamente: os grupos de pauliteiros, que exige proximidade física obrigatoriamente por grupos de música: com a exploração de músicas tradicionais mirandesas e não só, utilizando instrumentos tradicionais como a caixa, a gaita de foles e o bombo, entre outros instrumentos menos reconhecidos como tradicionais. Estas atividades e materiais foram financiadas pelo projeto PIICIE (Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar).

É então nos grupos de música que assenta este trabalho, que aconteceu durante o ano letivo 2020/21, este estudo de caso que procurou entender o valor, o poder de transformação dos alunos no seu dia a dia, nas suas relações pessoais e na comunidade em geral.

Os grupos de música acontecem com o objetivo fundamental de promover o sucesso através de apoios adicionais, e extracurriculares que pudessem ser significativos e transformadores no desenvolvimento de competências pessoais, sociais, culturais e artísticas. Com o propósito de sensibilizar os alunos para o conhecimento, reconhecimento, divulgação, usufruto da música tradicional local. Para isso foram feitas intervenções ou seria melhor apelidar como demonstrações dos vários instrumentos. Em momentos seguintes, foi facilitado espaço para a experimentação num “lugar” isento de pressão de aprendizagem, cada um podia explorar o instrumento que pretendia, ou que mais interesse lhes suscitava. Aos poucos foi assim crescendo um grupo na escola básica de Sendim com alunos maioritariamente do 5º ano, não negando presença a colegas de outras turmas e anos, sempre dentro do espaço escolar (agrupamento de escolas de Miranda do Douro) à hora de almoço. Já o grupo de música na escola básica 2,3 e secundária de Miranda do Douro, apesar de ter iniciado da mesma forma, rápido surge a oportunidade de nos⁴ aliarmos ao professor Fernando Pereira (professor de história) que sugere as turmas do curso profissional de turismo, e assim vamos afunilando ainda

⁴ Câmara municipal através do trabalho da animadora cultural e Associação cultural - Lérias

mais o grupo através da maior demonstração de interesse por parte da turma de 10º ano desse curso. Em estreita colaboração com os professores da turma, autorização da direção do agrupamento foi possível organizar a atividade dentro do horário escolar, integrado assim nas atividades de cada disciplina e aos poucos nasce uma harmonia bonita entre alunos, professores, comunidade escolar e até comunidade local.

4.2. “Promoção da cultura Terras de Miranda”: (ação) constituição de grupos com enfoque na cultura local

Esta ação - constituição de grupos com enfoque na cultura local - fez parte do PIICIE (Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar), como já é referido atrás, no qual atuei como animadora cultural, sendo responsável pela formação e acompanhamento de grupos de música, pauliteiros e teatro em duas escolas do agrupamento de Miranda do Douro.

Os alunos foram convidados a integrar os grupos enunciados, maioritariamente aqueles que a comunidade escolar entendia que tinham comportamento perturbador (mesmo que fosse difícil para a comunidade escolar acreditar que estes conseguissem manter presença nos grupos), alunos que, de alguma forma se sentiam desmotivados com o ensino regular, que se sentiam “sozinhos” no meio do recinto escolar, também alunos que mostravam interesse em fazer parte de um grupo, de fazer parte das tradições mirandesas.

Com estas atividades pretendia-se promover e aumentar a autoestima dos alunos, dar espaço à criatividade e motivação para um maior interesse pelo currículo e ambiente escolar. Havia o propósito de chegar ainda mais longe – reduzir o abandono e insucesso escolar.

Todas as atividades propostas e levadas a cabo, foram apresentadas à comunidade escolar e sempre que possível aos pais e outros públicos, como por exemplo algumas apresentações de “*lhaços*” (termo em mirandês: cada um dos números de dança dos pauliteiros, música e letra desses números) em espaços públicos de Miranda do Douro e em lares locais.

Numa das escolas (Escola básica e secundária de Miranda do Douro), com a ajuda, e motivação do professor de história, Fernando Pereira, foi possível organizar horário compatível entre todos os docentes para o ensino de música, com instrumentos variados. Para tal, contou-se com o apoio de um profissional, Amadeu Soares, que faz parte da associação parceira no projeto –

Associação local: Lérias, responsável por apoiar a execução de algumas das ações do referido projeto.

Todas as turmas de ensino profissional da escola secundária tiveram oportunidade de experimentar uma aula de música, tentando assim entender quem teria maior interesse em formar um grupo de música. Depois disso, verificou-se que apenas uma turma (o 10º ano do curso profissional) demonstrou vontade de formar um grupo e aprender o que lhes seria proposto. Mesmo sem sabermos o sucesso que poderia ter ou não, mesmo sem experiência alguma com alguns dos instrumentos que lhes foram apresentados aceitaram o desafio, e aos poucos foi nascendo uma “banda de garagem” (com instrumentos de cordas maioritariamente acompanhados por outro elemento na bateria) inicialmente com cerca de sete alunos, terminado com cinco. Estes alunos, com o apoio incondicional dos professores, tiveram as aulas de Geografia, História, Português, entre outras, substituídas de forma rotativa por aulas de música em que cada um era responsável pelo tratamento e cuidado do seu instrumento. Foram feitas apresentações apenas dentro da comunidade escolar, já que ainda estávamos em época de várias restrições sanitárias.

Em Sendim (outra escola do agrupamento) foi proposta a criação inicialmente de dois grupos, um de cordas e outro de percussão, mas ao longo das aulas os alunos foram mostrando maior interesse em criar um grupo de bombos e caixas, também com apresentações, mas somente ao público escolar. Alguns desses alunos, mesmo depois do término do projeto, integraram associações locais dando continuidade ao que tinham aprendido e assim fazer parte das tradições do planalto Mirandês. Tal como chegou a confirmar a diretora de turma (presente no momento de entrevista aos alunos) quando refere que “...*para irem para a banda filarmónica, a semente esteve antes, e eu tive que me zangar, porque chovia torrencialmente, e depois de almoçar esta gente tinha banda aqui em frente e queriam ir a todo o custo e não podiam porque senão molhavam-se todos, e molhavam os instrumentos que levavam.*” (cf. apêndice D). Como fala a professora, a semente que estava antes relaciona-se diretamente com a participação nos grupos de música criados e desenvolvidos na escola através do PIICIE.

4.3. Da avaliação e autoavaliação de projetos socioeducativos

Na avaliação de um projeto de intervenção social ou socioeducativa é importante escutar os implicados para perceber o impacto do projeto na escola e na comunidade e, neste caso, na

valorização patrimonial da música tradicional mirandesa. O que foi⁵ feito no final do ano letivo de 2020/21, quando utilizados inquéritos para a construção de um relatório final de projeto e outro para constituir parte deste trabalho, e até mesmo na entrevista ao aluno do grupo de música dos alunos do ensino de secundário o quão importante foi a formação deste grupo: *“Apesar de estarmos num curso dedicado ao turismo, tínhamos oportunidade para libertar a tensão e não pensar só nas coisas do curso, foi importante porque também funcionava como escape a problemas alheios, da escola, notas e até pessoais, quando estava na música era só naquilo que pensava, estava focado na música”* (cf. apêndice E). Perante esta resposta avaliativa demonstra que a música pode ter sido um elemento de alívio de tensão, de apoio a todas as outras tarefas no âmbito escolar e até extracurriculares.

Segundo Serrano (2008), devemos ter em consideração quem vai avaliar, diferenciando se se trata de uma avaliação ou autoavaliação; o que está a ser avaliado e onde, ou em que circunstâncias; para quê, para que irá servir a avaliação. (Serrano, 2008, p. 81, 82) Assim, depois de uma avaliação deve ser conseguido a modificação, melhorar o projeto, torná-lo mais eficaz, mais próximo dos objetivos que se pretende alcançar.

A avaliação deverá ser igualmente importante como outra fase que envolve projetos socioeducativos, em qualquer atividade. Serrano (2008) ajuda a entender a importância da avaliação quando refere que é através dela que conseguimos reunir elementos que mostram o que foi bem conseguido, mas também os erros, analisá-los e como já referido, poder rever estratégias para os corrigir. Talvez se possa até afirmar que a avaliação é um elemento necessário de forma constante ao longo de qualquer projeto socioeducativo. Poderia dizer-se até que fará sentido fazer análise *SWOT*, à parte dos estrangeirismos e que se enuncie no nosso bom português: (S) forças do projeto, entender o que está ou no caso estava a correr bem no projeto, e aumentar a eficiência do grupo, colocando-lhes questões de autoconhecimento de grupo: o que diferencia o nosso grupo de todos os outros? Além de reconhecer o que está a resultar, poderiam os alunos ter espaço de reflexão pessoal. (W) Fraquezas acontecem quando o desempenho fica longe do esperado, poderíamos questionar o grupo sobre quais os recursos/atividades que poderiam ajudar a melhorar o desempenho para chegar a resultados esperados. Quando se refere (O) oportunidades, há que pensar nas metas que foram inicialmente desenhadas pelos grupos, embora toda esta viagem ia acontecido com objetivos claros como

⁵ apesar do projeto ter a colaboração da associação cultural local – Lérias, na altura eu, animadora cultural estava envolvida neste projeto, tinha como “papel” preponderante incentivar os alunos à participação e formação dos grupos de música.

apresentar o trabalho feito aos colegas dentro da escola e ansiar por apresentações à comunidade geral, entre outros, mas o facto de mostrar o que aprenderam era sinónimo de alegria, de orgulho em mostrar suas competências. E ao mesmo tempo teriam de saber lidar com (T) ameaças ao projeto, a falta de algum dos colegas no dia de apresentação, ou mesmo nos ensaios, já que a responsabilidade e compromisso ao longo do caminho que foram traçando já era bastante. E depois saber lidar também com a falta de garantia na continuidade do projeto. Certamente não se pode ser matemático numa avaliação de um projeto de animação e intervenção social, já que para além de alunos a aprender a tocar instrumentos, continuam a ser jovens com diferentes motivações na composição do grupo, diferentes interesses em estar no grupo aproveitando o que a música pode dar: mais do que um instrumento a emitir som, ser também instrumento de participação, integração, revelação até de sonhos, vontades, autoconhecimento, mudanças na autoestima.

“[...] importa assinalar que, tradicionalmente, a noção de avaliação de projetos de intervenção social remete à consideração de um procedimento relacionado com os objetivos económicos, a nível da eficácia e eficiência dos recursos alocados, sendo o processo desenvolvido segundo um quadro referencial previamente definido pelos programas de financiamento” (da Silva, dos Santos, Baltazar & Saragoça, 2017)). No caso, dentro do PIICIE, financiado pela CIM de Terras de Trás-os-Montes. Ao mesmo tempo Isabel Guerra defende que ao contrário da necessidade de controlo, “avaliação faz parte da metodologia do projeto, estando inserida na fase da execução do mesmo (Guerra, 2000; citado em: da Silva, dos Santos, Baltazar & Saragoça, 2017). Outros autores como referem no artigo, colocam uma questão pertinente em todos os projetos: o impacto do projeto, que resultados se pode encontrar nestes grupos. Compreende-se através das entrevistas, que de facto há alegria na participação, em fazer parte do grupo que abriu caminhos para atividades que ainda não sabiam que queriam.

CAPÍTULO 5 - O PROJETO “PROMOÇÃO DA CULTURA TERRAS DE MIRANDA”: ESCUTA ATIVA DOS INTERVENIENTES

Neste capítulo é analisado o impacto do projeto Promoção da Cultura “Terras de Miranda” junto da comunidade educativa Mirandesa.

5.1. *“A importância da música na escola”*

Fazer parte do PIICIE, permitiu estar perto dos alunos, criar laços de confiança, entender que muitas vezes a proximidade entre alunos e docente e não docentes, faz diferença. Sem essa confiança trabalhada talvez o caminho não tivesse sido feito da mesma forma na construção dos grupos de música criados. Primeiramente para a formação de grupos de pauliteiros, depois, na impossibilidade de continuidade devido às restrições da Covid-19, os grupos de música tradicional.

Só assim foi possível chegar aqui, onde são apresentados e analisados resultados da análise do questionário aplicado aos alunos com idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos, no agrupamento de escolas de Miranda do Douro, bem como as entrevistas. Esta análise tem como propósito entender a importância da música na escola para estes alunos do agrupamento de escolas, o quão transformador poderá ter sido para os alunos. E quando perguntei aos alunos se a música influenciou o comportamento na comunidade escolar, um dos alunos responde de imediato que *“aliviava o stress”* (cf. apêndice C), outro aluno responde: *“Senti-me bem comigo mesma e com os meus colegas por estar a aprender com eles, e gostei muito.”* (cf. apêndice C). Mostra que foi um grupo feliz, no entanto, interessava saber o quão importante poderia ter sido para mais alunos, enquanto ferramenta e combate aos comportamentos desadequados com que a comunidade escolar não sabe lidar. E ainda no mesmo contexto, outra aluna partilha *“eu acho que teve um grande impacto, porque mudamos maior parte dos nossos hábitos, principalmente*

estar no telemóvel nos intervalos, isso influenciou o sucesso no estudo, vontade de melhorar as notas.” (cf. apêndice C), mais um aluno refere à mesma questão (Será que a música influenciou o comportamento na comunidade escolar) *“a mim influenciou-me um pouco porque eu estava um pouco no telemóvel, e quando não havia banda eu andava com o telemóvel, e quando começou a banda parei de andar no telemóvel”* (cf. apêndice C). Com estas afirmações compreendo que a música para estes alunos teve um papel transformador nas suas vidas e rotinas, a música com um papel fundamental na rotina destes alunos que começaram a ver o intervalo de outra forma para além dos telefones, que usavam bastante como os próprios referem.

De acordo com Ricardo Vieira (2011, p. 181), “... a educação deverá ser um instrumento de promoção da igualdade de oportunidades e um instrumento para favorecer a justiça social, a escola deverá assumir-se como espaço fundamental de legitimação e de reforço dos valores (...), cada vez mais multicultural”. Com a música, que passa a ser um instrumento de igualdade, os alunos por tão diferentes que sejam, juntam-se com o mesmo propósito, aproveitando oportunidades. Assim sendo compreende-se que a música pode ser instrumento cativador e ao mesmo tempo uma estratégia de mediação quanto aos comportamentos e autoestima dos alunos, se através dela os próprios poderão encontrar maior motivação nas atividades que a escola propõe além das matérias letivas “obrigatórias” e mesmo como refere Ricardo Vieira (2011), que a escola possa ser um espaço de oportunidades e que promova a justiça social, até porque «todos iguais todos diferentes» é uma frase comum mas continua a existir a escola com dificuldades na integração de todos os alunos, tendo em conta as competências de cada um. Certamente, não serão assim todos os estabelecimentos de ensino. E junto destes alunos foi possível verificar que o habitual deixou de ser e quebrada uma rotina quando outra aluna refere que *“foi importante, porque na altura não havia atividades, (...) passávamos a maior parte do tempo no telemóvel e com isso nós ficávamos mais ativos, por exemplo: as pessoas mais tímidas podiam se exprimir mais, e como não havia atividades na escola para além dos matraquilhos acho que foi um bom incentivo.”* (cf. apêndice C).

No caso do inquérito, foi tido como alvo de estudo os alunos que participam fora de tempo letivo nos grupos de música (alguns que também fizeram parte da entrevista de grupo). Num universo de cerca de 30 alunos que frequentam estes grupos, foram obtidas 21 respostas, 5 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, ou seja, as meninas tiveram maior afluência e presença nos resultados do questionário, este inquérito surge ainda durante o 1.º ano deste mestrado, no âmbito da unidade curricular Metodologias de Investigação II.

Com este inquérito foi possível chegar à opinião de alunos como já referido, com idades compreendidas entre os 9 e 18 anos. Nomeadamente alunos que frequentam 5.º, 6.º, 10.º e 11.º ano. Os alunos que mais responderam foram aqueles que frequentam o 5.º ano, como se pode verificar no gráfico abaixo.

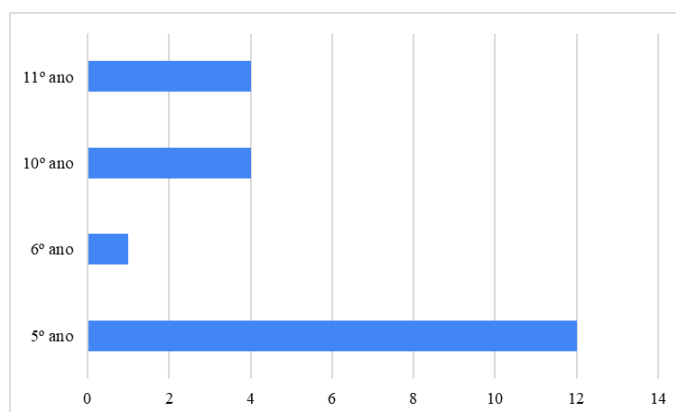


Gráfico 1 - Alunos por ano letivo

Quando inquiridos sobre questões ligadas a tradições musicais da região transmontana ou até mesmo sobre a partilha de gostos musicais com a comunidade escolar em geral (professores, funcionários e colegas) os alunos tendem a responder que “concordam” ou “concordam totalmente”, a questões como «as tradições musicais da região transmontana devem continuar», «a música é uma das tradições que deveria ser considerada importante», mais de metade das respostas incidiram no grau de concordância já mencionado, como se pode verificar através do gráfico 2, mostra assim que a música, a partilha e conhecimento sobre ela para a maioria dos alunos revela-se importante.

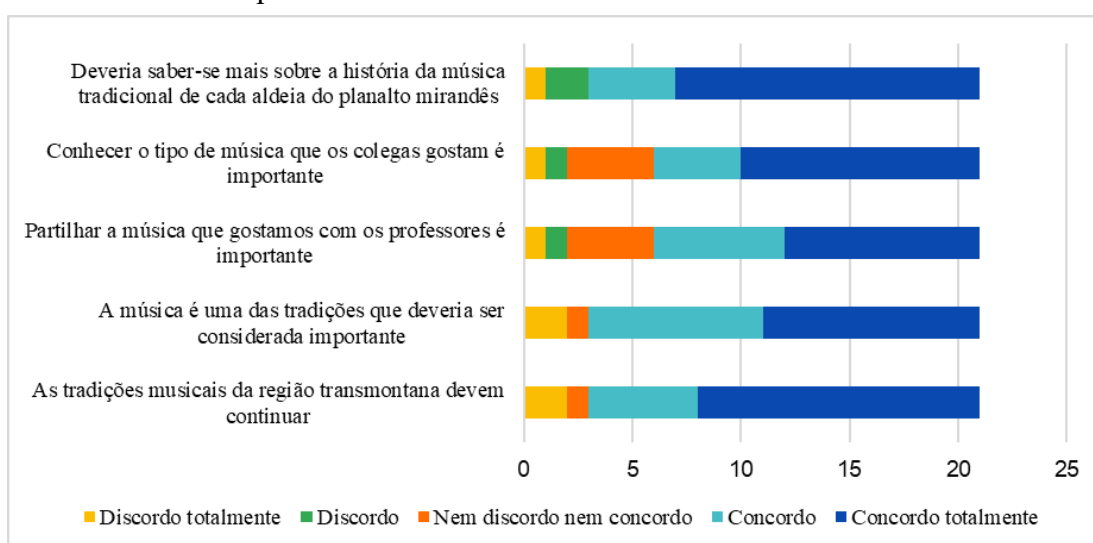


Gráfico 2 - Grau de concordância em relação às tradições musicais no planalto e ambiente escolar

A maioria dos alunos quando questionados sobre o contacto com qualquer instrumento musical, apenas dois responderam que não. No entanto, na questão seguinte em que é pedido para identificarem o tipo de instrumento, apenas um dos elementos não respondeu. Através do gráfico 3 pode-se verificar que a maioria dos alunos teve contacto com instrumentos de percussão, tendencialmente os mais usados na música tradicional mirandesa. Assim sendo, a introdução da música junto de alunos demonstra-se com importância relevante.

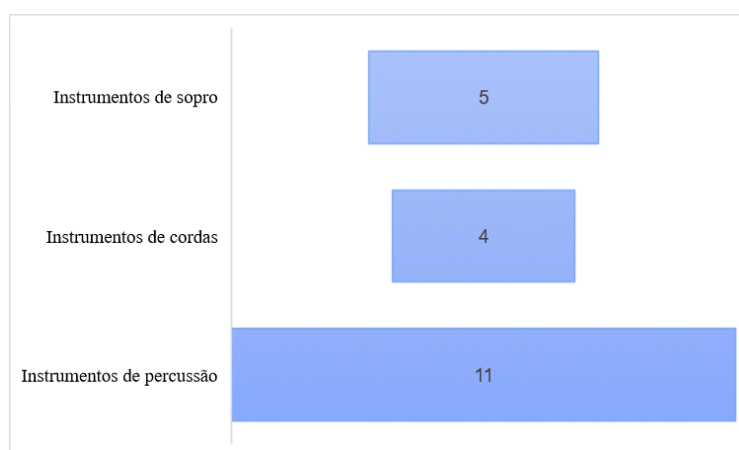


Gráfico 3 - Preferência de tipo de instrumentos por aluno

No gráfico seguinte podem ser verificadas mais respostas, mais instrumentos do que o número de alunos inquiridos, uma vez que foi dado espaço aos mesmos para enumerarem o número de instrumentos que quisessem com os quais haviam tido contacto. A flauta está representada de forma significativa, é um instrumento que continua a ser solicitado e usado com bastante frequência no 2º ciclo, usualmente na disciplina dedicada à expressão musical. Poderá ser mais relevante referir que caixa (instrumento de percussão), foi um dos instrumentos mais enunciados, seguindo-se a guitarra, viola e bombo, são assim referidos em maior número instrumentos de cordas e percussão, apesar de todos os instrumentos apresentados serem igualmente importantes a sua exploração, são os enumerados (caixa, guitarra/viola e guitarra) que mais se destacam e mostram ser mais relevantes dentro da recolha feita junto dos alunos.

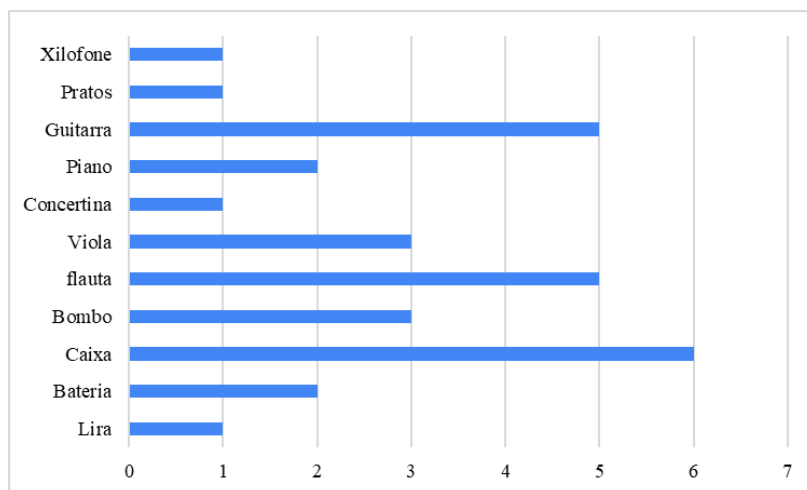


Gráfico 4 - Instrumentos com os quais alunos já tiveram contacto

Aos que tinham respondido que nunca tiveram contacto com instrumentos musicais era perguntado se gostariam de aprender a tocar na escola, responderam 14 alunos, 13 disseram que sim e 1 respondeu que não. Apenas 2 alunos haviam respondido que não tinham tido qualquer contacto com instrumentos musicais, ainda assim, pelo menos doze alunos decidiram reforçar a sua vontade em aprender ou ter presente na escola um momento de aprendizagem ou continuação de trabalho com instrumentos musicais.

No que confere ao gráfico seguinte, abaixo exposto, foram colocadas várias questões que pretendiam comparar o tipo de relações e o poder da música de qualquer tipo ou gosto musical.

Pode ser verificado que a maioria das respostas dadas pelos alunos correspondem à opção “*concordo*” ou “*concordo totalmente*”, fazendo assim salientar as cores verde e laranja. Assim, entende-se que maior número de alunos pensa que o relacionamento com o outro pode ser melhorado através da música e até mesmo ajudar a elevar a autoestima, compreende-se que quando o próprio está bem consigo também poderá conseguir estar bem ou melhor com o outro, e a música pode ser uma ferramenta mediadora que cria uma ponte entre si próprio e posteriormente com o outro, com a sociedade quer seja ela em dimensões reduzidas quando falamos de uma escola mas que mais tarde ou até mesmo depois do horário escolar pode ser vivido numa dimensão maior. Isso mesmo também se constata na entrevista de grupo, questionados sobre a possibilidade de a participação no grupo poder ter ajudado a descobrir o que queriam no futuro, uma aluna responde “*eu andava na caixa e bombo aqui na escola e*

incentivou-me a entrar na banda, por exemplo: aqui na escola aprendi ritmos, lá já estou a tocar melodia e isso é bom porque ao juntar tudo já estou mais preparada” (cf. apêndice C).

Não se pode deixar de referir o resultado que maior destaque teve através da discordância – “*discordo*” dos alunos quanto à música como ferramenta de combate à falta de assiduidade, no entanto, não se torna alarmante depois de analisadas todas as outras questões, principalmente no que confere à autoestima como já foi referido anteriormente.

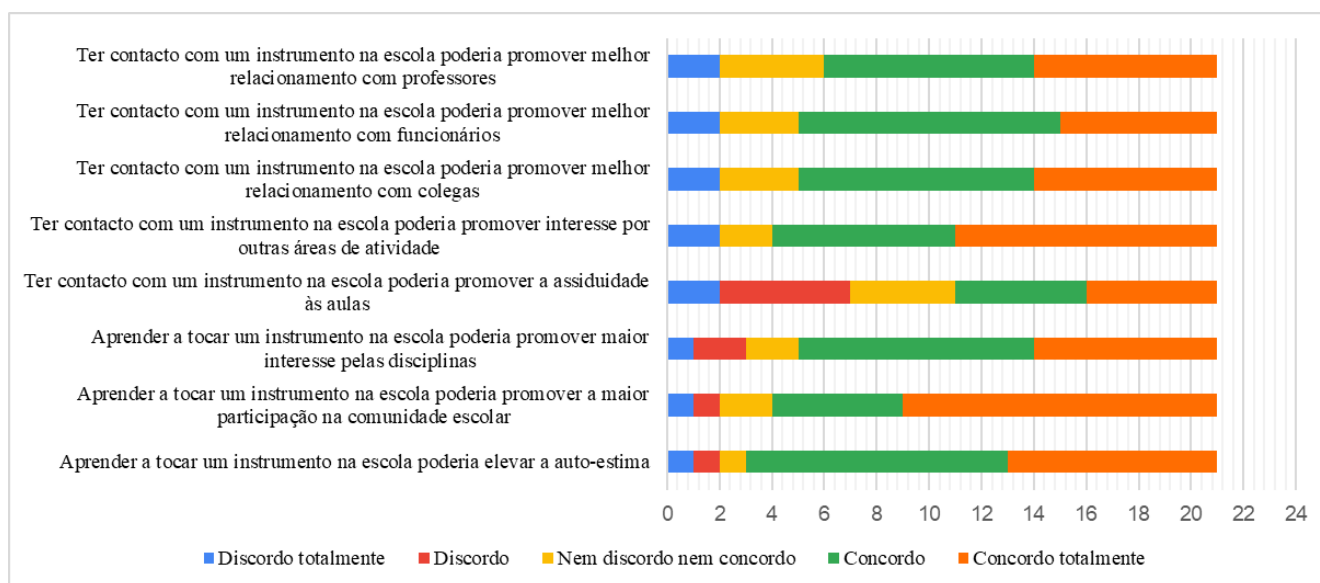


Gráfico 5 - Concordância em relação ao impacto da música em relações com o outro e si próprio

Numa última questão, os alunos são questionados quanto ao que pensam sobre a música na escola. Esta questão foi ignorada por 4 alunos, por outros pouco desenvolvida, respondendo apenas “divertido”, “gosto de música”, “é bastante importante”, mas igualmente importantes como outras opiniões mais extensas como se pode verificar na grelha abaixo, opiniões que reforçam o sentimento dos alunos e desejo de aprendizagem além dos programas definidos pelo Ministério:

- * *"Acho que é um incentivo para poder desenvolver melhor os conhecimentos dos alunos e acho que é muito importante para a vida futura"*
- * *"Na minha opinião acho que a música é muito importante na escola porque os meninos e meninas podem mais tarde serem professores de música e assim já ensinam os outros."*
- * *"Penso que é uma área importante para o desenvolvimento dos estudantes."*
- * *"Penso que é uma coisa que deve continuar."*
- * *"Aprender música na escola é muito importante porque desperta um interesse maior no aluno."*
- * *"Acho que é importante pois estamos em contacto com as nossas tradições!"*
- * *"A música na escola traz diversão e alívio das aulas pois é uma coisa mais tranquila e mais sociável."*

Apesar do número reduzido de respostas obtidas ao inquérito, a recolha foi bastante satisfatória no que confere à demonstração da importância da música no ambiente escolar. Deve-se acrescentar que através desta recolha de informação junto de alunos entendo que como Ana Vieira refere a necessidade de construção de pontes entre educação e sociedade, assim poderá ser utilizada a música como ponte entre escolas, alunos, docentes, não docentes e outras pessoas fora do universo, fora do edifício escolar. "Urge construir pontes e ligar a educação à sociedade e vice-versa." (Vieira, A., 2013, p. 38). E até mesmo quando falamos de autoestima no apoio à construção dessas pontes, há alunos que referem que a música influenciou a autoestima: *"influenciou muito, todos os dias que sabíamos que íamos tocar, comíamos rápido para ir tocar, com ansiedade de tocar instrumentos"* (cf. apêndice C); outro aluno refere que dita a forma como levamos o dia a dia, o estado emocional: *"Como estamos no dia a dia, se estamos contentes, se estamos tristes"* (cf. apêndice C), a música vai auxiliar na transformação de estado.

Como parte integrante do projeto consegui entender que tinha um papel de importância motivadora junto dos alunos, mas também obrigatoriamente de distanciamento quanto à participação. Incentivar sempre, mas aguardar também a vontade, o voluntariado de quem quer fazer parte.

O trabalho do mediador intercultural incide na promoção do *empowerment*, dos elementos que pertencem às duas margens, em proporcionar a utilização de ferramentas para que os alunos sejam hábeis a tomar decisões e possam passar a "ponte" sem deixarem de ser o que são, compreenderem e aceitarem as diferenças. É certo que o papel do mediador intercultural como ponte entre escola e comunidade fora dela é essencial e espelho de um trabalho a longo prazo.

A música aparece aqui como ferramenta moderadora de emoções, estimulante ativo de uma contínua troca de gostos, de motivação para que perdure o registo de tradições promovendo assim melhores relações intra e interpessoais com todos os atores que possam estar envolvidos diretamente nestas atividades (ou não), que seja a música também promotora de boas relações fora do ensino escolar. E quando questionados em relação ao apoio na resolução de conflitos uma aluna refere que se *“Eu e a minha colega estarmos a discutir e se não chegarmos a consenso, provavelmente se ouvirmos uma música e conversarmos melhor acho que nos vai ajudar a chegar a um consenso. Resolver a mim mesma primeiro e depois com a colega.”* (cf. apêndice C).

A importância que os alunos dão ao facto de estar em contacto com música, promover a elevação da autoestima dirá muito mais do aluno quando caminha diariamente para o espaço escolar, ou seja, através do “aproveitamento” de competências que muitas vezes são desconhecidos aos próprios poderão chegar a muitas “outras margens” sem optar pelo absentismo e comportamento “menos adequado” tantas vezes mal compreendido.

5.2. A música como ferramenta mediadora e construtora do sucesso educativo

Com o presente trabalho propus-me a retratar o que aconteceu no PIICIE, mais concretamente a ação “Promoção da Cultura “Terras de Miranda”” – constituição de grupos com enfoque na cultura local - Compreender o quão transformador conseguiu ser a criação dos grupos de música, na vida dos alunos. Alguns dos objetivos da criação dos grupos era promover capacidades e talentos locais e elevar a autoestima dos alunos. Com esta investigação era importante entender o quão transformador pode ser o uso da música como ferramenta mediadora na desmotivação durante o percurso escolar. Percebo isso nos alunos quando através da diretora de turma dos alunos de Sendim me diz:

“Esta atividade une-os muito, um dia tive de ralar com eles, quase tive que me zangar. Para irem para a banda filarmónica a semente esteve antes, e eu tive que me zangar, porque chovia torrencialmente, e depois de almoçar esta gente tinha banda aqui em frente e queriam ir a todo o custo e não podiam porque senão molhavam-se todos, e molhavam os instrumentos que levavam. Estão muito mais ativos, dinâmicos e tudo isto contribuiu, às vezes até ativos

demais. Andam mais motivados, e a motivação faz falta para tudo, trabalhar sem motivação não serve, não acontece nada.” (cf. apêndice D).

Sem motivação não seria possível esta ação acontecer, tão pouco a construção destes grupos. Entendo que primeiro existiu um caminho de incentivo, meu como animadora cultural, parte integrante da ação, do PIICIE, mais tarde como investigadora compreendo que o caminho para o autoconhecimento, da descoberta das competências que cada um revelou, foi deveras essencial para a criação laços com os alunos, e entender o quão importante se tornou a música na vida destes alunos.(nas suas vidas) Acredito nisso quando temos um dos alunos a partilhar que se calhar a música teve influência na sua autoestima quando diz:

“Se calhar sim, porque estar ali alguém a ensinar e conseguir realmente tocar, sentes-te realizado. E até comprei uma guitarra e um amplificador, quando chegava a casa era o que queria ir logo fazer, tocar e descomprimir do dia, e na escola quando íamos para a música funcionava como antisstress, ficava mais aliviado, por isso não há dúvida que a música transformou, mudou o nosso espírito de turma e equipa para sempre” (cf. apêndice E).

Alunos que seguem para a escola com vontade, com capacidade de identificarem gostos, vontades, de fazer parte de um grupo com espírito de equipa... Compreendo assim que com maior empatia dos professores pelos gostos e maiores competências dos alunos, o mundo escolar poderia ser mais atraente, assim voltamos ao que ouvi várias vezes durante o 1ºano, o mediador tem o papel preponderante na escuta ativa do outro, estar lá para o outro sem manipular resultados. E quando temos o professor Fernando a referir que:

“Normalmente os alunos que vão para o ensino profissional não gostam muito de estudar, não gostam muito de ler, gostam mais de coisas práticas, se bem que os cursos profissionais não lhes proporcionam equipamentos para eles praticarem ofícios ou ateliers de qualquer coisa. Têm pouca diferença em relação ao ensino regular, apesar de funcionarem por módulos, as exigências também são diferentes, mais leves.” (cf. apêndice F)

Ora, estes alunos seguem para um curso profissional porque não sabem o que querem, tão pouco têm alternativas em Miranda do Douro, e já que surge esta atividade, surge oportunidade então destes alunos continuarem a desbravar caminho no que se relaciona com a promoção da cultura

mirandesa nos mais novos, na descoberta de novos talentos, na promoção de autoconhecimento, já que parte dos alunos desconhecia que teria capacidades no mundo da música.

Mas como disse o ministério não proporciona equipamentos nem ateliers para estas turmas que frequentam cursos profissionais, ao surgir esta oportunidade do grupo de música (em substituição da atividade de pauliteiros condicionada pela pandemia instalada em 2020 – Covid19), faz todo o sentido convidar a turma do curso profissional a ter uma atividade prática.

A partir do momento em que começaram a atuar perante público (comunidade escolar), os alunos criaram uma dinâmica diferente na escola e começaram a ter motivação diferente na escola. Começaram a envolver-se mais, a gostar... pelo simples facto de virem para a escola com vontade de aprender, vontade de atuar e sentir o palco, palmas e atuações, tudo isso mexeu com eles. Falamos de uma turma que foi evoluindo, aprenderam não apenas música, mas também as várias disciplinas e no fundo a música acabou por proporcionar momentos muito agradáveis com os alunos na escola refletindo-se também nas várias atuações que tiveram na escola.” (cf. apêndice F).

Entende-se através destas vozes, que os grupos de música formados através da ação estudada, foi fundamental para um arranque e promoção ativa das tradições locais, para uma maior integração de alunos associados a minorias, sejam eles de etnia, com dificuldades de aprendizagem, ou qualquer outra ligação a uma minoria. Com professores envolvidos forma-se uma comunidade escolar coletiva, que todos trabalham em conjunto tendo em conta e respeitando as diferenças de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ingressar neste mestrado foi uma aventura, inicialmente com uma perspectiva de a realizar a curto prazo, entusiasmada com o valor do projeto, com os sorrisos e histórias partilhas pelos alunos. No entanto, a luta de adaptação ao mundo da maternidade, ao lidar com o pós-parto longe dos meus pais, uma série de mudanças em curto prazo fez-me empurrar o 2º ano durante demasiado tempo. Olho para trás e vejo o início com entusiasmo, e, agora, igualmente, na medida que há que terminar o que se começa e ser o exemplo para os nossos filhos, para todos aqueles que nos tomam por exemplos. É isso mesmo que desejo que a minha filha um dia venha a sentir na escola, que tem professores que são exemplos de empatia, de escuta ativa, de incentivo à descoberta do que sentem e do que querem.

No que diz respeito ao propósito deste trabalho, através da observação direta e essencialmente das entrevistas entendo que possa ter sido um projeto que foi valorizado pelos alunos, já que estes referem terem-se sentido envolvidos, ouvidos e vistos de forma positiva pela comunidade escolar e pela família. Houve continuidade deste sentimento já que vários destes alunos acompanhados, ingressaram na banda filarmónica, em grupos de pauliteiros locais, formaram bandas musicais (...). Compreende-se através das vozes dos professores que foram atividades essenciais aos alunos no que concerne ao entusiasmo por algo que ainda não tinham descoberto que gostavam, ou em que poderiam desenvolver competências. Podemos, assim, dizer que o objetivo de perceber se o projeto contribuiu para a motivação e maior envolvimento dos alunos para com as aprendizagens escolares foi atingido.

Ainda através da entrevista aos professores, é claro o desapontamento quando sabem que é um projeto com término certo, pois isso significa que apesar de materiais financiados que ficam ao dispor dos alunos, a colaboração e apoio de técnicos superiores e da Associação Lérias deixam de estar presentes e disponíveis. Porém este facto não impede a continuidade das atividades

proporcionadas pelo projeto, no espaço escolar, embora sem acompanhamento especializado, como até então, pelos professores da Associação Lérias.

Claro que, começarem a ser vistos e valorizados, aos olhos dos professores, estes alunos conseguiram chegar mais além com o apoio da música. A investigação mostra que ocorreram transformações e formações diversas na vida destes alunos, mesmo que sentidas e vivenciadas de forma idiossincrática, pois todos somos diferentes, mesmo que tenhamos vivido as mesmas experiências.

Chegar ao fim deste trabalho é tão gratificante quanto ter feito parte do PIICIE. Fazer parte deste mundo escolar foi uma mais-valia, tanto profissional como pessoal, um privilégio acompanhar o crescimento e desenvolvimento dos alunos, bem como as suas conquistas. Sinto que me levaram a mim própria uma aprendizagem continua enquanto pessoa.

Enquanto estudante de mestrado, fui levada a reaprender a fazer parte de um grupo escolar numa fase adulta, e a meio desse percurso tornar-me mãe, obrigando-me a superar dificuldades e a receber as transformações com alegria. Espero que este trabalho, ainda que aquém do que um dia sonhei que viesse a ser, seja visto como uma vitória não só para mim, mas para todos os meus familiares e amigos e para os próprios professores do mestrado, a quem agradeço, agora em geral.

BIBLIOGRAFIA

- Amado, J. (2001). *A indisciplina e a formação do professor competente*. Seminário modelos e práticas de formação inicial de professores, 1-19.
- Casa-Nova, Maria José (2009). A mediação intercultural e a construção de diálogos entre diferentes: notas soltas para reflexão, in Ana Maria Costa Silva & Maria Alfredo Moreira (Orgs.) *Actas do Seminário Mediação Socioeducativa: contextos e Actores*, 61-68. Edição em CD ROM.
- Correia, M., (2018). *A Dança dos Pauliteiros. Memória e Identidade da Terra de Miranda*, Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- Faria, S. & Vieira, R. (2016). Epistemologia e metodologia em mediação e ciências sociais. In R. Vieira, J. Marques, A. Vieira, P. Silva, C. Margarido, (Orgs.). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Edições Afrontamento.105-124. Edições Afrontamento.
- Geoffrion, P. (2001), O grupo de discussão. In Gaultier, B., *Investigação Social*, Loures: Lusociência, 319-343.
- Guerra, I. C. (2006) *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia Editora. Cap. 2, 27-86.
- Jares, Xesus R. (2002). Educação e Conflito, Jares, Xesus R. *Educação e Conflito: guia de Educação para a Convivência*. Ed. Asa, 57-85.

- Magalhães, F. (2005). *Museus, património e identidade: ritualidade, educação, conservação, pesquisa, exposição*. Profedições.
- Matos, R. (2018). Da evolução do brincar da criança ao interculturalismo: notável paralelismo. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira e C. Margarido (Orgs.). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária – Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (p. 17-25). Ed. Afrontamento.
- Milhano, S. (2007). Prática Musical: Capital Semente para a Inovação. In *IV Congresso Região de Leiria: Inovação e Oportunidades, Secção Sociedade, Cultura e Inovação*. Associação para o Desenvolvimento de Leiria (ADLEI), 409-414.
- Milhano, S. (2010). A Prática Musical: Educação e Identidade. *As Artes na Educação: Contextos Promotores de Criatividade*, 13-26.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais, Casos Práticos*, Porto: Porto Editora, pp. 81-116.
- Silva, C. A., Santos, M. O. G., Baltazar, M. S., & Saragoça, J. M. L. (2017). Avaliação de projetos de intervenção social: Uma reflexão sobre as experiências em projetos nacionais, regionais e da bacia do Mediterrâneo. *Desenvolvimento e Sociedade*, 2(2), 115-123.
- Silva, Pedro (2003) Escola-Família, Uma relação Armadilhada - *Interculturalidade e relações de poder*. Edições Afrontamento.
- Silva, Pedro (2014) Escolas, Meios Populares e Mediação Sociocultural. In Marcelo Baumann Burgos (Coord.), *A Escola e o Mundo do Aluno: Estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*, Rio de Janeiro: Editora Garamond, 403-449.
- Sousa Lopes, M. (2019). A animação sociocultural, a educação social e os desafios da contemporaneidade. *Laplage em revista*, 5(2), 61-74.
- Trindade, B.; Conde, M., J.; Pocinho, R. & Margarido, C., A., (2020) A animação sociocultural como estratégia preventiva de conflitos escolares: uma perceção dos alunos do 1º ciclo do ensino básico. In *Atas da 8.ª Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social – Ócio, Jogo e Brincadeira: aprendizagens e mediação intercultural*.

- Vaz, E., A., (2009). *Miranda do Douro – Guia do Concelho*, Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- Vieira, A. (2013). Da educação e mediação, *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições, 37-63.
- Vieira, A. (2013). Da complexidade da escola contemporânea, *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições, 37-63.
- Vieira, A. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. A pedagogia social e a mediação na transformação dos olhares patologizadores das diferenças socioculturais. 106-112
- Vieira, A. M. & Vieira, R. (2014). Pedagogia Social e mediação sociopedagógica como processo de emancipação. Investigação e ação em escolas portuguesas. *Realis*, v. 4, 2, 105-125.
- Vieira, R. (1999). *Ser igual, ser diferente: encruzilhadas da identidade*, Profedições.
- Vieira, R. (2011). *Educação e diversidade cultural: notas de antropologia da educação*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R. (2011). Diversidade cultural e mediação sociopedagógica, *Educação e Diversidade Cultural*, Porto: Afrontamento, 179-193.
- Vieira, R., Marques, J., Vieira, A. M., Silva, P., & Margarido, C. (2016). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Edições Afrontamento.
- Vieira, A. & Vieira, R. (2016). Pedagogia Social, Mediação Intercultural e Intervenção Social. In *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Profedições.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2017). *Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural*. *Medi@ções*, 5(1), 44–56.
- Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (2018). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*, Afrontamento.

Vieira, R., & Vieira, A. (2019). Paradigmas da intervenção e pedagogia social: do trabalho social biomédico à intervenção socioeducativa, mediadora e empoderadora. *Laplage em Revista*, 5(2), 8-20.

Vieira, R.; Vieira, A.; Marques, J. (2020). *Etnocurrículo e EtnoAprendizagem: Diálogos, Investigação e (Trans)Formação*. Edições Afrontamento.

Viveiros, A. L. N. (2008). O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural: Uma comunhão de princípios. *Quaderns d'animació i educació social*, (8), 4.

Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.

<https://www.dge.mec.pt/noticias/decreto-lei-no-542018-educacao-inclusiva>

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário aos alunos sobre a importância da música tradicional na escola

A importância da música na escola

Este questionário serve como instrumento de estudo, no âmbito da unidade curricular de Metodologias II no que confere ao 1ºano do Mestrado - Mediação Intercultural e Intervenção Social, do Instituto Politécnico de Leiria, do qual sou aluna.

Pretende-se compreender o que sentem os alunos em relação à música como uma tradição importante a manter e conhecer o que sentem em relação à sua presença nas escolas.

Mais se informa que a recolha de informação no âmbito desta unidade curricular, tem fins estritamente científicos, pelo que, ao abrigo do código de ética e deontologia profissional, será garantida a confidencialidade de informação fornecida e em momento algum os dados serão transmitidos a terceiros de forma individual. Toda a informação será recolhida de forma anónima, pelo que se aconselha a não escrever em qualquer parte do mesmo, dados não pedidos.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas opiniões.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Idade *

Marcar apenas uma oval.

9-14

15-18

19-24

Deves ler cuidadosamente cada questão antes de responder. As questões são de resposta simples e não existem respostas certas ou erradas, procura-se conhecer a tua opinião em relação à música na tua escola. Assim, agradece-se que seja respondido com a máxima sinceridade. As respostas são confidenciais e apenas serão tratadas estatisticamente por quem está afeto à investigação.

2. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

Não quero responder

3. Qual o ano que frequentas? *

Marcar apenas uma oval.

- 4º ano
- 5º ano
- 6º ano
- 7º ano
- 8º ano
- 9º ano
- 10º ano
- 11º ano
- 12º ano

4. Em relação às seguintes afirmações assinala o grau de concordância *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
As tradições musicais da região transmontana devem continuar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A música é uma das tradições que deveria ser considerada importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilhar a música que gostamos com os professores é importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Conhecer o tipo de música que os colegas gostam é importante

Deveria saber-se mais sobre a história da música tradicional de cada aldeia do planalto mirandês

5. Alguma vez tiveste contacto com um instrumento musical? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. Se respondeste sim, qual ou quais foram o/os tipos de instrumento/s?

Marcar apenas uma oval.

Instrumentos de sopro

Instrumentos de cordas

instrumentos de percussão

7. Qual o/os instrumento/s que já experimentaste?

8. Se respondeste não, gostarias de aprender a tocar algum instrumento na escola?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Em relação às seguintes afirmações assinala o grau de concordância *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
Aprender a tocar um instrumento na escola poderia elevar a auto-estima	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aprender a tocar um instrumento na escola poderia promover a maior participação na comunidade escolar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aprender a tocar um instrumento na escola poderia promover maior interesse pelas disciplinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter contacto com um instrumento na escola poderia promover a assiduidade às aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter contacto com um instrumento na escola poderia promover interesse por outras áreas de atividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. O que penso sobre a música na escola?

Apêndice B - Guião de entrevista aos alunos e professor

Objetivo:

Com esta atividade extracurricular pretendia-se divulgar à comunidade escolar a cultura Mirandesa; desenvolver o espírito criativo dos alunos; promover capacidades e talentos locais; elevar a autoestima dos alunos. E com esta entrevista pretende-se compreender o poder da música nas relações pessoais dos alunos, a influência que possa ter tido no currículo dos alunos, nas notas, na sua gestão de conflitos e se de alguma forma possa ter sido transformador para o aluno a participação nesta atividade.

Entrevista à turma de 6º ano da escola básica de Sendim

*Como te sentiste ao participar neste grupo?

*Quão importante foi a formação deste grupo para vocês, para a escola?

*A música influenciou o teu/ vosso comportamento na comunidade escolar? De que forma

*Pode a música ter servido para perceber o que queriam no futuro? Como por exemplo

*Sabemos o que quer dizer autoestima? Será que influenciou a vossa autoestima?

*Acham que a música pode ajudar à resolução de conflitos?

Entrevista a um aluno de 11ºano

*Já havias tido algum contacto com instrumentos musicais?

*Como te sentiste ao participar neste grupo?

*Quão importante foi a formação deste grupo para vocês, para a escola?

*Como pode a música influenciar a forma como vês e te comportas na comunidade escolar?

*Pode a música ter servido para perceber o que queriam no futuro? Em que aspeto?

*Será que influenciou a tua autoestima? De que forma?

Professor de história, da turma de 11ºano

Poderá a música ter feito alguma diferença na turma? Em que aspeto?

Maior motivação na atividade escolar? Em que aspeto?

Em que medida pensa que possa ter sido uma mais-valia para a turma?

De que forma pensa que pode ter influenciado as notas?

Quanto ao percurso escolar, em que medida pensa que pode ter sido benéfico para os alunos?

Apêndice C – Transcrição da entrevista grupal realizada aos alunos da turma de Sendim

Objetivo:

Com esta atividade extracurricular pretendia-se divulgar à comunidade escolar a cultura Mirandesa; desenvolver o espírito criativo dos alunos; promover capacidades e talentos locais; elevar a autoestima dos alunos. E com esta entrevista pretende-se compreender o poder da música nas relações pessoais dos alunos, a influência que possa ter tido no currículo dos alunos, nas notas, na sua gestão de conflitos e se de alguma forma possa ter sido transformador para o aluno a participação nesta atividade.

A turma foi sugerida de forma informal sem integrar qualquer tempo ou hora letiva a participar nesta atividade, no entanto poderiam não gostar da ideia de experimentar qualquer instrumento de forma contínua. Ainda assim muitos de vocês continuaram. E foram estando sempre de braços abertos a quem queria entrar no grupo fosse da mesma turma ou não, como por exemplo alguns alunos de 7º, 8º e 9º incluindo alunos de etnia cigana, foram mostrando interesse em fazer parte da atividade

Como se sentiram ao participar neste grupo?

G “Foi fixe, interessante, aprender a tocar. Senti-me alegre, com vontade de fazer mais, gostei muito.”

V “Eu acho que foi fixe porque nos dá mais conhecimentos para o nosso futuro. Senti-me bem comigo mesma e com os meus colegas por estar a aprender com eles, e gostei muito.”

Quão importante pensam que foi a formação deste grupo para vocês, para a escola?

“foi bom para nós, podemos aprender coisas novas”

Será que a música influenciou o teu/ vosso comportamento na comunidade escolar? Como por exemplo:

G “eu aliviava o stress”

S “eu acho que teve um grande impacto, porque mudamos maior parte dos nossos hábitos, principalmente estar no telemóvel nos intervalos, isso influenciou o sucesso no estudo, vontade de melhorar as notas.”

D “a mim influenciou-me um pouco porque eu estava um pouco no telemóvel, e quando não havia banda eu andava com o telemóvel, e quando começou a banda parei de andar no telemóvel.”

V “acho que foi importante, porque na altura não havia atividades, como alguns colegas disseram passávamos a maior parte do tempo no telemóvel e com isso nós ficávamos mais ativos, por exemplo: as pessoas mais tímidas podiam se exprimir mais, e como não havia atividades na escola para além dos matraquilhos acho que foi um bom incentivo.”

A música pode ter servido para perceber o que queriam no futuro? Em que aspeto?

G “a tocar mais, mais vontade de tocar, novos instrumentos, eu toco trombone na banda, e faço as notas, mas tenho de as saber primeiro se não, não consigo tocar”

S “eu andava na caixa e bombo aqui na escola e incentivou-me a entrar na banda, por exemplo: aqui na escola aprendi ritmos, lá já estou a tocar melodia e isso é bom porque ao juntar tudo já estou mais preparada”

Sabemos o que quer dizer autoestima? Será que influenciou a vossa autoestima?

D “Como estamos no dia a dia, se estamos contentes, se estamos tristes”

G “influenciou muito, todos os dias que sabíamos que íamos tocar, comíamos rápido para ir tocar, com ansiedade de tocar instrumentos”

Acham que a música pode ajudar à resolução de conflitos? Entre vocês colegas, amigos?

V “Acho que sim, por acaso a mim acontece-me, se eu estou triste, se eu ouvir música já me animo mais. Eu e a minha colega estamos a discutir e se não chegarmos a consenso, provavelmente se ouvirmos uma música e conversarmos melhor acho que nos vai ajudar a chegar um consenso. Resolver a mim mesma primeiro e depois com a colega.

Conversa livre com alunos:

“Foi interessante, aprendemos coisas novas, músicas novas, a chula. Uma atividade que deveria continuar, aliás continua à sexta à hora de almoço e com mais colegas de outras turmas, de outros anos, quando o professor pode vir.”

Apêndice D - Transcrição de conversa aberta com a diretora de turma

Notou alguma diferença na turma com a participação no grupo de música?

“Acho que é uma mais-valia o grupo de música e mesmo o teatro, faz muito bem. Há uma relação diferente entre eles, estão muito mais à vontade para se apresentarem, para falar em qualquer sítio. Só precisam é falar menos quando estão nas aulas, a turma está num só grupo.”

Acha que a atividade serviu para os unir ainda mais?

“Esta atividades une-os muito, um dia tive de ralhar com eles, quase tive que me zangar. Para irem para a banda filarmónica a semente esteve antes, e eu tive que me zangar, porque chovia torrencialmente, e depois de almoçar esta gente tinha banda aqui em frente e queriam ir a todo o custo e não podiam porque senão molhavam-se todos, e molhavam os instrumentos que levavam. Estão muito mais ativos, dinâmicos e tudo isto contribuiu, às vezes até ativos demais. Andam mais motivados, e a motivação faz falta para tudo, trabalhar sem motivação não serve, não acontece nada.”

Apêndice E – Transcrição da entrevista a um aluno de 11ºano de escolaridade

A turma foi sugerida a participar nesta atividade de forma a fazer parte do horário curricular, no entanto, poderiam não gostar da ideia de experimentar qualquer instrumento de forma continua. Ainda que sejam uma turma pequena nem todos quiseram participar, mas estavam presentes e apoiavam-se entre si.

Já havias tido algum contacto com instrumentos musicais?

“Sim, na banda filarmónica toco todos os instrumentos de percussão, mas no grupo que formamos tive contacto pela primeira vez com guitarra”

Como te sentiste ao participar neste grupo?

“Foi fixe, aprender uma coisa que eu gostava que era aprender a tocar guitarra, ter um espírito diferente, conhecer mais músicas, perceber como é que funcionam outro tipo de instrumentos, embora fosse um grupo enquanto turma e não propriamente de amigos, somos amigos na mesma e damo-nos bem, foi superconfortável.”

Quão importante foi a formação deste grupo para vocês, para a escola?

“Apesar de estarmos num curso dedicado ao turismo, tínhamos oportunidade para libertar a tensão e não pensar só nas coisas do curso, foi importante porque também funcionava como escape a problemas alheios, da escola, notas e até pessoais, quando estava na música era só naquilo que pensava, estava focado na música”

Será que a música influenciou a forma como vês e comportas na comunidade escolar?

“Não sei, só se for o espírito de equipa, ajudarmo-nos ainda mais como equipa. Quando íamos para a música dizíamos que íamos fazer estragos, a brincar claro, porque íamos com compromisso de fazer o que era pedido.

Achas que a música pode ter servido para perceber o que querias no futuro?

“Eu acho que sim, comecei a gostar muito de música, mas ainda falta qualquer coisa, já não tive tempo para descobrir (entretanto o projeto acabou), mas abriu caminho para o que gostava de fazer através da música, só que ainda estou na fase de descoberta, a marinar a ideia...”

Será que influenciou a tua autoestima?

“Se calhar sim, porque estar ali alguém a ensinar e conseguir realmente tocar, sentes-te realizado. E até comprei uma guitarra e um amplificador, quando chegava a casa era o que queria ir logo fazer, tocar e descomprimir do dia, e na escola quando íamos para a música funcionava como antisstress, ficava mais aliviado, por isso não há dúvida que a música transformou, mudou o nosso espírito de turma e equipa para sempre”

Apêndice F – Transcrição da entrevista ao professor de história, da turma de 11ºano

Poderá a música ter feito alguma diferença na turma?

“Normalmente os alunos que vão para o ensino profissional não gostam muito de estudar, não gostam muito de ler, gostam mais de coisas práticas, se bem que os cursos profissionais não lhes proporcionam equipamentos para eles praticarem ofícios ou ateliers de qualquer coisa. Têm pouca diferença em relação ao ensino regular, apesar de funcionarem por módulos, as exigências também são diferentes, mais leves.

Mas como disse o ministério não proporciona equipamentos nem ateliers para estas turmas que frequentam cursos profissionais, ao surgir esta oportunidade do grupo de música (em substituição da atividade de pauliteiros condicionada pela pandemia instalada em 2020 – Covid19), faz todo o sentido convidar a turma do curso profissional a ter uma atividade prática.

A partir do momento em que começaram a atuar perante público (comunidade escolar), os alunos criaram uma dinâmica diferente na escola e começaram a ter motivação diferente na escola. Começaram a envolver-se mais, a gostar... pelo simples facto de virem para a escola com vontade de aprender, vontade de atuar e sentir o palco, palmas e atuações, tudo isso mexeu com eles. Falamos de uma turma que foi evoluindo, aprenderam não apenas música, mas também as várias disciplinas e no fundo a música acabou por proporcionar momentos muito agradáveis com os alunos na escola refletindo-se também nas várias atuações que tiveram na escola.”

Tudo isso que menciona, será que podemos referir que pode ter sido impactante na comunidade escolar, na turma?

“Teve bastante impacto, até porque outros alunos que tinham algum jeito para a música começaram a envolver-se com o grupo, embora não atuassem, e até mesmo professores da turma participaram com eles em ensaios e depois em apresentações, os professores chegaram a “libertar” as suas aulas, a direção também se envolveu, estava sempre presente em todas as apresentações do grupo fora da sala de aula. Nas reuniões de turma e conselho pedagógico a atividade era sempre referida como uma mais valia para a turma, para a escola e claro para os alunos.

Foram feitas até apresentações do grupo com quatro professores, envolvimento total da comunidade escolar no projeto, que foi muito bom.

Lembro-me que alunos tiveram uma progressão importante, de alunos como por exemplo o que tocou viola baixo, não mostrava qualquer interesse em pegar num instrumento e chegou ao final a parecer um músico profissional, concentrado e dedicado ao projeto e outro aluno que através da guitarra combateu a timidez, apesar de cada atuação ser uma luta para apresentar sem nervosismos, e enfrentar o medo do público, mas agarrou com compromisso e apresentou sempre.”

Na apresentação de trabalhos nas outras disciplinas fez diferença? Em que aspeto?

“Na apresentação de trabalhos, o palco ajudou a resolver vários problemas nas outras disciplinas e o facto dos professores estarem ligados aos alunos permitiu criar laços de afetividade e envolvimento nas várias atividades. O palco une pessoas, sejam eles mais crescidos ou não, há sempre receios, mas há entreajuda.”

Como pode ter feito diferença nas notas?

“As notas também melhoraram, todo o ambiente melhora, desde que os alunos estejam motivados. Embora estivessem mais ligados e interessados na música, mas não quer dizer que tenham deixado as outras disciplinas para trás, serviu para crescerem também, tornaram se mais maduros. Havendo esta relação de proximidade melhor aderiram ao que lhes era proposto, foram amadurecendo, mostrando comportamentos diferentes.

De lamentar é não podermos fazer mais deste tipo de trabalho, já que o projeto acabou (PIICIE). Temos o professor de música que dá uma hora de vez em quando, mas não temos como antes uma atividade ordenada e organizada, em que possamos aproveitar as origens e tradições de Miranda.”

No final da entrevista, a propósito de outros grupos integrantes do projeto, nomeadamente pauliteiros, o professor mostra tristeza pelo término do projeto nas escolas do Município.

“Foi pena o (PIICIE) projeto ter acabado, estávamos a trabalhar bem, com muita dinâmica, havia muitos grupos na escola, os grupos iam aperfeiçoando. A diferença entre o grupo na escola e grupos nas aldeias é que tínhamos ensaios regulares, com horário e compromisso, e isso faz a diferença. Nas aldeias ensaiam nas festas, ou quando podem e na escola com ensaios regulares atingia-se uma sincronização e harmonia na dança que dificilmente se compara nos grupos de aldeia. Tínhamos tudo para poder continuar, desde matéria-prima aos instrumentos e músicos...”

ANEXOS

PLANO INTEGRADO E INOVADOR DE COMBATE AO INSUCESSO ESCOLAR



PLANO INTEGRADO E INOVADOR DE COMBATE AO INSUCESSO ESCOLAR

Ficha Técnica

Promotor

Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes (CIM-TTM)
Rua Visconde da Bouça, ap.238
5300-318 Bragança

Autoria

CIM-TTM
Câmara Municipal de Miranda do Douro
Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro

Coordenação

Anabela Torrão – Vereadora da Câmara Municipal de Miranda do Douro
Sandrine Araújo – Coordenadora da equipa

Equipa

Ana Dias – Animadora Cultural
Cristina Couto – Mediadora Social
Daniela Ferreira – Terapeuta da Fala
Sofia Pardal – Psicóloga

DEZEMBRO 2018

Índice

Nota justificativa/diagnóstico	85
Projeto “Equipa Multidisciplinar_Miranda + Integrar/Inovar”	90
Principais entidades a envolver	91
Ações de Intervenção.....	91
Indicadores:	101
Orçamento global da operação	103
Projeto “Promoção da Cultura "Terras de Miranda”	104
Ações de Intervenção.....	105
Indicadores.....	107
Orçamento Global.....	109
Cronograma	110
Sistema de gestão, monitorização e acompanhamento do plano durante e após a sua execução	110
Equipa técnica responsável pela coordenação do plano	111
Plano de Comunicação	111
Anexos	Erro! Marcador não definido.
Anexo 1 - Projetos supramunicipais	112

Índice de Quadros

Quadro 1- Taxas de retenção e desistência no concelho de Miranda do Douro, entre o ano letivo 2007/2008 e o ano letivo 2016/2017	86
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Evolução das taxas de retenção e desistência no concelho de Miranda do Douro, entre o ano letivo 2007/2008 e o ano letivo 2016/2017	86
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Nota justificativa/diagnóstico

O concelho de Miranda do Douro está inserido no NUTS II Norte, NUTS III Alto Trás-os-Montes, distrito de Bragança, estando integrado na sub-região de Terras de Trás-os-Montes. Com cerca de 488 km² e 7138 habitantes, o concelho de Miranda do Douro insere-se numa área fracamente povoada e é um dos concelhos com menor índice de ocupação em Trás-os-Montes e no resto do país. Tendo sofrido um declínio populacional desde 1960, a densidade populacional do concelho tem vindo a diminuir, situando-se em 2015 nos 14,7 habitantes/km².

Em termos económicos, prevalece o setor terciário, seguindo-se o secundário e finalmente o primário, o qual registou uma queda muito acentuada ao longo da última década. Destacam-se as atividades económicas relacionada com o comércio, a administração pública, agricultura, saúde, educação e ação social, hotelaria/restauração e ainda a indústria (tanoaria, cutelaria, materiais de construção). Em 2011, cerca de 43% da população mirandesa, com mais de 15 anos, era economicamente ativa. A população inativa, com mais de 15 anos, representava 57%. A taxa de desemprego, em 2011, rondava os 9%, situação próxima da verificada hoje.

Fruto de processos passados de abandono e insucesso escolares e de dificuldade de motivação das famílias para uma outra valorização da escolaridade, o concelho apresentava em 2011 um número muito significativo de indivíduos com idade superior a 15 anos sem qualquer nível de escolaridade completo.

Num contexto estrutural penalizador com esta amplitude, a situação atualmente observada em matéria de insucesso e retenção escolar é duplamente penalizadora: por um lado, sacrifica o futuro de jovens que encontrarão compreensíveis dificuldades de empregabilidade e de navegação profissional a nível nacional e internacional; por outro lado, penaliza o concelho do ponto de vista da sua capacidade de atração de investimento e de novos motores de criação de emprego, que necessita de níveis mais elevados de capital humano para o poder fazer com alguma probabilidade de êxito.

O quadro e o gráfico seguintes ilustram a evolução da “taxa de retenção e desistência”, que mede a proporção de alunos que não podem transitar para o ano seguinte no total de inscritos em cada ciclo de estudos por ano letivo. Observa-se uma melhoria em todos os

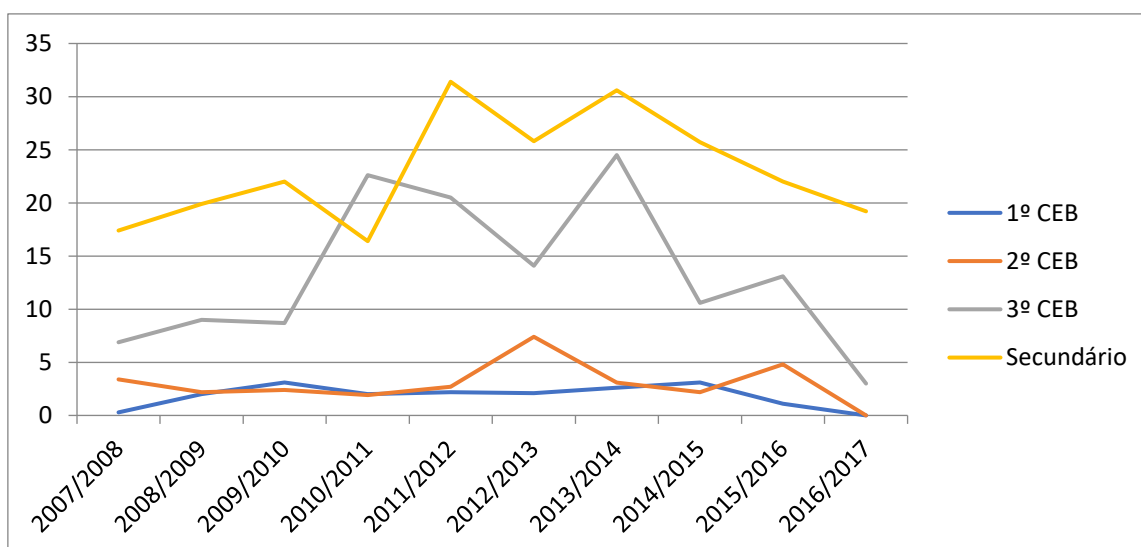
níveis de ensino, no entanto as taxas no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundária podem ser melhoradas.

Quadro 1- Taxas de retenção e desistência no concelho de Miranda do Douro, entre o ano letivo 2007/2008 e o ano letivo 2016/2017

Miranda do Douro	Ano letivo									
	2007/ 08	2008/ 09	2009/ 10	2010/ 11	2011/ 12	2012/ 13	2013/ 14	2014/ 15	2015/ 16	2016/ 17
Resultados Escolares - Taxas de retenção e desistência										
Ensino básico	3,1	4,8	5,3	10,5	9,6	8,0	11,2	5,7	6,1	1,0
1.º Ciclo do ensino básico	0,3	2,0	3,1	2,0	2,2	2,1	2,6	3,1	1,1	0,0
2.º Ciclo do ensino básico	3,4	2,2	2,4	1,9	2,7	7,4	3,1	2,2	4,8	0,0
3.º Ciclo do ensino básico	6,9	9,0	8,7	22,6	20,5	14,1	24,5	10,6	13,1	3,0
Ensino secundário	17,4	19,9	22,0	16,4	31,4	25,8	30,6	25,7	22,0	19,2

Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

Gráfico 6 - Evolução das taxas de retenção e desistência no concelho de Miranda do Douro, entre o ano letivo 2007/2008 e o ano letivo 2016/2017



Em termos de taxas de sucesso no 3º ciclo do ensino básico, o concelho situa-se em 4º lugar na sub-região, com uma taxa de 88,1%. Desce para último lugar no que diz respeito ao ensino secundário com uma taxa de 73,7%. Estes resultados revelam um nível de insucesso escolar bastante relevante, confirmando-se que as dificuldades aumentam com o prosseguimento dos estudos.

A ventilação dos resultados do PISA 2015 para as 25 NUTS III que estruturam o território nacional também evidencia uma situação muito desfavorável para as Terras de Trás-os-Montes, território ao qual pertence o concelho de Miranda do Douro, no que respeita à aquisição das competências em áreas básicas do conhecimento – ciências, leitura e matemática.

A perceção dos atores locais aponta para três grupos de causas: comunidade e família, individuais e ao nível da escola e do sistema educativo. São identificáveis em cada grupo fatores que interagem entre si conduzindo a círculos viciosos que é necessário imperiosamente contrariar.

A nível da comunidade e família, a combinação de uma população pouco escolarizada com as características penalizadoras do próprio território, nomeadamente: situações de fragilidade social e económica, localização geográfica periférica, extensão do território, despovoamento e constrangimentos na rede de transportes escolares e cultura pouco propensa à inovação e empreendedorismo.

Acrescem ainda fatores como a reduzida oferta de atividades lúdicas e de apoio ao desenvolvimento integral das crianças e jovens, a dificuldade em mobilizar as famílias para o movimento associativo de pais e a escassez do trabalho em rede dos próprios atores da comunidade educativa.

A nível individual, foram identificadas situações típicas de reduzido apoio prestado aos jovens pelas famílias em termos de organização de tempos de trabalho e de estudo e de incentivo a uma participação mais motivada do jovem nas atividades letivas.

As debilidades do contexto económico, social e familiar de origem do aluno e as situações de desestruturação familiar (divórcio, violência doméstica, negligência), condicionam o

acompanhamento da vida escolar e as baixas expectativas das famílias relativamente à escola.

Mas a demissão relativamente à escola, não se relaciona exclusivamente com estas condições, na medida em que também ocorre em famílias de contextos sociais e económicos mais favoráveis.

Naturalmente, estas situações tendem a agudizar-se nos grupos de crianças e jovens com situações específicas de risco (etnias, comunidades estrangeiras, jovens institucionalizados, vivência de situações de fragilidade emocional/ psicológica) e com limitações em termos cognitivos, designadamente défices de atenção e concentração.

A nível da escola e do sistema educativo, observam-se dificuldades da escola em oferecer simultaneamente rigor e apetrechamento universal e maior identificação com os problemas do meio. As dificuldades de afirmação do ensino profissional, a incipiência da orientação vocacional, a dificuldade em oferecer na escola trabalho de acompanhamento e a ainda incipiente intensidade de utilização de TIC na docência e aprendizagem são fatores largamente invocados, a que acrescem os seguintes:

- Desadequação da escola à evolução da sociedade e às áreas de interesse dos alunos;
- Tempo excessivo na escola/ carga horária, agudizado pela deslocação casa/ escola/ casa e constrangimentos na rede de transportes escolares; extensão dos programas;
- Tempo reduzido para atividades suplementares, pedagógicas ou lúdicas;
- Limitações na oferta e na procura de modalidades de apoio (aulas de apoio, apoio aos exames e afins);
- Escassez do trabalho individual com os alunos e necessidade de criar novas figuras (p.e. tutor ...)
- Reduzida diversidade de oferta educativa no ensino secundário;
- Desmotivação dos docentes e dificuldade de acrescentar novos desafios e áreas de atuação (classe envelhecida e situações diversas quanto à estabilidade do grupo profissional); limitações no perfil de desempenho do diretor de turma;
- Métodos pedagógicos pouco motivadores;
- Falta de autonomia curricular;

No que concerne especificamente à análise e tratamento das situações de insucesso foram referidas limitações na sinalização precoce das situações de risco, o que afeta a antecipação dos problemas e a atuação preventiva e reforça a tendência de manutenção das situações de insucesso. A constatação da dificuldade em reverter percursos de insucesso está também associada à dificuldade em encontrar respostas para alunos com insucesso repetido, tendo sido referida a desadequação dos percursos alternativos, face às necessidades dos jovens e expectativas das famílias, p.e. PIEF e Cursos Profissionais. Também foram referidas as perceções do corpo docente - retenção como solução pedagógica adequada – e as limitações na formação dos docentes sobre avaliação.

Em termos de rede escolar, o concelho de Miranda do Douro conta com três jardins de infância públicos e um privado, duas escolas do primeiro ciclo do ensino básico, uma escola básica (1º, 2º e 3º ciclo) e uma escola básica e secundária (2º, 3º ciclo e secundário), com oferta de cursos de Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades. Frequentam os estabelecimentos de ensino do concelho cerca de 650 alunos, verificando-se uma redução do número de estudantes ao longo dos anos.

Esta realidade é bastante preocupante porque a oferta educativa regular diversificada encontra-se limitada pela inexistência de estudantes em número suficiente que justifiquem a abertura de determinado curso como resposta adequada ao percurso vocacional do estudante e às suas aspirações. Para além desta dispersão da oferta educativa, a escassez de percursos alternativos ou, pelo menos, de uma oferta profissionalizante diversificada também introduz desigualdades no acesso ao sistema de educação.

Em suma, as condições de declínio do crescimento natural e as dificuldades de atração de novos residentes continuarão a produzir uma redução do número de alunos, encurtando a margem de manobra do concelho para, através da redução do insucesso escolar, aumentar as qualificações produzidas. Neste sentido, é fundamental quebrar os círculos viciosos que alimentam os atuais níveis de retenção e desistência e melhorar as condições e os resultados do sucesso escolar para permitir ao município desenhar novas estratégias de fixação das qualificações.

Projeto “Equipa Multidisciplinar_Miranda + Integrar/Inovar”

Este projeto está orientado para responder ao problema do insucesso e do abandono a partir de uma perspetiva integrada das condições e causas que condicionam o percurso escolar das crianças e jovens, tendo em atenção a multiplicidade de fatores que afetam o sucesso escolar -individuais, comunidade, família, escola e sistema educativo.

A intervenção a desenvolver assenta na constituição de equipas multidisciplinares que apelam a competências distintas, nomeadamente: pedagógicas, psicopedagógicas, saúde, socioeducativas, inclusão social, inclusão sociocultural, capacitação, transição para a vida ativa e envolvimento parental. É procurada uma intervenção holística que abarca a diversidade de condições que afetam o acesso ao ensino e à aprendizagem e apela a intervenções em diferentes contextos incluindo o escolar, mas numa lógica de complementaridade e articulação com as funções da escola.

Este projeto constitui uma intervenção inovadora que coloca exigências específicas à equipa, no que respeita à intervenção direta junto das crianças e jovens e na relação com os restantes agentes da comunidade educativa.

Existindo desmotivação por parte dos alunos em relação ao seu futuro profissional, o que também agudiza as situações de insucesso escolar, pretende-se dar-lhes a conhecer as potencialidades do território através da realização de Feiras das Profissões, com intervenção de agentes locais/regionais.

Tendo sido diagnosticada uma incipiente intensidade de utilização das TIC na docência e aprendizagem, levando a uma desadequação da escola à evolução da sociedade e às áreas de interesse dos alunos e métodos pedagógicos pouco motivadores, propõem-se medidas de inovação pedagógica, pretendendo com elas motivar os alunos e promover o sucesso educativo em todos os níveis de ensino.

Ainda no sentido de lutar contra a desmotivação dos alunos em relação à escola, pretende-se promover o conhecimento artístico e cultural através da realização de concursos escolares e visitas de estudo.

Principais entidades a envolver

Os principais parceiros envolvidos neste projeto são: Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro, Associação Comercial e Industrial de Miranda do Douro, Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro, Associação de Pais e Encarregados de Educação das Escolas de Sendim.

Ações de Intervenção

Ação n.º1- Equipa Multidisciplinar

A equipa multidisciplinar será constituída por técnicos de áreas distintas (psicologia, terapia da fala, animação cultural e mediação social), que trabalharão em estreita colaboração com a equipa multidisciplinar do Agrupamento de Escolas, e ainda com os restantes professores e famílias.

Os docentes deverão sinalizar os alunos com dificuldades de aprendizagem, em situação de insucesso escolar ou em perigo de abandono escolar, preenchendo uma ficha de identificação/sinalização criada para o efeito, a qual deverá ser entregue à interlocutora do Agrupamento de Escolas. Será a interlocutora o elo de ligação entre os docentes e a equipa multidisciplinar.

Identificação/Classificação:

Equipa multidisciplinar que assegura respostas multinível no combate ao insucesso escolar.

Objetivos:

- a) Promover o sucesso escolar e intervir no abandono precoce, acionando metodologias e respostas orientadas para a integração socioeducativa, igualdade

de oportunidades nos processos de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças e dos alunos(as).

- b) Promover medidas de integração e inclusão do aluno na escola tendo em conta a sua envolvência familiar e social;
- c) Reforçar a intervenção precoce e o acompanhamento personalizado, através de programas de tutoria, entre outros;
- d) Reforçar a ligação escola/família;
- e) Reforçar o trabalho colaborativo nas abordagens à promoção do sucesso escolar;
- f) Prevenir e atuar em situações de violência escolar e outros desvios.

Caracterização do público alvo/participantes diretos:

Alunos do pré-escolar ao 12º ano de escolaridade que revelem maiores dificuldades de aprendizagem, risco de abandono escolar ou comportamentos de risco.

Caracterização dos participantes indiretos, se aplicável:

Agregados familiares, professores, educadores de infância e outros membros da comunidade educativa, a identificar durante a implementação do projeto.

Localização/Realização:

Consoante as necessidades identificadas, a intervenção dos técnicos da equipa poderá realizar-se em contexto escola ou na própria família. Nas escolas e nas instalações da Câmara, existirão salas para apoiar os alunos e receber as famílias.

Problemas que se pretende resolver ou identificar:

Pretende-se com a criação de uma Equipa Multidisciplinar, contribuir para a melhoria do sucesso educativo dos alunos(as) do Concelho de Miranda do Douro, reduzindo as saídas precoces e o abandono do sistema educativo, combater as retenções e o insucesso

escolar, reforçar as medidas/ações que promovam a equidade no acesso à educação básica e secundária, contribuindo assim para melhorar a qualidade e pertinência das aprendizagens e competências.

Principais ações a desenvolver:

- a) Implementação de tutorias, sessões individuais, em pares e em grande grupo, atividades de integração e valorização das minorias étnicas, considerando sempre as especificidades de cada caso;
- b) Definição de planos de acompanhamento do qual deve constar identificação do estabelecimento de ensino, identificação do aluno(a), a problemática, o plano de ação e a concordância do encarregado de educação, a ser arquivado na sala do Município afeta à EM, e de acesso restrito ao Diretor(a) de Turma/Professor(a) Titular/ Educador de Infância, técnicos(as) envolvidos no processo e encarregado de educação, se o solicitar;
- c) Implementação de atividades complementares, tais como: concursos escolares, ocupação dos tempos não letivos, ações de capacitação parental, ações de sensibilização à comunidade educativa,... incluídas no Plano Anual de Atividades.

Metas a alcançar:

Pré-escolar: 18 alunos / ensino básico: 95 alunos / ensino secundário: 34 alunos

Considerando o número de alunos com dificuldades de aprendizagem, alterações notórias do comportamento, insucesso escolar, participações disciplinares, retenções e/ou em risco de abandono escolar, foram definidas as metas acima indicadas.

Recursos humanos e materiais:

Quatro técnicos a contratar pela Autarquia, com competências distintas nomeadamente: psicopedagógicas, saúde, socioeducativas, inclusão social, inclusão sociocultural, capacitação, transição para a vida ativa e envolvimento parental.

CrITÉRIOS/metodologia de monitorizaÇão e resultados:*

O projeto será monitorizado através dos dados fornecidos pelos técnicos e pelas escolas. Pretende-se monitorizar o número de alunos acompanhados, bem como os respetivos resultados escolares durante e após a interven o. A recolha e tratamento dos dados relativos ao sucesso escolar dos alunos será realizada através dos seguintes indicadores: diminui o da taxa de alunos com níveis negativos e a redu o da taxa de reten o e desistência serão medidas tendo em conta as notas obtidas pelos alunos em todas as disciplinas/exames quando aplicável, as aprecia es dos professores relativamente ao comportamento dos mesmos, o número de participa es disciplinares e a participa o dos alunos nos diversos projetos/concursos promovidos pelo Agrupamento de Escolas, em colabora o com o Município.

	2018	2019	2020	2021
Cronograma:	X	X	X	X

*Os cr terios/metodologias de monitoriza o e resultados poderão ser alterados ao longo do projeto consoante as necessidades verificadas.

A o n. 2- Feira das Profissões / Sessões de Esclarecimento

Pretende a autarquia em colabora o com o agrupamento de escolas, apresentar aos alunos em fase de decisão as diferentes saídas educativas, formativas e profissionais, bem como o mercado de trabalho e os recursos do território, e ainda promover a fixa o dos jovens no concelho, mostrando que em Miranda do Douro também   possível construir um “futuro positivo”.

O evento terá espaços expositivos dedicados às organiza es de ensino superior, emprego e empresariais; conferências; apresenta o de carreiras e percursos profissionais de sucesso e momentos musicais.

A Feira das Profissões, irá contar com a presença de algumas entidades, entre as quais empresários do concelho, escolas profissionais e institui es de ensino superior,

proporcionando aos alunos do concelho conhecer as atividades económicas, os perfis profissionais e as ofertas formativas e profissionais do território e da região.

Esta atividade pretende promover a fixação dos jovens no concelho através de processos de orientação educativa, formativa ou profissional.

Esta atividade será realizada uma vez por ano durante estes 3 anos, com o objetivo de dar continuidade da Feira das Profissões após a finalidade do projeto.

Identificação/Classificação

Dar a conhecer aos alunos as áreas com maior taxa de empregabilidade e ainda as potencialidades do mercado de trabalho.

Objetivos

- a) Promover a orientação dos alunos em fase de decisão as diferentes saídas educativas, formativas e profissionais;
- b) Dar a conhecer as potencialidades do mercado de trabalho local;
- c) Valorizar a educação e formação profissional;
- d) Promover a fixação dos jovens no concelho.

Caracterização do público alvo/participantes diretos

Alunos do 3º ciclo e secundário

Caraterização dos participantes indiretos, se aplicável

Não Aplicável

Localização / Realização

Escola Básica e Secundária de Miranda do Douro				
Realização Anual durante os 3 anos				
Problemas que se pretende resolver ou identificar				
<p>Responder ao problema do insucesso e do abandono a partir de uma perspetiva integrada das condições e causas que condicionam o percurso escolar das crianças e jovens;</p> <p>Desmotivação por parte dos alunos em relação ao seu futuro profissional, o que também agudiza as situações do insucesso escolar.</p>				
Metas alcançar				
Garantir que todos os alunos tenham acesso à informação das diferentes saídas educativas, formativas e profissionais.				
Recursos humanos e materiais				
<p>Os recursos humanos afetar são os serviços de orientação vocacional do agrupamento de escolas de Miranda do Douro, a equipa multidisciplinar do PIICIE, escolas profissionais, instituições de ensino superior, IEFP, ACIMD e empresários locais.</p> <p>São necessários materiais de divulgação e apoio logístico para a realização do evento anual.</p>				
Crítérios /metodologia de monitorização e resultados*				
Nº de participantes por atividade, nº de entidades envolvidas				
	2018	2019	2020	2021
Cronograma:		x	x	x

*Os critérios/metodologias de monitorização e resultados poderão ser alterados ao longo do projeto consoante as necessidades verificadas.

Ação n.º3- Inovação Pedagógica e TIC's
Pretende-se com esta ação motivar os alunos e promover o sucesso educativo em todos os níveis de ensino, permitindo que todos os alunos tenham acesso às tecnologias educativas.
Identificação/Classificação
Ações de enriquecimento curricular/ Ações de capacitação
Objetivos
<ul style="list-style-type: none">a) Aquisição de material tecnológico;b) Melhorar a rede de informática da EB1 de Miranda do Douro;c) Utilização de plataformas online;d) Aquisição de material tecnológico adaptado às especificidades das crianças com necessidades saúde especiais;e) Apoiar a intervenção na sala de aula através do suporte aos programas com uso das TIC's;f) Melhorar os circuitos de informação e comunicação entre docentes, entre docentes e alunos e ainda com o Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro para permitir, entre outros, o correto funcionamento das diversas plataformas;g) Adquirir e aprofundar conhecimentos científicos;h) Incentivar os alunos a investigar;i) Aumentar a autoestima dos alunos.
Localização ao nível adequado
Agrupamento de escolas de Miranda do Douro

Problemas que se pretende resolver ou identificar				
Com a aquisição e inovação de material tecnológico, pretende-se adequar a escola à evolução da sociedade e às áreas de interesse dos alunos e métodos pedagógicos motivadores de forma a promover o sucesso educativo em todos os níveis de ensino.				
Caracterização do público alvo/participantes diretos				
Alunos e docentes do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro				
Metas a Alcançar				
Garantir que todos os alunos tenham acesso às tecnologias educativas.				
Recursos Humanos e Materiais				
Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro; Material tecnológico				
Crítérios/ metodologia de monitorização e resultados*				
Os resultados serão monitorizados no final de cada ano letivo através do registo do número de acessos por tipo de utilizador.				
Cronograma:	2018	2019	2020	2021
		x	x	x

*Os critérios/metodologias de monitorização e resultados poderão ser alterados ao longo do projeto consoante as necessidades verificadas.

Ação n.º4 – Promoção do conhecimento artístico e cultural

Com o intuito de aumentar a autoestima dos alunos e desenvolver neles competências artísticas que irão contribuir para melhorar comportamentos e prevenir ou corrigir situações de insucesso, propõe-se:

Realização de concursos escolares na área das artes (fotografia, pintura, escultura...);

Visitas de estudo a museus, galerias de arte... com o objetivo de dar a conhecer aos alunos diferentes formas de arte.

Identificação/Classificação

Iniciativas que promovam o conhecimento artístico e cultural.

Objetivos

- a) Adquirir e aprofundar conhecimentos artísticos;
- b) Desenvolver o espírito criativo dos alunos;
- c) Permitir aos alunos contactar com diferentes formas de arte;
- d) Aumentar a autoestima dos alunos.

Caracterização do público alvo/participantes diretos

Alunos do 1º ciclo ao Ensino Secundário

Caracterização dos participantes indiretos, se aplicável:

Recursos humanos do agrupamento

Localização:

Escolas do 1º ciclo ao ensino secundário; museus e galerias de arte a definir

Problemas que se pretende resolver ou identificar:				
No sentido de lutar contra a desmotivação dos alunos em relação à escola, pretende-se promover o conhecimento artístico e cultural através da realização de concursos escolares e visitas de estudo.				
Metas a alcançar:				
Garantir que todos os alunos (1º ciclo ao secundário) tenham oportunidade de visitar os locais definidos e participar nos concursos escolares na área das artes.				
Recursos humanos e materiais				
Equipa multidisciplinar do PIICIE, agrupamento de escolas de Miranda do Douro; Transporte para as deslocações dos alunos.				
Critérios/metodologia de monitorização e resultados				
Os resultados serão monitorizados no final de cada ano letivo relativamente aos seguintes indicadores: n.º de escolas, n.º de turmas e n.º de alunos participantes.				
	2018	2019	2020	2021
Cronograma:		x	x	x

*Os critérios/metodologias de monitorização e resultados poderão ser alterados ao longo do projeto consoante as necessidades verificadas.

Indicadores:

Indicador		Unidade de Medida	Meta	Obs.
Tipo	Designação			
Realização	Alunos envolvidos nas atividades de combate ao insucesso escolar, por nível de educação (EPE, EB, ES)	Nº	147	(1) (2)
	Medidas de cada operação implementadas	%	>= 80%	(1) (2) (3)
	Municípios envolvidos na operação	Nº	1	(2)
	Agrupamentos/Escolas não agrupadas abrangidos por intervenções com vista à redução do abandono escolar e à melhoria do sucesso educativo de nível ISCED 2	%	100	(2)
	Associações de Pais envolvidas na operação	%		(2*)
	Outras entidades envolvidas na operação	%		(2*)
	Planos de Intervenção contratualizados com os agregados familiares	%		(2*)
	Jovens NEET orientados e encaminhados	%		(2*)
				*
				*
Resultado	Redução dos alunos nos 1.º, 2.º 3.º Ciclos e Secundário com níveis negativos. (4)	%	>=10%	(5)

	Redução da taxa de retenção e desistência (4)	%	>=25%	(5)
	Planos de Intervenção contratualizados com os agregados familiares concluídos	%		(2*)
	Jovens NEET orientados e encaminhados que regressam à escola	%		(2*)
	Grau de satisfação das entidades envolvidas	%		(2)
				*

- (1) Obrigatório.
- (2) Meta a definir pelo beneficiário em sede de candidatura, considerando, quando aplicável, as entidades do território de referência do projeto.
- (3) Nº ações previstas/nº de ações concluídas.
- (4) Os resultados de partida serão disponibilizados pelo Ministério da Educação. O cálculo será efetuado tendo em conta a média dos resultados obtidos por cada agrupamento/Município/CIM no conjunto dos anos letivos de 2014/2015 e 2015/2016.
- (5) Os resultados dos alunos a ter em conta serão disponibilizados pelo Ministério da Educação. O cálculo será efetuado tendo em conta a média dos resultados obtidos por cada agrupamento/Município/CIM no conjunto dos anos letivos de 2016/2017 e 2017/2018. As metas serão verificadas no final do período candidatado (36 meses). As operações serão objeto de monitorização global (CIM/Autarquia/Escola) ao longo do seu desenvolvimento, para que seja acautelado o cumprimento da meta no final. Para o efeito, o ME disponibilizará, no final de cada ano letivo, os resultados obtidos por cada CIM/Município/Agrupamento.

* Se aplicável à natureza de operação em causa.

Justificação:

Pré-escolar: 18 / Ensino Básico: 95 / Ensino Secundário: 34

Considerando o número de alunos com dificuldades de aprendizagem, alterações notórias do comportamento, insucesso escolar, participações disciplinares, retenções e/ou em risco de abandono escolar, foram definidas as metas acima indicadas.

Quanto às metas a alcançar nos resultados a contratualizar, informa-se que, quer a diminuição da taxa de alunos com níveis negativos, quer a redução da taxa de retenção e desistência serão medidos tendo em conta as notas obtidas pelos alunos em todas as disciplinas/exames quando aplicável, as apreciações dos professores relativamente ao comportamento dos mesmos, o número de participações disciplinares e a participação dos alunos nos diversos

projetos/concursos promovidos pelo Agrupamento de Escolas, em colaboração com o Município. Assim, considera-se que as metas definidas são exequíveis face ao que está previsto implementar com este projeto.

Orçamento global da operação

Descrição da Despesa	Ação/Atividade (n.º)	Rubrica (código e designação)	Ano	Total
Equipa técnica	1	3.1. Remunerações com pessoal interno	2018	89 139,20
Equipa técnica	1	3.1. Remunerações com pessoal interno	2019	89 139,20
Equipa técnica	1	3.1. Remunerações com pessoal interno	2020	89 139,21
Equipa técnica	1	4. Deslocações e estadias	2018	4 065,20
Equipa técnica	1	4. Deslocações e estadias	2019	4 065,15
Equipa técnica	1	4. Deslocações e estadias	2020	4 065,15
Equipa técnica	1	5. Encargos com informática	2018	1 968,00
Equipa técnica	1	11. Encargos gerais com a operação	2018	1 843,52
Equipa técnica	1	14. Aquisição de bens móveis e equipamentos	2018	6 044,71
Feira das Profissões	2	10. Encargos diretos com a preparação, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação da operação	2018	3 997,50
Feira das Profissões	2	10. Encargos diretos com a preparação, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação da operação	2019	3 997,50
Feira das Profissões	2	10. Encargos diretos com a preparação, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação da operação	2020	3 997,50
Aquisição de equipamento TIC	3	14. Aquisição de bens móveis e equipamentos	2018	26 804,40
Promover conhecimento artístico	4	4. Deslocações e estadias	2018	4 168,00
Promover conhecimento artístico	4	4. Deslocações e estadias	2019	4 168,00

Promover o conhecimento artístico	4	4. Deslocações e estadias	2020	4 167,99
Promover o conhecimento artístico	4	11. Encargos gerais com a operação	2018	2 987,09
Total				343 757,32 *

*Taxa de co-financiamento 85%

Projeto “Promoção da Cultura Terras de Miranda”

Este projeto está orientado para responder ao problema do insucesso e do abandono a partir de uma perspetiva integrada das condições e causas que condicionam o percurso escolar das crianças e jovens, tendo em atenção a multiplicidade de fatores que afetam o sucesso escolar -individuais, comunidade, família, escola e sistema educativo.

A intervenção a desenvolver assenta na constituição de diversos grupos com enfoque cultural, pretendendo-se alcançar o sucesso educativo promovendo atividades que irão aumentar a autoestima dos alunos, fazendo com que, mais motivados, tenham maior interesse pelos assuntos escolares e maior envolvimento na escola, procurando assim também eliminar o abandono escolar precoce. Sendo previstas várias atuações dos grupos que serão criados, pretende-se mostrar à comunidade e, mais particularmente aos pais/encarregados de educação, as capacidades dos alunos, permitindo assim aos pais dos alunos com maior insucesso orgulharem-se das potencialidades muitas vezes desconhecidas dos seus educandos. Este orgulho também irá motivar os alunos, permitindo assim obter maior sucesso. Desenvolvendo novas capacidades, nomeadamente as artísticas, os alunos poderão encarar o seu futuro profissional com outros olhos.

Através destas medidas, dar-se-á ainda cumprimento ao perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, pois serão desenvolvidas competências de cidadania, inclusão, excelência e exigência, curiosidade, reflexão e inovação.

O principal resultado pedagógico a alcançar será a redução do abandono escolar, do absentismo e do número de processos disciplinares, através do aumento da autoestima, da mudança de comportamentos através da aprendizagem da gestão de emoções dos alunos alvo do projeto e da inclusão dos mesmos na vida escolar.

Ações de Intervenção

Ação n.º1 - Constituição de grupos com enfoque na cultura local

O presente projeto integra-se na área “Oportunidades de aprendizagem - comunidade, cidadania e desenvolvimento integral”, articulando-se de forma direta com os restantes projetos que compõem o plano. O projeto materializa-se na promoção de um conjunto de atividades extracurriculares com forte ligação com a cultura local, nomeadamente:

- a) Criação de grupos de teatro
- b) Criação de grupos de Pauliteiros
- c) Criação de grupos musicais/coro mirandês
- d) Realização de workshops sobre “Artes Tradicionais Mirandesas”

Identificação/Classificação

Promoção de atividades extracurriculares com ligação à cultura local.

Objetivos

O presente projeto pretende a promoção do sucesso através de apoios complementares ao contexto escolar, que contribuam para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, culturais e artísticas:

- a) Dinamizar atividades extracurriculares;
- b) Adquirir e aprofundar conhecimentos sobre a cultura mirandesa;
- c) Divulgar, na comunidade, a cultura mirandesa;
- d) Desenvolver o espírito criativo dos alunos;
- e) Promover capacidades e talentos locais;

f) Elevar a autoestima dos alunos.
Caracterização do publico alvo/participantes diretos
Grupo de teatro e pauliteiros: alunos do ensino secundário em Miranda do Douro e 3º ciclo em Sendim; Grupos musicais / coro e workshops: alunos do pré-escolar ao 12º ano;
Caraterização e quantificação dos participantes indiretos, se aplicável
Comunidade Educativa, associação de estudantes e comunidade em geral
Localização / Realização
Agrupamento de escolas de Miranda do Douro, auditório municipal e salão de festas de Sendim
Problemas que se pretende resolver ou identificar
Este projeto está orientado para responder ao problema do insucesso e do abandono a partir de uma perspetiva integrada das condições e causas que condicionam o percurso escolar das crianças e jovens, tendo em atenção a multiplicidade de fatores que afetam o sucesso escolar -individuais, comunidade, família, escola e sistema educativo.
Metas alcançar
Pretende-se alcançar o sucesso educativo promovendo atividades que irão aumentar a auto-estima dos alunos, fazendo com que, mais motivados, tenham maior interesse pelos assuntos escolares e maior envolvimento na escola, procurando assim também eliminar o abandono escolar precoce.
Recursos humanos e materiais, se for o caso, a utilizar para o desenvolvimento da ação e a sua concretização (internos ou externos)

Associação cultural local; Agrupamento de escolas e equipa multidisciplinar; Instrumentos musicais e trajes.

Critérios /metodologia de monitorização e resultados*

Alunos envolvidos por nível de educação e de atividade

	2018	2019	2020	2021
Cronograma:		X	X	X

*Os critérios/metodologias de monitorização e resultados poderão ser alterados ao longo do projeto consoante as necessidades verificadas.

Indicadores

Indicador		Unidade de Medida	Meta	Obs.
Tipo	Designação			
Realização	Alunos envolvidos nas atividades de combate ao insucesso escolar, por nível de educação (EPE, EB, ES)	Nº	147	(1) (2)
	Medidas de cada operação implementadas	%	>= 80%	(1) (2) (3)
	Municípios envolvidos na operação	Nº	1	(2)
	Agrupamentos/Escolas não agrupadas abrangidos por intervenções com vista à redução do abandono escolar e à melhoria do sucesso educativo de nível ISCED 2	%		(2)
	Associações de Pais envolvidas na operação	%		(2*)

	Outras entidades envolvidas na operação	%		(2*)
	Planos de Intervenção contratualizados com os agregados familiares	%		(2*)
	Jovens NEET orientados e encaminhados			(2*)
				*
				*
Resultado	Redução dos alunos nos 1.º, 2.º 3.º Ciclos e Secundário com níveis negativos. (4)	%	>=10%	(5)
	Redução da taxa de retenção e desistência (4)	%	>=25%	(5)
	Planos de Intervenção contratualizados com os agregados familiares concluídos	%		(2*)
	Jovens NEET orientados e encaminhados que regressam à escola	%		(2*)
	Grau de satisfação das entidades envolvidas	%		(2)

(1) Obrigatório.

(2) Meta a definir pelo beneficiário em sede de candidatura, considerando, quando aplicável, as entidades do território de referência do projeto.

(3) N.º ações previstas/n.º de ações concluídas.

(4) Os resultados de partida serão disponibilizados pelo Ministério da Educação. O cálculo será efetuado tendo em conta a média dos resultados obtidos por cada agrupamento/Município/CIM no conjunto dos anos letivos de 2014/2015 e 2015/2016.

(5) Os resultados dos alunos a ter em conta serão disponibilizados pelo Ministério da Educação. O cálculo será efetuado tendo em conta a média dos resultados obtidos por cada agrupamento/Município/CIM no conjunto dos anos letivos de 2016/2017 e 2017/2018. As metas serão verificadas no final do período candidatado (36 meses). As operações serão objeto de monitorização global (CIM/Autarquia/Escola) ao longo do seu desenvolvimento,

para que seja acautelado o cumprimento da meta no final. Para o efeito, o ME disponibilizará, no final de cada ano letivo, os resultados obtidos por cada CIM/Município/Agrupamento.

* Se aplicável à natureza de operação em causa.

Justificação:

As características e foco do projeto não têm relação com o indicador de realização “alunos envolvidos ...”, contudo dada a sua obrigatoriedade optou-se por adotar as metas definidas para o Plano.

No caso do indicador de realização “medidas implementadas” considera-se que a meta definida é exequível face ao desenho e condições de implementação do projeto, esperando-se um elevado nível de execução.

Relativamente aos indicadores de resultado definidos como obrigatórios, constatam-se desajustamentos entre o foco do projeto e a orientação dos indicadores. Ao atuar na promoção das condições de qualidade dos projetos das equipas multidisciplinares, por via da capacitação e do fomento do trabalho em rede, estima-se um contributo indireto do projeto para a melhoria dos níveis de sucesso escolar das crianças e jovens.

Orçamento Global

Descrição da Despesa	Ação/ Ativid. (n.º)	Rubrica (código e designação)	Ano	Total
Encargos com aquisição de serviços	1	12. Outros encargos	2018	13 016,33
Encargos com aquisição de serviços	1	12. Outros encargos	2019	13 016,33
Encargos com aquisição de serviços	1	12. Outros encargos	2020	13 016,33
Encargos com a preparação de workshop's	1	7. Encargos com a promoção de encontros e seminários	2018	2 251,00
Encargos com a preparação de workshop's	1	7. Encargos com a promoção de encontros e seminários	2019	2 251,00

Encargos com a preparação de workshop's	1	7. Encargos com a promoção de encontros e seminários	2020	2 251,00
Aquisição de instrumentos musicais tradicionais para os grupos de Pauliteiros	1	11. Encargos gerais com a operação	2018	3 700,00
Aquisição de vestuário para os grupos de Pauliteiros	1	11. Encargos gerais com a operação	2018	12 400,00
Aquisição de instrumentos musicais para grupos musicais/coro mirandês	1	11. Encargos gerais com a operação	2018	7 055,47
TOTAL				68 957,46*

*Taxa de cofinanciamento 85%

Cronograma

A operação terá a duração de 36 meses e todos os projetos que integram a operação serão desenvolvidos de acordo com o calendário escolar.

Sistema de gestão, monitorização e acompanhamento do plano durante e após a sua execução

Todas as ações/ atividades dos projetos que integram o plano serão monitorizadas através da recolha de dados para cada um dos indicadores definidos. Os dados, depois de devidamente tratados e analisados serão integrados em relatórios a apresentar aos órgãos de administração e gestão das entidades envolvidas.

Prevê-se a disponibilização dos dados no final de cada ano letivo e no final da operação (3 anos).

Equipa técnica responsável pela coordenação do plano

O projeto foi elaborado de acordo com as propostas do Agrupamento de Escolas e antes do início da operação foi formalizado um protocolo entre os intervenientes (Município e Escola) definindo o seu modo de participação em cada atividade.

O projeto será coordenado pela técnica da Educação da Divisão Sociocultural do Município de Miranda do Douro, sendo a Interlocutora do Agrupamento de Escolas, o elo de ligação entre os intervenientes.

Plano de Comunicação

O projeto foi apresentado no Polivalente da Escola Básica e Secundária de Miranda do Douro à comunidade educativa e comunidade em geral através de uma apresentação pública, tendo participado na sessão de abertura o presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Dr. Artur Nunes e o Diretor do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro, Dr. António Santos. A intervenção foi realizada pelo Dr. José Fateixa, Membro da Estrutura de Missão do Programa Nacional de Sucesso Escolar. Esteve também presente o Eng. Rui Caseiro, Primeiro Secretário da CIM_TTM, para apresentação dos projetos supramunicipais, e a apresentação do projeto municipal foi realizada pela Dra. Anabela Torrão, Vereadora da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

Posteriormente, serão divulgadas as atividades e as ações junto dos principais destinatários e / ou intervenientes, a fim de alcançar o maior número de participantes.

Durante a implementação do projeto serão elaborados e apresentados relatórios com informações relativas ao número de alunos envolvidos, trabalho realizado e resultados alcançados.

Projetos Supramunicipais

Promotor	Designação dos Projetos
<p align="center">CIM-TTM Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes</p>	<p align="center">Ciência Itinerante nas Terras de Trás-os-Montes</p>
	<p align="center">Promover a Leitura e a Escrita</p>
	<p align="center">Plano de Ação para a Valorização da Educação Formação Jovem</p>
	<p align="center">Rede de Recursos Técnicos e Pedagógicos para o Sucesso Escolar</p>
	<p align="center">Promoção de Empreendedorismo</p>
	<p align="center">Dinamização da Rede Educativa e Qualificação das Terras de Trás-os-Montes</p>
	<p align="center">Estudos, Monitorização e Avaliação</p>

Anexo 2 - Revista PIICIE

combate ao insucesso escolar



**Terras de
Trás-os-Montes**
Comunidade Intermunicipal



piície

Terras de Trás-os-Montes
Plano Integrado e Inovador de
Combate ao Insucesso Escolar

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes (CIM-TTM)

Rua Visconde da Bouça, ap. 238

5300-318 Bragança

Telef. 273 327 680 - Fax: 273 331 938

E-mail: geral@cim-ttm.pt - www.cim-ttm.pt

DIREÇÃO

Rui Caseiro

COORDENAÇÃO

Elisabete Afonso, Isabel Andrade e Sónia Lavrador

DESIGN/IMPRESSÃO

Tipografia Arte Gráfica Brigantina

TIRAGEM

1500 Exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

INTRODUÇÃO

Desde há anos que, nas Terras de Trás-os-Montes, a evolução da demografia constitui um problema sério para o qual urge encontrar solução, sob pena de o território ficar, a cada ano que passa, mais despovoado, envelhecido e mais frágil a nível do seu desenvolvimento social e económico.

Em década e meia, a população das Terras de Trás-os-Montes perdeu 17.560 pessoas, ou seja, 13.83% do total da sua população, sendo que em 5 dos 9 concelhos da CIM-TTM, a população diminuiu em mais de 20%. Esta evolução negativa da demografia é marcada pela redução significativa de jovens, comprometendo seriamente o desenvolvimento económico da região por falta de mão-de-obra jovem no futuro.

Ao nível do setor da educação, foram efetuados elevados investimentos nos equipamentos escolares, tendo-se registado notáveis melhorias na escolarização e educação das crianças e jovens quer no país quer na região.

Não obstante estas melhorias, constata-se que, nas Terras de Trás-os-Montes, o insucesso escolar (traduzido no indicador *taxa de retenção e desistência*) apresenta valores superiores aos das outras NUTS III do Norte bem como à média do Continente.

Com efeito, no ensino básico, a taxa de retenção e desistência, no ano letivo de 2015/16, foi de 7,3 %, um valor muito superior à média da Região Norte (5,6 %) e à do Continente (6,6 %). No mesmo ano, no ensino secundário, manteve-se a mesma tendência: a taxa de retenção e desistência foi de 19,2 %, um valor superior à média da Região Norte (10,2 %) e à do Continente (12 %).

Da mesma forma, analisando-se os resultados do relatório PISA 2015, verifica-se que a NUTS III Terras de Trás-os-Montes apresenta valores muito baixos ao nível da literacia científica, da literacia matemática e da literacia de leitura.

É neste contexto que surge, como solução, o Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar das Terras de Trás-os-Montes (PIICIE TTM) enquadrado no Pacto para o Desenvolvimento e Coesão Territorial das Terras de Trás-os-Montes na prioridade de investimento 10.1 e que prevê um investimento total de 6.37 milhões de euros (dos quais 5,42 milhões de euros provenientes do Fundo Social Europeu).

Assim, o PIICIE expressa uma vontade estratégica da região em reforçar a atuação junto da comunidade educativa de forma a alterar a realidade que caracteriza as Terras de Trás-os-Montes ao nível do insucesso e do abandono escolares no ensino obrigatório.

Na sua conceção, o PIICIE teve por princípios orientadores o conhecimento adquirido nas escolas, o reconhecimento da importância do papel dos diferentes agentes educativos e a necessidade de aprofundar o trabalho em rede dos vários atores que formam a comunidade educativa, integrando obrigatoriamente e de forma mais comprometida, os decisores políticos e as famílias no sentido de se encontrarem respostas e soluções mais eficazes.

Pretende-se, pois, com este Plano reduzir a taxa de retenção e desistência em 25 %, atingindo-se valores abaixo de 6,0% para o ensino básico e de 15,2% para o ensino secundário.

Para o efeito, o PIICIE contempla um conjunto de 22 projetos a executar no prazo de 36 meses, sendo 7 de intervenção supramunicipal (transversais a todos os municípios), promovidos pela CIM-TTM e 15 projetos promovidos pelos municípios.

A materialização do Plano compreende um elevado número de ações que têm em conta as necessidades sentidas, a capacidade instalada e as dinâmicas próprias de cada concelho e da região. Tem incidência em todos os níveis de ensino com especial enfoque nos alunos dos primeiros anos de escolaridade.

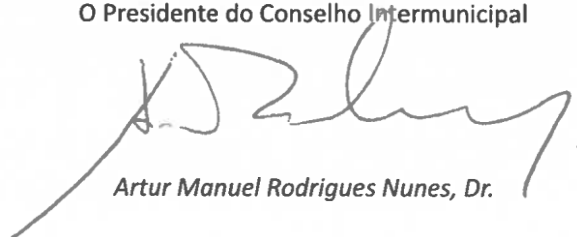
Para além disso, o Plano contempla a contratação de recursos humanos a integrar em equipas multidisciplinares, a aquisição de equipamento e material didático, a aquisição de serviços para a implementação de novas metodologias de ensino e aprendizagem num claro desafio à promoção da literacia científica, da literacia de leitura e escrita e da literacia tecnológica.

O PIICIE TTM resultou de um trabalho muito intenso e participado da comunidade educativa e da comunidade em geral, envolvendo, entre outros, os Agrupamentos Escolares/Escolas, os Municípios, as Associações de Pais, as Associações de Estudantes, a DGEstE, a ANQEP, o IEFP, os Centros de Formação, a EM-PNPSE e a Autoridade de Gestão do Norte 2020.

Em suma, pretende-se, com a implementação do PIICIE, reforçar esta rede colaborativa na convicção de que só com a cooperação e o empenho de todos é que o sucesso escolar registará valores positivos impulsionadores do desenvolvimento social e económico da região.

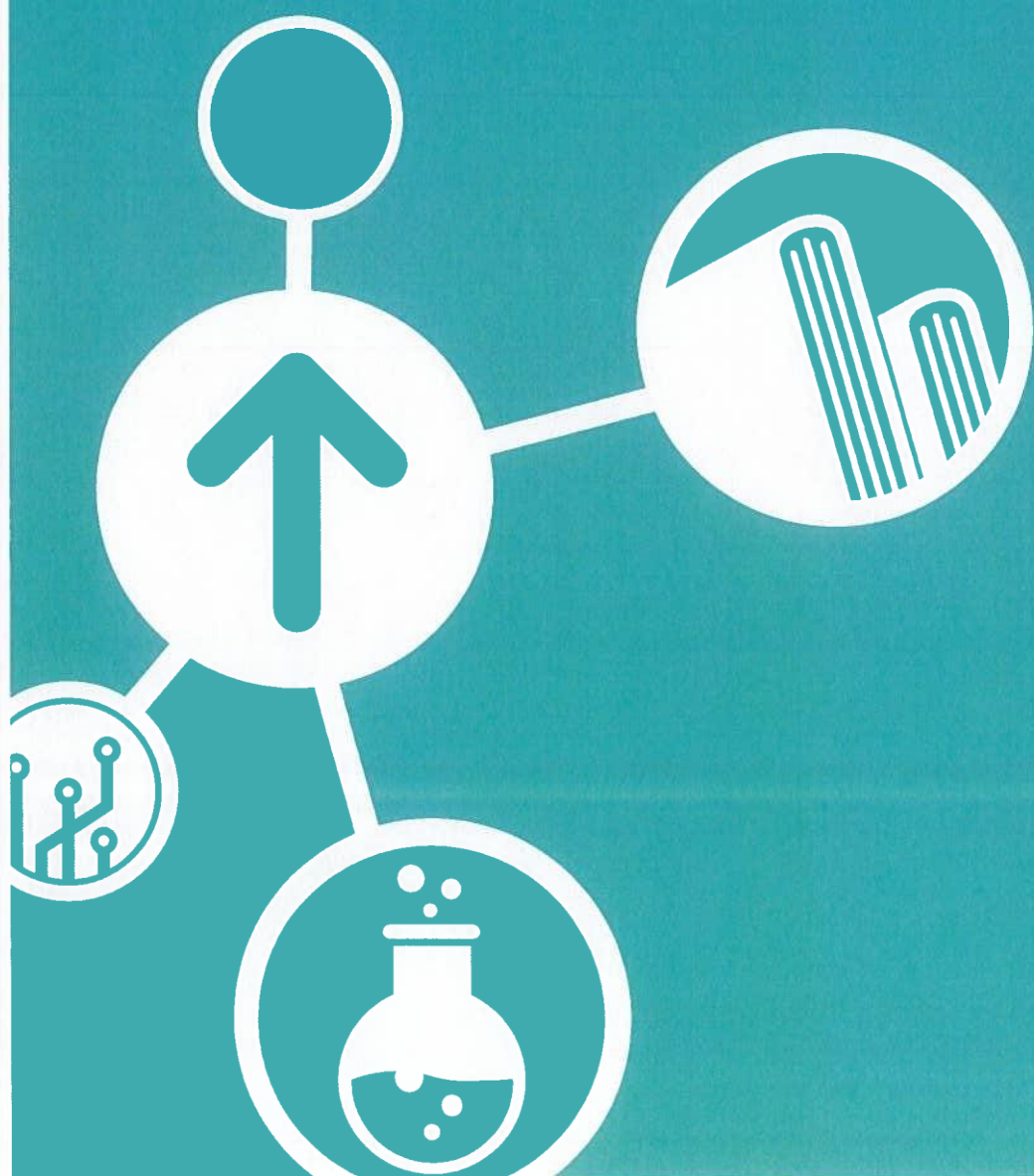
Pela primeira vez, o território olha de forma conjunta para esta problemática, desenvolvendo um plano que envolve autarquias e instituições públicas e que visa capacitar e valorizar as escolas, os professores, os assistentes operacionais, os alunos, os pais e os encarregados de educação, acreditando que é possível fazer mais e melhor.

O Presidente do Conselho Intermunicipal



Artur Manuel Rodrigues Nunes, Dr.

PROJETOS SUPRAMUNICIPAIS



PROJETOS SUPRAMUNICIPAIS

Promotor	Designação dos Projetos
CIM-TTM Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes	Ciência Itinerante nas Terras de Trás-os-Montes
	Promover a Leitura e a Escrita
	Plano de Ação para a Valorização da Educação Formação Jovem
	Rede de Recursos Técnicos e Pedagógicos para o Sucesso Escolar
	Promoção de Empreendedorismo
	Dinamização da Rede Educativa e Qualificação das Terras de Trás-os-Montes
	Estudos, Monitorização e Avaliação



Ciência itinerante nas terras de Trás-os-Montes

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivos**

- Promover uma nova abordagem metodológica no ensino-aprendizagem das ciências fundamentais e naturais, reforçando o seu ensino em práticas experimentais e em metodologias de ação/investigação e de projeto (métodos colaborativos);
- Privilegiar uma intervenção precoce no primeiro ciclo;
- Promover uma aprendizagem mais motivadora e autónoma com o uso de novas tecnologias;
- Estabelecer parcerias de apoio ao trabalho dos docentes;
- Modernizar/Apetrechar escolas com equipamentos/infraestruturas laboratoriais e TIC.

- **Ações**

- Ações de promoção das competências científicas e tecnológicas;
- Recursos de apoio às competências científicas e tecnológicas.

- **Destinatários**

- Alunos do primeiro ciclo ao terceiro ciclo;
- Docentes de Ciências (disciplinas de Física e Química, Físico-Química, Ciências Naturais e Biologia);
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 899 000 euros¹

¹ Inclui investimentos em equipamentos e materiais a afetar aos municípios



Promover a Leitura e a Escrita

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivos**

- Contribuir para um ensino mais eficaz da leitura, apostando-se na elaboração de um diagnóstico (com suporte metodológico e científico de referência, envolvendo instituições do ensino superior) dos alunos da região;
- Assegurar a implementação de novas metodologias e de novos recursos (com suporte em novas tecnologias);
- Apetrechar as bibliotecas e as escolas com recursos adequados e pertinentes;
- Promover o ensino da língua minoritária (o mirandês), pelo desenvolvimento de materiais pedagógicos estruturados, pertinentes e motivadores;
- Promover o trabalho colaborativo entre docentes e instituições de ensino superior.

- **Ações**

- Conhecer, atuar e mudar;
- Recursos educativos de apoio ao projeto;
- Estudo para a promoção da aprendizagem da língua mirandesa.

- **Destinatários**

- Alunos do pré-escolar e do primeiro ciclo do ensino básico;
- Educadores de Infância e Docentes de Português do primeiro ciclo do ensino básico;
- Agrupamentos (Biblioteca);
- Alunos que frequentam a disciplina de Mirandês;
- Docentes que lecionam a disciplina de Mirandês.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 397 000 euros¹

¹ Inclui investimentos em equipamentos e materiais a afetar aos municípios



Plano de Ação para a Valorização da Educação Formação Jovem

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivos**

- Reestruturar a rede de ensino profissional, alargando o leque de ofertas formativas;
- Aumentar o número de alunos a escolher esta opção, sem penalizar as escolas e concelhos de origem do aluno;
- Aplicar o conceito de "Turmas Partilhadas": o mesmo aluno recebe a formação geral na escola de origem e a componente vocacional na escola profissional da sua escolha.

- **Ação**

- Plano de Ação para a Valorização da Educação-Formação Jovem

- **Destinatários**

- Alunos com o 9º ano de escolaridade que pretendam seguir o ensino profissional;
- Agrupamentos das Escolas da CIM-TTM;
- Escolas de Ensino Profissional.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 353 001 euros



Rede de Recursos Técnicos e Pedagógicos para o Sucesso Escolar

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivos**

- Dotar de capacidades/conhecimentos os técnicos das equipas multidisciplinares de modo a responderem eficazmente à multiplicidade de situações e fatores associados quer à prevenção quer à remediação das dificuldades dos alunos/ famílias sinalizadas pelos Agrupamentos;
- Facultar recursos e instrumentos de apoio aos técnicos das equipas multidisciplinares e aos Agrupamentos de modo a responder à multiplicidade de fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem numa lógica de prevenção do risco e da partilha de dados para uma melhor atuação junto dos alunos e famílias em risco.

- **Ações**

Capacitação e dinamização das equipas multidisciplinares;
Passaporte do Aluno.¹

- **Destinatários**

- Técnicos das equipas multidisciplinares;
- Alunos em acompanhamento pelas equipas multidisciplinares;
- Diretores, Diretores de Turma, Conselhos de turma;
- Famílias, Encarregados de Educação e Educandos.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 140 000 euros

¹ Aguarda aprovação à data da apresentação do projeto



Promoção de Empreendedorismo

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivos**

- Desenvolver o espírito empreendedor, dinamizando competências de criatividade, espírito crítico, capacidade de tomada de decisões e autonomia;
- Implementar novas metodologias associadas a práticas colaborativas que facultam aprendizagens transversais e, por isso, transferíveis para outras áreas do saber;
- Promover o surgimento de projetos empreendedores através de concursos.

- **Ação**

- Promoção do empreendedorismo.

- **Destinatários**

- Alunos do primeiro ao terceiro ciclos do ensino básico;
- Docentes do ensino básico dos Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 72 000 euros



Dinamização da Rede Educativa e Qualificação das Terras de Trás-os-Montes

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivo**

- Garantir o cumprimento da vertente "integradora" do Plano através da criação de um Grupo Técnico de Acompanhamento (que envolverá os parceiros de relevo envolvidos na concretização do PIICIE);
- Criar um "Observatório" (que garantirá a recolha, o tratamento de informação e dados necessários à monitorização e à avaliação);
- Assegurar a continuidade das dinâmicas e conhecimentos induzidos pelo Plano no pós-operações pela capacitação das lideranças através de seminários e visitas de estudo das lideranças.

- **Ações**

- Dinamização e gestão da rede;
- Capacitação de lideranças.

- **Destinatários**

- Diretores e outros membros das Direções dos Agrupamentos;
- Coordenadores de Estabelecimento;
- Comunidade educativa e geral;
- Grupo Técnico de Acompanhamento.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 80 000 euros



Estudos, Monitorização e Avaliação

- **Promotor:** CIM-TTM

- **Objetivos**

- Produzir conhecimento sobre a realidade educativa dos concelhos da CIM-TTM (estudos realizados por instituições do ensino superior no âmbito da prática educativa, da diferenciação curricular);
- Conhecer e intervir de forma mais sustentada e eficaz no decurso e no pós-operações (pela sua divulgação pública);
- Monitorizar e avaliar o Plano de modo a aferir o cumprimento das metas, a necessidade de reajustamentos e o balanço final do PIICIE.

- **Ações**

- Estudos (um estudo sobre o currículo e o sucesso escolar e outro sobre as crenças, saberes e as práticas dos professores)
- Monitorização;
- Avaliação.

- **Destinatários**

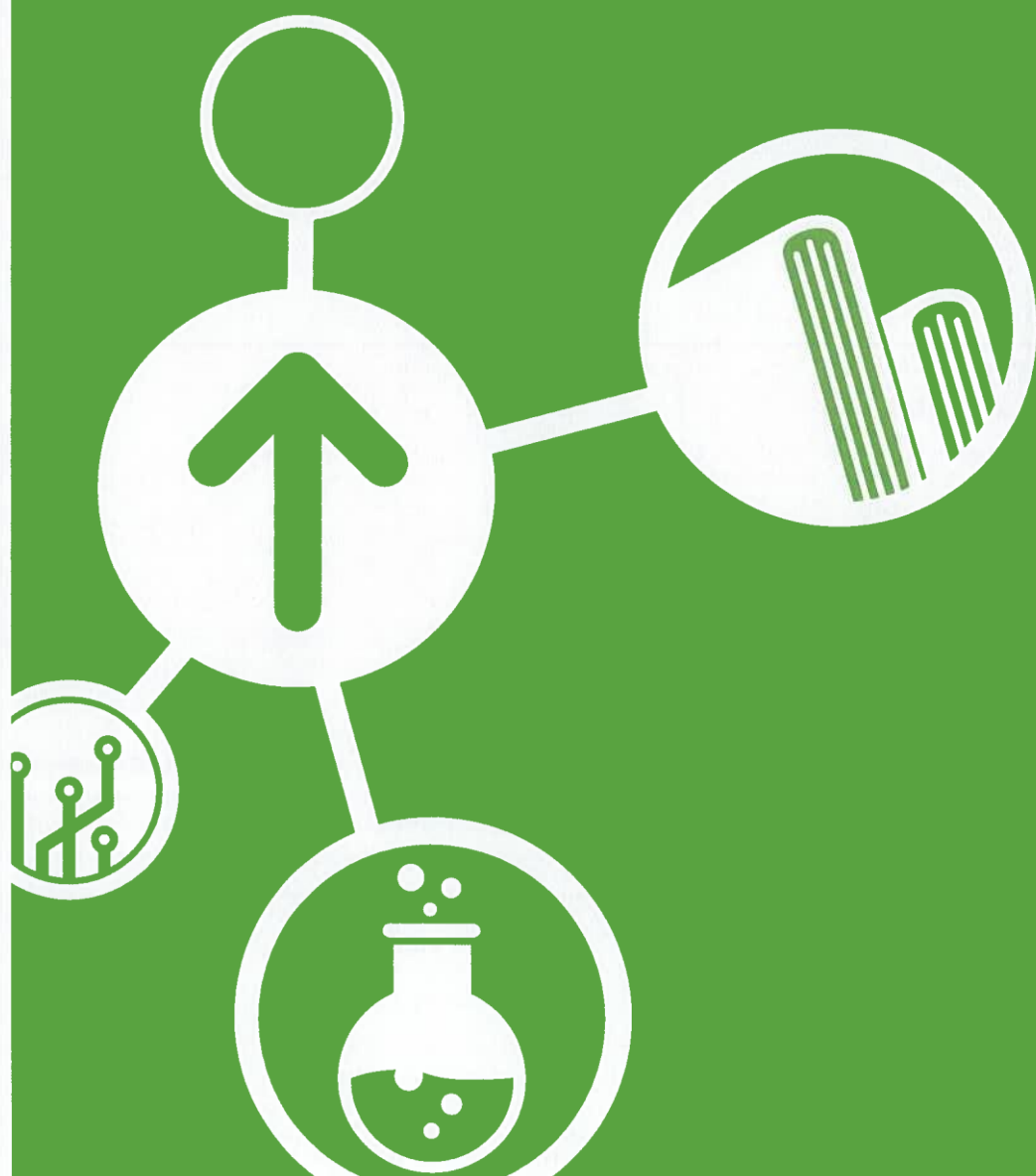
- Comunidade educativa;
- Comunidade em geral;
- Municípios e CIM-TTM;
- Parceiros envolvidos no Grupo Técnico de Acompanhamento.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamentos de Escolas da CIM-TTM;
- Municípios pertencentes à CIM-TTM.

- **Investimento Total:** 395 645 euros

PROJETOS MUNICIPAIS



PROJETOS MUNICIPAIS

Município Promotor	Designação dos Projetos
Alfândega da Fé	Dinamização das Atividades Extracurriculares
	Equipa Multidisciplinar/ Alfândega da Fé
Bragança	Bragança Acompanha - sucesso escolar
	Projeto Piloto - Prevenir para Melhorar Bragança
Macedo de Cavaleiros	Projeto Piloto - Prevenir para Melhorar Macedo
	Desafiar para motivar - Equipa Multidisciplinar de Macedo de Cavaleiros
Miranda do Douro	Equipa Multidisciplinar Miranda + Integrar/Inovar
	Promoção da Cultura "Terras de Miranda"
Mirandela	Um Outro Olhar para o Conhecimento/Aprendizagem
	Hoje Há Escola/Retorno à Aprendizagem
Mogadouro	Gabinete Técnico de Apoio ao Aluno e à Família
Vila Flor	Vila Flor +
Vimioso	Alunos Diferentes, Oportunidades Iguais
Vinhais	Equipa Multidisciplinar - Vinhais
	Projeto Piloto - Prevenir para Melhorar Vinhais



Dinamização das Atividades Extracurriculares

- **Promotor:** Município de Alfândega da Fé

- **Objetivos**

- Promover o sucesso escolar através de apoios complementares ao contexto escolar, que atuem na melhoria dos resultados escolares, nos métodos de estudo e nas atitudes perante o processo de aprendizagem:
- Promover o conhecimento científico, cultural, artístico e empreendedor;
- Criar o gosto pela aprendizagem e desenvolver um espírito de pertença e o gosto pela escola;
- Desenvolver as competências de leitura e escrita;
- Promover o conhecimento da própria e de outras comunidades;
- Promover a interculturalidade.

- **Ações**

- Incentivo ao sucesso escolar através de metodologias lúdico-didáticas ("Dramatização" e "Currículo Escolar");
- Apoio à realização de visitas de estudo e colaboração no projeto Internacionalização do Agrupamento de Escolas.

- **Destinatários**

- Alunos de todos os ciclos escolares em risco de abandono escolar ou alunos em risco de insucesso escolar;
- Todos os alunos do agrupamento desde o pré-escolar até ao secundário;
- Professores de todos os ciclos de ensino;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Alfândega da Fé (CPCJ);
- Agrupamento de Escolas de Alfândega da Fé;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação.

- **Investimento Total:** 80 000 euros



Equipa Multidisciplinar/ Alfândega da Fé

- **Promotor:** Município de Alfândega da Fé

- **Objetivos**

- Promover o sucesso escolar e intervir no abandono precoce, acionando metodologias e respostas orientadas para a integração socioeducativa, igualdade de oportunidades nos processos de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças e jovens;
- Acompanhar, de forma personalizada, os alunos que revelem situações problemáticas, nomeadamente: dificuldades de aprendizagem, falta de assiduidade, risco de abandono escolar, problemas disciplinares, comportamentos de risco, atuando preventivamente e promovendo medidas de integração e inclusão dos alunos na escola;
- Capacitar os técnicos da Equipa Multidisciplinar.

- **Ações**

- Sessões de Sensibilização e Esclarecimento;
- Gabinete de Apoio Personalizado aos alunos em risco de abandono precoce e insucesso escolar.

- **Destinatários**

- Alunos de todos os ciclos escolares em risco de abandono escolar ou alunos em risco de insucesso escolar;
- Todos os alunos do agrupamento desde o pré-escolar até ao secundário;
- Professores de todos os ciclos de ensino;
- Assistentes Operacionais do Agrupamento;
- Pais e Encarregados de Educação;
- Técnicos da Equipa Multidisciplinar;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Centro de Saúde de Alfândega da Fé;
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Alfândega da Fé (CPCJ);
- Rede Social;
- Agrupamento de Escolas de Alfândega da Fé;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação;
- Comunidade em geral

- **Investimento Total:** 277 257 euros

Bragança acompanha - sucesso escolar

- **Promotor:** Município de Bragança

- **Objetivos**

- Promover o sucesso escolar e intervir no abandono precoce, acionando metodologias e respostas orientadas para a integração socioeducativa, igualdade de oportunidades nos processos de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças e dos alunos.
- Reforçar a intervenção precoce e o acompanhamento personalizado;
- Reforçar a ligação escola/família;
- Motivar as crianças e os alunos nas suas aprendizagens através de tecnologias aliciantes e metodologias diferenciadoras;
- Reforçar o trabalho colaborativo nas abordagens à promoção do sucesso escolar.

- **Ações**

- Criação de equipa multidisciplinar;
- Partilhar para mudar (seminários de debate entre os elementos envolvidos na execução do projeto para partilha de práticas e edição de uma publicação com os resultados dos seminários).

- **Destinatários**

- Crianças e alunos que revelem maiores dificuldades de aprendizagem, risco de abandono escolar ou comportamentos de risco;
- Seus agregados familiares, como tal referenciados pelos Agrupamentos de Escolas através dos Diretores de Turma e dos Educadores de Infância ou Professores Titulares de Grupo ou Turma;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas Abade de Baçal;
- Agrupamento de Escolas Emídio Garcia;
- Agrupamento de Escolas Miguel Torga;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento de Escolas Emídio Garcia;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Agrupamento de Escolas Miguel Torga de Bragança.

- **Investimento total:** 437 000 euros



Projeto Piloto - Prevenir para Melhorar Bragança

- **Promotor:** Município de Bragança

- **Objetivos**

- Promover o sucesso educativo e prevenir o abandono escolar num contexto que manifeste a consciência da importância da mudança para a melhoria das práticas educativas e do desenvolvimento profissional;
- Desenvolver um conjunto de ações fundamentadas nas necessidades dos alunos e na literatura de referência, centradas nos primeiros níveis e ciclos de educação e ensino;
- Intervir de forma articulada na construção de um projeto de intervenção baseado nos princípios da metodologia de investigação-ação;
- Trabalhar colaborativamente (especialistas, educadores de infância, professores, direção da escola(s), pais e membros das equipas disciplinares).

- **Ação**

- Prevenir para Melhorar

- **Destinatários**

- Crianças do Ensino Pré-Escolar e Alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas Miguel Torga;
- Educadores de Infância e Professores do Agrupamento de Escolas Miguel Torga;
- Pais e encarregados de educação das crianças e alunos do Agrupamento de Escolas Miguel Torga;
- Equipa Multidisciplinar;
- Comunidade educativa em geral do Agrupamento de Escolas Miguel Torga;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas Miguel Torga;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Agrupamento de Escolas Miguel Torga de Bragança.

- **Investimento Total:** 195 257 euros



Projeto Piloto - Prevenir para Melhorar Macedo

- **Promotor:** Município de Macedo de Cavaleiros

- **Objetivos**

- Promover o sucesso educativo e prevenir o abandono escolar num contexto que manifeste a consciência da importância da mudança para a melhoria das práticas educativas e do desenvolvimento profissional;
- Desenvolver um conjunto de ações fundamentadas nas necessidades dos alunos e na literatura de referência, centradas nos primeiros níveis e ciclos de educação e ensino;
- Intervir de forma articulada na construção de um projeto de intervenção baseado nos princípios da metodologia de investigação-ação;
- Trabalhar colaborativamente (especialistas, educadores de infância, professores, direção da(s) escola(s), pais e membros das equipas disciplinares).

- **Ação**

- Prevenir para Melhorar

- **Destinatários**

- Alunos do Pré-escolar;
- Alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico;
- Pais / Encarregados de Educação;
- Docentes do Pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico;
- Equipas Multidisciplinares;
- Comunidade Educativa;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros;

- **Investimento Total:** 140 957 euros



Desafiar para motivar - Equipa Multidisciplinar de Macedo de Cavaleiros

- **Promotor:** Município de Macedo de Cavaleiros

- **Objetivos**

- Promover o sucesso educativo e intervir no abandono escolar precoce melhorando as práticas educativas e fomentando o desenvolvimento profissional;
- Desenvolver ações de acompanhamento, fundamentadas nas necessidades individuais dos discentes, por forma a resolver situações problemáticas;
- Apoiar as famílias na construção de uma visão positiva da escola;
- Implementar o *coaching* como meio catalisador de mudança e mentalidades;
- Melhorar a comunicação interna e externa do espaço escolar.

- **Ações**

- Envolver para Agir;
- Comunicar para Agir;
- Conhecer para Mudar.

- **Destinatários**

- Alunos do ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos);
- Alunos do ensino secundário em risco e/ou abandono escolar;
- Pais / Encarregados de educação;
- Pessoal docente e não docente;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação das Escolas do Concelho de Macedo de Cavaleiros.

- **Investimento Total:** 279 800 euros



Equipa Multidisciplinar Miranda + Integrar/Inovar

- **Promotor:** Município de Miranda do Douro

- **Objetivos**

- Reforçar o apoio aos alunos e comunidade escolar (Escola, Família...);
- Reforçar a cooperação escola/família;
- Sensibilizar para a cidadania e igualdade de género;
- Diagnosticar perturbações de aprendizagem (dislexia, dificuldades na fala, défice de atenção...);
- Promover estratégias individualizadas para promover o sucesso escolar;
- Promover a autonomia dos alunos;
- Melhorar comportamentos dentro e fora da sala de aulas;
- Promover o retorno à aprendizagem dos alunos que não concluíram o ensino secundário;
- Promover a orientação dos alunos para as áreas com maior oferta de emprego;
- Valorizar a educação e formação profissional;
- Apoiar a intervenção na sala de aula através do suporte aos programas com uso de novas tecnologias;
- Desenvolver o espírito criativo dos alunos;
- Aumentar a autoestima dos alunos.

- **Ações**

- Equipa multidisciplinar;
- Feira das Profissões/sessões de esclarecimento;
- Inovação tecnológica e TIC;
- Promoção do conhecimento artístico e cultural.

- **Destinatários**

- Alunos do pré-escolar ao 12º ano;
- Famílias;
- Docentes do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro;
- Comunidade educativa,
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro.

- **Investimento Total:** 343 757 euros



Promoção da Cultura “Terras de Miranda”

- **Promotor:** Município de Miranda do Douro

- **Objetivos**

- Promover o sucesso através de apoios complementares ao contexto escolar, que contribuam para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, culturais e artísticas
- Dinamizar atividades extracurriculares;
- Adquirir e aprofundar conhecimentos sobre a cultura e a identidade mirandesa;
- Divulgar, na comunidade, a cultura mirandesa;
- Desenvolver o espírito criativo dos alunos;
- Promover capacidades e talentos locais;
- Elevar a autoestima dos alunos.

- **Ações**

- Promoção da Cultura "Terras de Miranda";
- Criação de um grupo de teatro em Miranda do Douro e outro em Sendim. Durante as sessões, os alunos terão formação em interpretação, dinâmicas de expressão e artes cénicas. O produto da atividade consistirá na produção de peças de teatro que serão apresentadas à comunidade local e escolar;
- Criação um grupo de Pauliteiros em Miranda do Douro e outro em Sendim. Durante as sessões, os alunos terão formação em dança, enquadramento sociocultural e ainda em repertório de Lhaços de Pauliteiros. Os alunos dos grupos de Pauliteiros irão participar em diversos eventos culturais;
- Criação de grupos musicais e um coro mirandês em Miranda do Douro e Sendim. Os grupos irão atuar em diversas festas para a comunidade local e/ou escolar;
- Realização de workshops sobre as "Artes Tradicionais Mirandesas" com atividades que irão permitir dar a conhecer aos alunos a origem das tradições mirandesas e desenvolver novas capacidades.

- **Destinatários**

- Grupos de teatro e de Pauliteiros: Alunos do ensino secundário;
- Grupos musicais/coro e Workshops: alunos do pré-escolar ao 12º ano;
- Comunidade educativa;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro.

- **Investimento Total:** 69 000 euros



Um Outro Olhar para o Conhecimento/Aprendizagem

- **Promotor:** Município de Mirandela

- **Objetivos**

- Promover o sucesso através de apoios complementares ao contexto escolar, que contribuam para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, científicas, culturais e artísticas, bem como de atitudes adequadas perante a escola;
- Dinamizar atividades extracurriculares;
- Incentivar o desenvolvimento da criatividade e espírito empreendedor, despertando a capacidade de tomar decisões;
- Aumentar a autoestima dos/as alunos/as e as competências pessoais e sociais;
- Reforçar o trabalho colaborativo nas abordagens à promoção do sucesso escolar e criar condições para a inovação pedagógica.

- **Ações**

- Atividades extracurriculares;
- Autocapacitação das Escolas.

- **Destinatários**

- Alunos/as do 1.º, 2.º, 3.º ciclos dos ensinos básico e secundário;
- Comunidade educativa (pessoal docente e não docente);
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Mirandela;
- Santa Casa da Misericórdia de Mirandela;
- Polícia de Segurança Pública;
- Guarda Nacional Republicana;
- Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Mirandela;
- Casa do menino Jesus de Pereira.

- **Investimento Total:** 170 000 euros

Hoje Há Escola/Retorno à Aprendizagem

- **Promotor:** Município de Mirandela

- **Objetivos**

- Promover o sucesso escolar e intervir no abandono precoce e insucesso escolar, acionando metodologias e respostas orientadas para a integração socioeducativa, igualdade de oportunidades nos processos de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças e jovens;
- Envolver os pais/encarregados de educação na vida escolar dos educandos;
- Capacitar os encarregados de educação/pais para percursos educativos de sucesso;
- Diminuir os casos de indisciplina em contexto escolar;
- Promover atividades relacionadas com a inovação pedagógica em ambiente de aprendizagem e aprendizagens formais e não formais;
- Promover o retorno à aprendizagem dos cidadãos com baixo nível de escolaridade e o acesso dos mesmos a percursos de qualificação atendendo às suas necessidades, motivações e expectativas.

- **Ação**

- Gabinete de Mediação – equipa multidisciplinar.

- **Destinatários**

- Alunos/as do 1.º, 2.º, 3.º ciclos dos ensinos básico e secundário;
- Comunidade educativa (pessoal docente e não docente);
- Pais e encarregados de educação;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Mirandela;
- Santa Casa da Misericórdia de Mirandela;
- Polícia de Segurança Pública;
- Guarda Nacional Republicana;
- Consultua;
- Casa do menino Jesus de Pereira.

- **Investimento Total:** 237 257 euros



Gabinete Técnico de Apoio ao Aluno e à Família

- **Promotor:** Município de Mogadouro

- **Objetivos**

- Reforçar a capacidade de intervenção no domínio do diagnóstico, prevenção e reabilitação de condições de saúde e psicopedagógicas que afetam a aprendizagem;
- Promover o relacionamento entre a família, a escola e a comunidade e sensibilizar os pais/encarregados de educação para a participação ativa na vida escolar dos educandos e para uma parentalidade consciente;
- Dinamizar atividades lúdico- formativas, em contexto escolar e extraescolar, que contribuam para o desenvolvimento integral das crianças e jovens.

- **Ação**

- Atividades de apoio aos alunos e promoção da relação com a família

- **Destinatários**

- Alunos do pré-escolar do ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclo) e secundário;
- Pais e Encarregados de Educação;
- Docentes de todo o Agrupamento;
- Comunidade educativa;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Mogadouro;
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens;
- Associação Mogadourense de Pais e Encarregados de Educação;
- Associação de Estudantes da Escola Básica e Secundária de Mogadouro;
- Centro de Saúde de Mogadouro - Unidade Local de Saúde do Nordeste;
- Associação de Jovens Ativos Mogadourenses.

- **Investimento Total:** 392 257 euros



Vila Flor +

- **Promotor:** Município de Vila Flor

- **Objetivos**

- Criar uma equipa multidisciplinar que assegure respostas multinível em todos os níveis de ensino;
- Criar um laboratório de aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades importantes, relacionadas com as competências chave requeridas para o Século XXI;
- Acompanhar, de forma personalizada, os alunos que revelem dificuldades de aprendizagem, falta de assiduidade, risco de abandono escolar, problemas disciplinares, comportamentos de risco;
- Reforçar o trabalho colaborativo nas abordagens à promoção do sucesso escolar;
- Sensibilizar e envolver os pais/encarregados de educação para a participação ativa na vida escolar dos educandos;
- Promover competências de relacionamento entre a família, a escola e a comunidade;
- Programar e dinamizar atividades de tempos livres lúdico-pedagógicas que permitam promover o desenvolvimento pessoal e social dos jovens, adotar competências que reforcem a relação com a aprendizagem;
- Promover um ensino inovador aos alunos do 7º ano, através de novas tecnologias e metodologias, para melhores aprendizagens.

- **Ações**

- Criação de uma equipa multidisciplinar;
- Criação de uma Laboratório de Aprendizagens;
- Competências Digitais.

- **Destinatários**

- Comunidade Escolar (da Educação Pré-Escolar ao Ensino Secundário);
- Pais/Encarregados de Educação/Família;
- Professores;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Vila Flor;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação;
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens;
- Centro Social e Paroquial S. Bartolomeu;
- Santa Casa da Misericórdia;
- Associação Cultural e Recreativa de Vila Flor.

- **Investimento Total:** 362 257 euros



Alunos Diferentes, Oportunidades Iguais

- **Promotor:** Município de Vimioso

- **Objetivos**

- Promover a igualdade de oportunidades face ao ensino e à aprendizagem para todos os alunos, independentemente dos condicionalismos socioeconómicos ou outras condições de desfavorecimento;
- Criar mecanismos para o desenvolvimento de formação parental;
- Desenvolver um plano de ação tutorial para crianças e jovens de maior risco de insucesso e abandono escolar precoce;
- Promover a criação de condições diversificadas de acesso ao conhecimento, através das novas tecnologias;
- Programar atividades de tempos livres lúdico-pedagógicas;
- Promover ações de sensibilização para a educação cívica familiar nos âmbitos da sexualidade e igualdade de géneros.

- **Ações**

- Intervenção precoce, acompanhamento do processo escolar e formação parental - Equipa multidisciplinar;
- Aquisição de recursos materiais no âmbito das novas tecnologias;
- Aquisição de Serviços - Intercâmbio de experiências e concursos escolares temáticos.

- **Destinatários**

- Todos os alunos do agrupamento desde o pré-escolar até ao 3º ciclo do Ensino Básico;
- Professores de todos os ciclos de ensino;
- Pais e Encarregados de Educação;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas de Vimioso.

- **Investimento Total:** 407 257 euros



Equipa Multidisciplinar - Vinhais

- **Promotor:** Município de Vinhais

- **Objetivos**

- Promover atividades que incentivem a aprendizagem, a iniciativa e a criatividade das crianças e jovens;
- Implementar ações de formação parental reforçando o compromisso das famílias na educação e formação dos seus educandos;
- Diagnosticar problemas de aprendizagem (perturbações ao nível da comunicação, da sociabilidade, de défice de atenção, entre outros);
- Desenvolver dinâmicas de grupo para trabalhar objetivos específicos (fomentar a igualdade de género e o respeito pela diferença);
- Implementar atividades para a ocupação salutar dos tempos livres com recurso às novas tecnologias.

- **Ações**

- Criação do núcleo de interação com a comunidade escolar;
- Criação e implementação de programas de acompanhamento.

- **Destinatários**

- Alunos do Agrupamento de Escolas D. Afonso III de Vinhais;
- Pais e encarregados de educação;
- Comunidade educativa;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas D. Afonso III de Vinhais.

- **Investimento Total:** 327 257 euros



Projeto Piloto - Prevenir para Melhorar Vinhais

- **Promotor:** Município de Vinhais

- **Objetivos**

- Promover o sucesso educativo e prevenir o abandono escolar com base em novas práticas educativas e no desenvolvimento profissional, reconfigurando as abordagens no que se refere ao processo de aprendizagem;
- Desenvolver um conjunto de ações fundamentadas nas necessidades dos alunos e na literatura de referência, centradas nos primeiros níveis e ciclos de educação e ensino;
- Intervir de forma articulada na construção de um projeto de intervenção baseado nos princípios da metodologia de investigação-ação;
- Trabalhar colaborativamente (especialistas, educadores de infância, professores, direção da escola(s), pais e membros das equipas disciplinares).

- **Ação**

- Prevenir para Melhorar - Vinhais

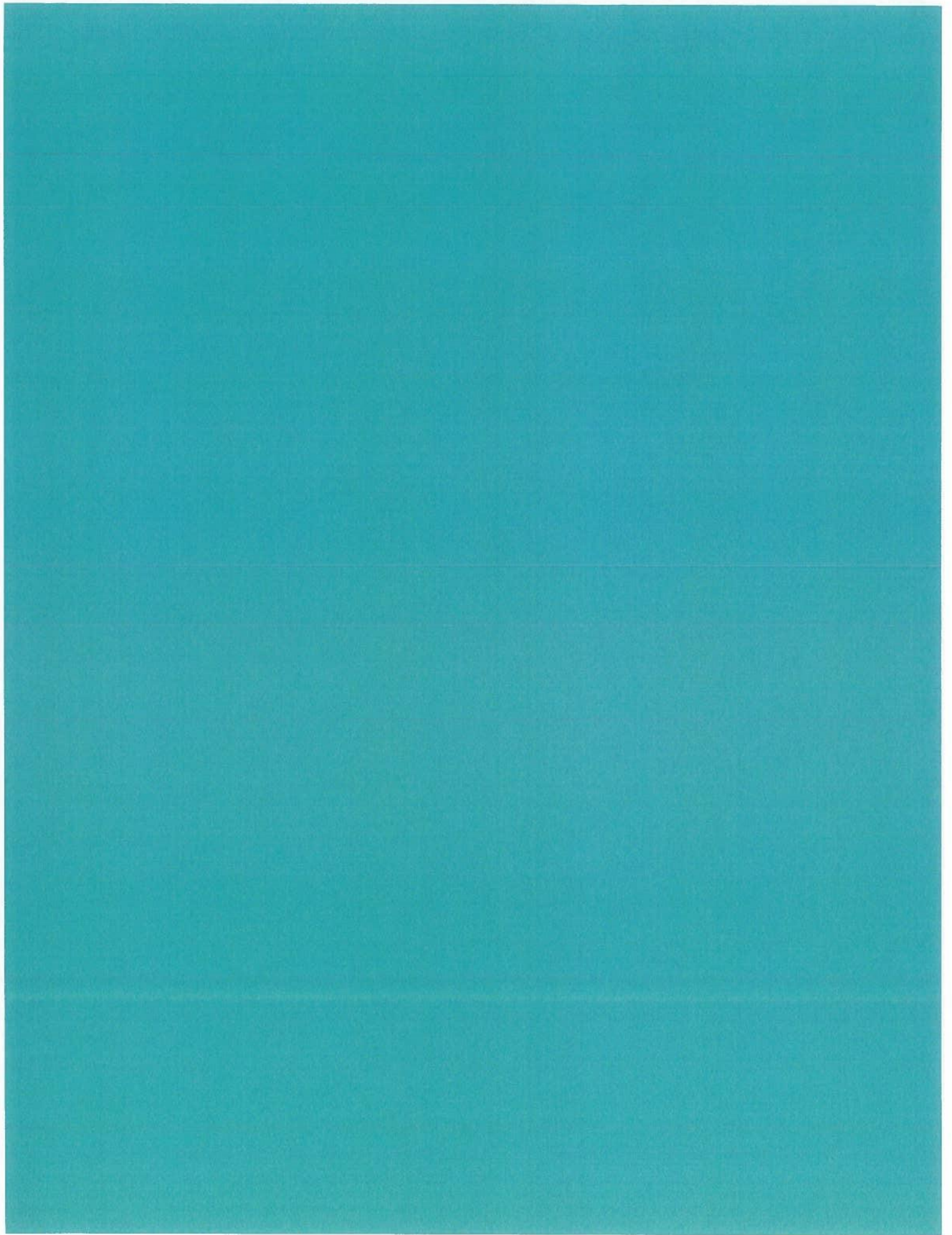
- **Destinatários**

- Alunos do Pré-escolar e do Primeiro Ciclo do Agrupamento de Escolas D. Afonso III de Vinhais;
- Educadores de Infância e Docentes do Primeiro Ciclo do Agrupamento de Escolas D. Afonso III de Vinhais;
- Equipa Multidisciplinar;
- Pais e Encarregados de Educação;
- Comunidade em geral.

- **Parceiros envolvidos na execução**

- Agrupamento de Escolas D. Afonso III de Vinhais.

- **Investimento Total:** 195 000 euros





**Terras de
Trás-os-Montes**
Comunidade Intermunicipal

NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu